

Sincronias Incertas - São Paulo 2019

Textos produzidos durante a residência



Artistas residentes: Bárbara Mello, Erika Kobayashi, Fabio Leonel de Paiva, Katharina Souza, Lucía Yáñez, Mariana Costa, Odete Machado, Tatiana Melitello

Registros individuais reunidos

Bárbara - Trajeto A

Olá... É... Bom, é isso, essa é a cidade de São Paulo, é... eu estou embaixo do Viaduto do Chá, passando agora pelo Centro de Referência da Cidadania do Idoso. Esse lugar é muito estranho. Eu nunca tinha visto ele, reparado. E eu também me pergunto por que que essa região sempre tá com o chão molhado. Acho que eles lavam à noite. Mas enfim... Agora na esquina do Shopping Light. Na minha frente tem o Shopping Light, né... Bom, eu sinto que essa parte da cidade é... uma cidade, uma parte que as pessoas não param nunca. E as pessoas que estão paradas na rua, elas são hostilizadas. Tanto pelo fato de que ou elas são moradores de rua e pessoas que estão na rua ou porque elas são possíveis vítimas de assalto e etc, as pessoas paradas. Enfim. Os pichos em São Paulo... Na minha frente agora tem um prédio, que... algumas janelas têm em cima delas um picho com as tags.. Com a mesma tag. E eu fico imaginando... meu, eu sempre fico imaginando como as pessoas sobem, né? O picho de fato, ele é além, tipo ele é uma arte muito insana e é muito louco como não é considerado, né. Existe o lado do vandalismo, mas existe o lado tão grande da performance nisso e da ação. E enfim. É muito doido sempre ver isso.

Acabei de passar pela prefeitura. Na esquerda, na minha esquerda tem, depois da avenida, a prefeitura da cidade de São Paulo, o prédio, pelo menos. Eu não tenho certeza se funciona ainda. E no topo tem um grande jardim com diversas espécies de plantas. E eu ouvi dizer que é possível você ter um tour e conhecer essas espécies, porque... Eu não sei, mas tem coisas especificamente de uma flora do Brasil... é, tipo, como se fosse uma curadoria de plantas, assim. E é muito doido ver esse grande prédio com, com essas plan... com esse terraço que é uma floresta urbana. Enfim. Eu sigo nessa rua aqui. Aqui tem a avenida à esquerda. Várias pessoas na rua. Os prédios, eles se... Essa é uma parte da cidade que eu considero especificamente árida, do centro da cidade de São Paulo. É... o sol bate muito forte aqui e ele não é, tipo, ele é refletido pelo asfalto, pelo chão, pelo concreto e ele vem diretamente, assim. Eu sinto os raios vindo diretamen..., entrando em mim, assim, o calor... Ai, nossa... Agora do meu lado, eu chego no metrô Anhangabaú e eu me deparo com um negócio que, eu não sei se é um monumento, mas é uma viga de metal, laranja e uma outra coisa... e eu fico me perguntando o que que é isso! Se isso é intencional, se isso é um acidente e aí alguém criou uma estrutura e um contexto

pra isso... Mas enfim, tá tomado por pichos e fico pensando... Que que é isso?? Enfim. Agora perto do prédio, *vai na fé, não na sorte*. Acho que é isso, tá escrito no picho ali. Enfim...

Chegando no Terminal Bandeira, é possível ver uma bandeira. E esse é um dos terminais mais intrigantes pra mim de São Paulo por conta das diversas passarelas. E eu não sei, eu sinto que, arquitetonicamente, me lembra um negócio muito, sei lá, uma coisa daquelas cidades do futuro que tem várias vias, pontes, e uma cima da outra e elas se cruzam e... Ali tem uma movimentação de pessoas. E uma coisa sobre essa área é que sempre... Bom, São Paulo tem 14 milhões de habitantes no momento, e então praticamente todos os lugares têm pessoas o tempo inteiro. Esse não é diferente, sempre tem pessoas circulando. E, como eu disse, algumas paradas, por motivos específicos ou não. Enfim. Banca Ademar. É isso. Agora chegando no Largo da Memória. É muito específico, é muito interessante, é, como essa parte tem uma angulação tão diferente e também é uma região especialmente, eu não diria, eu não sei se eu diria inóspita, é, mmm... bom, o que acontece. Chegamos no Largo da Memória. Esse lugar foi, é um dos mais marcantes pra história de São Paulo. Eu não sei exatamente, mas eu sei que ele de alguma forma fazia parte da rota, de alguma rota, ele era um marco, é... pras primeiras rotas. Tinha um rio aqui, que no caso ele tá encanado. Ele tá passando por baixo da rua, que inclusive tem alguns bueiros e a água fica constantemente saindo deles, num simulacro de um rio urbano, que, no caso... Bom, tem um nome, é o esgoto. E... ele percorre pelas ruas e vai até lá embaixo. Se você reparar bem, ele é tão constante que tem musgo nos paralelepípedos. Inclusive, isso me faz pensar sobre como é falho e a tentativa de manter os rios encanados na cidade, mas, ao mesmo tempo, eu não sei... Parece que não, mas eu acho que a longo prazo isso é uma grande merda, né. Como vários outros pensamentos urbanos. Enfim. É... esse bueiro totalmente não dá conta disso. Bom, enfim. Aqui temos um obelisco, né, que é um monumento fálico, com essa marca. Não é um espaço muito habitado. Como eu disse, as pessoas paradas, elas tão ou em situação de risco ou elas *são* a situação de risco. Obviamente, não é o meu pensamento especificamente, mas como elas são vistas, como isso é encarado pela cidade. Aqui tem um chafariz antigo, desligado. Eu tomo o caminho da esquerda, porque... pra ver. É... a água do chafariz nesse momento é um caldo. E pela esquerda eu subo a escada e é interessante como é um ponto da cidade que você... é interessante como é um ponto da cidade no alto em que você consegue olhar pelo menos 180 graus do que tá acontecendo. Dá pra ver as lotéricas, dá pra ver a rua Quirino, uma barbearia. E é muito interessante como nesse lugar específico tá tudo completamente coberto de pichações. E... Tudo, o obelisco, os prédios, a árvore, e é muito doido que eu acabei de reparar que a árvore, ela tem uma corrente ao redor dela. Que talvez ela caísse, e... e meio dentro dela a corrente. Enfim. E ela é completamente pichada. Bom, subo as escadas, agora subindo as escadas do lado esquerdo. O sol começa a atingir muito mais forte e eu chego na avenida. É isso, né. Uma alta circulação de pessoas. Ponto de ônibus. Rapidez, bora. Pá pá pá pá. *Água mineral, 2 reais*. Brigada. Não quero água.

Esse é um outro lado do metrô Anhangabaú. Há muitos camelôs. Um sinal infernal muito difícil de atravessar. Muito rápido. Big Mate - sucos e lanches. Agora na esquina da 7 de abril com a Xavier Toledo. Essa rua, ela é muito interessante também. E apesar de não ser turística. Desculpa. Pela, por conta do... Por conta de não ser turística de fato, ela é icônica, porque tem uma alta circulação de pessoas e muitos comércios icônicos e procurados são aqui. Foto na hora. Tiramos fotos 3x4. Temos carnê do INSS. Plastificação. Encadernação. Caça palavras e cruzadas, 1 real. Tiramos fotos 3x4. Foto

na hora. Vale card. Central da Sorte. Pão de queijo, café, 3,99. Lan house. Almoço. Comida caseira, 13 reais. Filé de frango calabresa bisteca omelete. Sete de Abril. Rua Sete de Abril. No lado esquerdo. O centro da cidade de São Paulo, ele é primeiro de tudo grande. Segundo, sujo, muito sujo. E terceiro, antigo. Acho que essa é a característica de qualquer centro de qualquer cidade, mas... quer dizer, exceto pela parte do grande, né. Mas pensando no centro de São Paulo, enquanto ícone, que ele é tratado assim muitas vezes, existe uma cidade inteira só nesse bairro. Porque no centro, existe o centro novo, o centro velho, o centro restaurado. E é assim com boa parte das cidades, mas eu fico pensando e observando como essa parte comercial é tão mais cheia de gente. De certa forma, tão mais cheia de vida. Mas o centro sempre é cheio de vida, porém, a diferença são quais vidas a gente repara ou não, eu acho, e o que que importa pra você. Nossa, que estranho. Loja Princesa. Deus é Fiel - é o nome da gráfica. Opa Aluga, Cascais, Magazine Bebê. Zeinab. Uma coisa muito muito muito engraçada que eu sempre reparo passando por essa rua é que *ali*, logo ali na frente, olhando da perspectiva na frente da galeria 7 de Abril, finalmente chegando à galeria 7 de abril, olhando um pouco pra frente, um pouco pra direita e um pouco acima da linha dos olhos, do outro lado da rua, você consegue ver um Kumon, e um pouco em cima, um pouco na direita do Kumon, na primeira janela que você vê, tem escrito acupuntura com fita isolante. E isso tá aí há anos, anos, anos, há muito tempo. Eu acho isso muito engraçado e muito característico. Galeria 7 de Abril. Uma coisa muito interessante sobre a cidade de São Paulo, é uma característica arquitetônica específica, que é a marca de um momento. É como se fosse uma suspensão de um momento, de uma geração, de um estilo, de... tudo isso. E, pra mim, é muito bem ilustrado quando você pensa nos bares e restaurantes de esquina, esses que têm uma, esses que têm essa estética de ladrilhos e paralelepípedos e... eu fico... é uma marca de uma época muito específica. É uma estética muito específica. Bom, entrando na galeria 7 de abril, pela parte de baixo, eu apenas sigo a faixa pra cegos, a orientação pra pessoas cegas. A primeira loja que eu me deparo à esquerda é uma loja de conserto de impressoras e fax e telefones. Eu me surpreendo absurdamente como ainda existem fax e as pessoas de fato usam. Tem inclusive umas coisas que tinham na casa dos meus pais antigamente. Enfim, tá na hora do almoço. Aqui tem PF. Todo mundo bebe uma coca, pede um PF. Vários restaurantes. Eu amo marmita. Esquenta marmita. Ganhe um suco grátis. Caraca. Queria voltar aqui depois. É muito muito estranho, mas muito legal. Aqui é uma parte de conserto de roupas em geral. O cheiro de cola de sapateiro é muito grande e específico. Breguete. Relojoa... Relojoaria Breguete. Eu amo esse anúncio, Lótus Costuras - *não costumamos roupas sujas*. Né, é uma exigência justa, eu acho. Conserta já - Sapataria e Acessórios. E agora parando um pouco e só observando essa... a saída da galeria, eu penso, dá pra ver o *I love marmita*, de novo, marmita *food e lounge*, Marmita... Marmitaria. Marmita *food*, velho, que que é isso. E meu, tem um restaurantezinho minúsculo, minúsculo aqui. Eu acho que é só um espaço, na verdade. Não é realmente um outro restaurante. Enfim, saindo da Galeria 7 de abril, eu chego diretamente numa praça. E chego diretamente na praça, atravesso a rua. Muito bom sempre olhar pros dois lados, né, afinal, não queremos morrer atropelados. Me admira essas praças no centro de São Paulo. São Paulo tem algum... O centro de São Paulo tem algumas áreas verdes. Essa é uma delas. E... Bom, é interessante, é interessante olhar as árvores. *It sushi*. Agora na esquina dessa praça, na Bráulio Gomes e... Domingo José Gaspar, a gente chega no ponto final do percurso. Existe uma saída, um bueiro com ar e uma árvore que abriga todas as coisas que saem dela.

Bárbara - trajeto B

Olá. Bom, cidade de São Paulo. Dia 1º de fevereiro. É... Eu tô aqui na frente do CRD que é o Centro de Referência de Dança.

E agora indo em direção à fonte. Tem várias estátuas e tem uma plaquinha que diz o seguinte: Fosca, 6ª ópera de Antonio Carlos Gomes. Fosca ganha força nos palcos do teatro La Scala de Milão. 16 de fevereiro de 1863. No carnaval. Bom, é uma escultura em bronze isso aqui. É muito legal como... não sei se é legal... mas enfim. Um fato é que as esculturas em bronze ficam, elas vão ficando esverdeadas por causa do processo de oxidação. A estátua da Liberdade em Nova Iorque, em algum momento ela foi tipo marrom-alaranjada. Andando ao redor da fonte... É muito bom... É muito bom andar nesse clima tão quente, insano. Mmmm... é... isso aí. Bom, aqui tem o largo e à direita, embaixo do Viaduto do Chá - eu vejo à distância isso. E vários coqueiros dão um clima muito, ah, sei lá... mmm... É muito estranho que tipo um dos jatos da fonte sai do nariz do cavalo. Não sei... Bom, agora, subindo aqui pela escada à direita, tem mais uma estátua, e nessa estátua, também levemente oxidada, eu tenho a impressão de que isso já foi restaurado antes. Toda vez que eu subo essa escada eu tenho o ímpeto de pegar na mão dela, que tá muito quente agora. É... Eu não sei porque sou eu, se é porque sou eu, mas às vezes eu tenho uma tendência a tentar me encaixar nos espaços ou... ou ver como é. Mas é um fato que a cidade e todas as outras construções humanas são feitas a partir da figura e do tamanho humano. Então de fato faz sentido que você enquanto um humano tente se encaixar nas coisas da cidade, mesmo repudie elas por serem sujas. Tem um banco agora. Tô aqui em cima e eu nunca tinha reparado, mas tem um banco e, se você senta nesse banco, você consegue ver a enorme estátua de Antonio Carlos Gomes. *Ao grande espírito brasileiro que conjugou o seu gênio à itálica inspiração. À colônia italiana no estado de São Paulo no 1º centenário da Independência do Brasil, 7 de setembro de 1922.* Eu me pergunto como essas coisas compõem a história das pessoas que de fato vivem aqui, porque, bom, porque é isso a nossa história, ela se perdeu e se afastou do nosso cotidiano de uma forma, que enfim... Olhando pra baixo e vendo a fonte dá pra ver alguns arco íris se formando no sol. Enfim... Vou continuar seguindo aqui em direção ao teatro municipal, que é uma dessas outras gigantes construções aqui de São Paulo. Tem um tour aqui, eu fiquei sabendo. Mas ontem, por exemplo, uma pessoa tinha que chegar... é... era, o tour era 5 horas já tinha pessoas às duas da tarde, fazendo uma fila grande. Então é uma atividade bem requisitada. Bom, chegando agora na esquina com o Viaduto do Chá. Na minha frente tem o shopping Light ou o shopping Luz e uma das coisas que eu acho muito icônicas de cidades grandes, metrópoles, especificamente de São Paulo, a nossa grande metrópole da América Latina, são os cruzamentos... Porque se você vê tem tantas faixas nesse cruzamento específico, que é como se fosse um grande desenho ou um padrão, uma estampa na rua de listras, porque tem realmente muitas aqui. E agora atravessando. Sempre confira os dois lados antes de atravessar e não atravesse se o sinal não estiver verde.

Teatro Municipal. Bom, aqui, se você olha pra cima, o céu é bem amplo. Você consegue ver ele, você consegue ter uma ideia, na verdade, parando aqui na frente do Teatro Municipal, você tem uma visão 360 que você consegue ver os prédios, o shopping Light, logo ali depois do shopping Luz, ou o shopping Light, tem a prefeitura e algo que sempre chama muita atenção é o grande, enorme jardim

que tem no terraço. Muitas muitas muitas muitas espécies de vegetação. Reza a lenda que tem uma visita guiada, mas quem sabe se isso é verdade ou se isso é um mito, né. Na verdade acho que é muito fácil descobrir, é só ir até lá e perguntar, mas enfim. Bom, agora... bom, tem o Teatro Municipal e no encontro com a Praça Ramos. Se você olhar pra cima, um pouco à esquerda, você consegue ver essa pintura ou lambe ou desenho, não sei muito bem, dessas pessoinhas fazendo uma forma circular. Praça Ramos de Azevedo com Praça Ramos de Azevedo: é o que indica a placa e é onde eu estou agora. Bom, atravessando a rua aqui sempre tem muitos camelôs e também um carro da polícia. Do lado dos camelôs, uma cena muito comum é você ver os camelôs correndo quando a polícia chega. Mas eu fico me perguntando... qual... Eu não sei se... tipo, qual é o critério e quem são os camelores, os camelôs, hah, que ficam? Os camelôs que estão, que são praticamente fixos. Agora tem uma CET nessa esquina. SPTrans. Pessoas falando em línguas diferentes. Bom, rua Barão de Itapetinga. Indo agora por esse caminho, à minha direita tem várias coisas. Bom, CET à minha direita, Mcdonald 's, Drogasil, à esquerda, Chocolates Brasil Cacau não é a Cacau Show. O Boticário. E tem o Condomínio Empresário ou Empreende...eu não sei o que que é. Bom, mas tem o condomínio Galeria Nova Barão, que é uma propriedade. É muito icônico e famoso em São Paulo, porque... bom, porque, não sei, é um corte de caminho entre as ruas e é um, é um caminho que as pessoas usam bastante. Enfim, né. Sei lá.

Havaí doces. É muito engraçado como São Paulo tem muito dessas lojinhas com, com várias coisas muito muito baratas assim no centro. Não que não tenha em outros lugares, na verdade isso é típico de qualquer metrópole, mas eu realmente gosto muito disso em São Paulo. Bom, agora é isso, né. É interessante nessas ruas que não, não passam carro ver o astral que elas criam nas pessoas andando e os camelôs e a falta e a ausência de carros que criam uma, de certa forma, uma hostilidade com as pessoas. E... o carro, de certa forma, ele é uma extensão do espaço privado, assim como... ele é uma extensão do espaço privado, da casa, então as pessoas, elas não têm que realmente experienciar o público, como elas experienciam quando elas pegam transporte ou andam a pé na cidade. Enfim, agora virando à esquerda as ruas, vários camelôs, tem esse camelô só de cintos, que tá aqui todo dia. Os cintos são meio caros. Essa não é a região mais barata pra se comprar coisas de São Paulo. Bolsas. Aqui tem cartório. Via Marconi. República Cosméticos. Essa incrível loja com esse incrível nome. Quer dizer, a loja não é incrível, na minha opinião, mas só o nome *Simulassão*, com dois SS e os dois SS são S2. Garbo. Up Sapatilhas, uma loja rosa choque bem destoante de todo o resto, enfim. Bom, é mais uma dessas ruas áridas e fechadas de São Paulo. É muito comum essas ruas terem uma brisa, porque cria uma corrente de ar. E agora a gente chega no fim dessa rua, no meio pro fim, mais pro fim, quase na esquina. Chegando... e eu me deparo com uma árvore, uma grande árvore. Bom aqui tem uma grande árvore, entre, na frente duma Chilli Beans, na frente da Loja X, Edifício São Lucas, Edifício Ernesto Ramos. Bom, é uma árvore insana, né. Ela é muito muito grande, ela se estende. Seus ramos, eles tocam os apartamentos e me faz pensar como o prédio em que o ramo com as folhas da árvore tá tocando lá em cima provavelmente deve ser um apartamento com uma vista e uma perspectiva melhor do que os outros, que é de vegetação. Então, quando você olha pela sua janela de longe, você vê o verde em vez de ver diretamente o prédio da frente. Essa intervenção vegetal, digamos assim, ela é muito agradável, na minha opinião. E eu gosto muito desses prédios do centro e da arquitetura deles, porque sinto que eles contam uma história muito grande, tanto da cidade, do ponto de vista arquitetônico, se a gente pensar, eles marcam uma época, um estilo, uma economia, mas também pela singularidade de cada uma das janelas ou do que a gente... a amostra que a gente consegue ter da vida

das pessoas que habitam esses lugares. Então, não dá pra ver muito bem aqui desse ponto, perto dessa árvore, mas no prédio à direita, as janelas são diferentes, a estrutura das janelas é diferente, provavelmente trocadas com o tempo. Algumas reformas devem ter acontecido. Me faz pensar qual será que é a estrutura original. Bom, enfim, seguindo um pouco mais à frente, avistando outras árvores e outra vegetação, passando pela vitrine da pizza, Pizza em Pedacos. Precisa-se de pizzaiolo com experiência. É... acho que não tá indo muito bem não, né. Fazemos pizza na hora. Almoço a partir de 9 reais. Trio Bom. 10 reais. Lanche, batata e suco. Que fome! Self service com churrasco. 18 reais por pessoa? Brigada. Com certeza eu vou voltar ali depois! Heheheh

Bom, agora chegando na esquina, eu consigo avistar uma loja chamada Desfile, o Itaú à esquerda, uma praça com uma feira, porque hoje é sexta e uma mulher vendendo com um carrinho de pudim. Isso é incrível. Bom, eu parei bem exatamente no meio das, das quatro ruas. Bem no meio. Aqui não tem nada específico, mas se você olha à sua direita. Vamo fazer um 360 graus dessa área. Olhando à sua direita, você. Bom, o que eu consigo ver é uma vista extremamente árida. Muitas pessoas, centenas de pessoas andando nas duas direções. Essa esquina, esse ângulo feito pelos prédios, acinzentados, nessa paleta de cores de cinza e bege... extremamente... é, extremamente árido. Mmmm... Olhando pro outro lado, pra esquerda, também é possível ver uma estrutura, uma rua bem parecida na verdade, só que ela é um pouco mais curta e passam carros por ela. Então todas as pessoas também passam por ela, só que espremidas no meio fio, no passeio, o que causa uma outra coisa e...é muito doido como, como quando os carros estão inseridos no espaço, no espaço urbano, na rua, isso muda toda a dinâmica das pessoas, como elas se comunicam, se orientam, caminham pela cidade, como elas colocam o seu corpo pela cidade, a atenção delas muda. Tudo muda. E, como dito antes, o clima de hostilidade realmente paira de certa forma, por conta dessa atenção redobrada. De certa forma, um perigo existe. Olhando pra trás, a rua que a gente acabou de passar e na frente a praça, da qual eu estou indo em direção agora. Bom, hoje é sexta e eu não sei se é sexta quando você estiver ouvindo este áudio, mas aqui agora tem uma feira com várias coisas. Tem essa mulher que faz, ela faz bichinhos e várias coisas de miçangas brilhantes. Muito precioso. Tem mochilas, bolsas, panos de mesa, de chão. E aí continuo andando um pouco mais. Edifício Vicentina, eu consigo ver um bueiro. Na verdade eu não sei se é exatamente um bueiro, mas uma dessas estruturas de metal, em que você anda sobre elas e você sente o vento vindo de baixo. A ideia é que você ande sobre elas agora. Talvez você não sinta o vento de cara, mas continue andando e fique em cima dela até você ver algo.

Erika - trajeto A

Começa antes de começar. Alguns “mamões”. Mamão, mamões inteiros aqui no cantinho da praça. E quem será que come, coloca essa comida? Pros passarinhos... Esse calor dá sempre vontade de procurar um pouco de sombra. As pessoas param aqui pra mexer no celular, no lugar que poderia ser protegido, que antes moravam famílias em frente ao “Creci”. “Centro de referência” é um nome bem, quase irônico, né, “Centro de referência da cidadania e do idoso”. Magina, aqui moravam várias famílias que foram despejadas. E agora ficam os resistentes ou as pessoas que procuram um pouco de sombra.

Andar pela rua Formosa exige um pouco de coragem. Né? Cada canto tem pessoas escoradas na sombra, até o cachorro para. Qualquer matinho, qualquer árvore que tem mais de um metro e meio, dois metros, qualquer árvore com mais de dois metros já forma um campo, um campo de proteção. Lugares que são muito arreganhados, né, eu acho que a palavra é arregaçar mesmo. Arregaçar. Cortaram, cortaram esse lugar bem aqui no meio e com passarelas que se chamam “autopistas”, que se chamam “viadutos”, que se chamam “pontes”, que se chamam “grandes avenidas”, cortadas, rasgando a cidade no meio. Um pouco menos estranho hoje, porque não tem sombra.

Engraçado, tem umas coisas que às vezes ficam meio organizadas, tipo um montinho de folhas, é... amontoadas, folhas varridas. Eu nunca tinha visto isso tão organizado. É, aqui à esquerda da rua Formosa já olhando pro viaduto, um moonte de tijolo entijolados como se fossem lápides. Eu acho, às vezes eu tenho a sensação de que a gente tá passando por um cemitério, um cemitério, muitos corpos aqui. Quem que, quem que decide colocar os tijolos dessa forma meio enfileiradinhos assim como se fossem lápides? Lápides de presos políticos, lápides de exilados, lápides de veteranos de guerra – sempre quando a gente vai para algum país que passou pela guerra, a gente tem as lápides dos veteranos de guerra, né. A grande homenagem ao soldado que lutou pela nação.

Eu gosto de ver pessoas sorrindo pela rua (risos). Dois, um de cada lado da calçada. Engraçado, né, tem pessoas que tão com essa alegria no rosto mesmo. Sempre acho que são uns loucos. Hoje eu vi um louco. Por que a gente chama de louco, né. Era um cara desses que mora mais na rua. (risos) Mais um (sorrindo). Era um cara desses que mora na rua e aí ele tava vestido com as roupas de lixo e era tão bonito, parecia uma saia bufante. Uma capa... Um mendigo com uma capa de super herói. Ninguém parado na frente de uma lotérica, ninguém, ninguém, ninguém tem coragem tirar aquela pessoa daquele lugar porque ele é tipo o dono rua, né.

Churrasco grego do pão francês três reais, na baguete, cinco. Eu acho caro. Porque para mim, essas coisas deviam custar tipo um real ou dois, se bem que a passagem custa quatro e trinta, né. Quatro e trinta!

Sempre tem gente dormindo pelos cantos, sempre tem gente catando lata, sempre tem gente mexendo no celular, sempre tem gente empurrando carrinho. Sempre tem gente arrastando uma malinha. Eu gosto do movimento dos carrinhos pela cidade.

É muito calor. A gente faz careta mesmo, porque... Eu não sei, cara, eu fumava, mas eu não consigo... Eu tô há uma semana sem fumar por razões mil, mas eu não consigo entender essa coisa de fumar no calor. Fumar no calor.

Esse cara que tá certo. Se eu fosse ele, eu também, ó, ia fazer que nem ele (sic), pegar uma sombrinha e dar uma dormida. Qualquer sombra é lugar de pedir arrego nesse verão. Essa história da locomoção é muito engraçada, né. Porque é isso, carrinho, bengala, bengala de cego, bengala de quem tá machucado.

Impressionante, é impressionante essa história que Odete falou do rio que vaza, vaza pelas pedras. Hoje tá um pouco mais fácil de subir por aqui. Vontade de ficar brincando igual criança brinca na água. É impressionante a força da natureza, essa história do rio que, do rio que insiste em sobreviver. Fizeram toda essa concretude no Vale, tiraram as plantas, tiraram os chás, tiraram a chácara... E aí tem um rio que insiste em correr por aqui, pelo Largo da Memória. Assim como esses matinhos, assim que criam resistência. Em cada degrau da escada, cada lugar entre um e um degrau e outro, cada aresta que separa um degrau e outro, tem um mato que nasce. Podia ser manjerição, podia ser pé de tomate, podia ser (ofegante) ai, podia ser salsinha, mas é matinho. É matinho.

É engraçado sentar aqui e olhar pros lugares que desaguam, né. Tem uma rua que ela tem... uma rua amarela. Ela tem um hotel amarelo. Olhando pra Nove de Julho, um prédio amarelo, que tem... Nossa, quem será que mora aqui? Seriam estacionamentos? Seriam moradias estudantis? Seriam vários consultórios? Seriam...? Essa cidade é muito esquisita, a gente anda aqui de frente pra árvore... Mais um, mais um lago sujo, esgoto, que se forma no buraco da calçada no pé de uma árvore ancorada com um grande cadeado.

Casal namora... É tão bonito. E as coisas todas se misturam, um cobertor, a calça suja de cocô, o olhar do amor do menino apaixonado pela garota de lenço. De novo numa sombra. Tem pessoas que sentam nessas escadas e não são necessariamente as pessoas que a gente "classificaria", né. Porque existe essa história de classificar.

Brigada!

Terminal Campo Limpo, linha 8700-10. Não é essa que me leva pra casa.

As pessoas se classificam, as pessoas que sentam na calçada, que dormem na calçada, que dormem na rua. Me dá uma puta vontade de pegar essa sombrinha e dormir na rua que nem o cara... Ai (respiração ofegante).

Ajeitar a bolsa. É isso. Às vezes eu acho que as pessoas que tão à toa, as pessoas que moram na rua têm a sensibilidade aflorada. É um mendigo usando um cobertor, um cobertor no meio de um dia de 35 graus que consegue andar no mesmo ritmo lado a lado que uma senhora que, que caminha com uma bengala. Não, não é uma bengala. É uma muleta que fica presa no braço perto do cotovelo, acoplada ao corpo... E que.... E que forma um terceiro membro de caminhada e de apoio. E ele anda no mesmo ritmo dela...

É. Nem sempre é permitido. E o que que a gente se permite, né. É tão bonito quando corpo naturalmente escolhe. A textura. A textura do pé no chão, o barulho da grade que salta. Andar por cima das grades... É uma outra sensação no pé. De vez em quando a grade dá uns pulinhos. E por que que ninguém anda em cima desses lugares que já é um caminho natural? Será que as pessoas têm medo de cair dentro do buraco? Nesse caso, é um caminho super grande, né. Eu falo que essas pessoas que tão na rua, elas sabem o que elas fazem. São elas que pedem um copo com gelo, que param na banca de fruta e pedem para alguém um copo com gelo e ganham um copo com gelo. Ele sabe muuuito mais o que ele tá fazendo nesse calor que estava vendo nesse calor do que o cara que, por exemplo,

que trabalha numa loja que vende suplementos alimentares e WHEY aqui na galeria. Angel, foto Eiffel, Nano foto, manutenção, assistência técnica, vende-se, aluga-se. Bom dia, a senhora tá bem?

Ah, foi tão tranquilo, tão tranquilo subir aquela subidona. Uau! (pausa, silêncio) Nossa, as pessoas gostam muito dessa onda de bailarina, né. Tudo bem que é uma loja de balé, mas essa história dessa bonequinha, manequim de criança bizarra de vestidinho rosa e tutu... Eu vi isso numa outra loja nessa mesma galeria, e a menininha, e as sapatilhas pendurada, a saia tão bonitinha... Acho demais, mas... cara, por que, né, que tem que ser sempre esse layout. (Ai, suspiro, pausa).

Acho que é isso, alguns lugares que são mais calmos trazem um outro respiro. A gente podia tá em qualquer lugar, saindo de uma porta bem larga que dá para uma paisagem de floresta. Um frescor.... Mesmo com tantos caminhões parados aqui na porta, atropelando, tapando toda a visão. A gente olha pro alto e vê árvore, árvore, árvore. A vida que insiste, insiste em sobreviver, né. Às vezes, plantam umas mudinhas...

Tem uma coisa muito organizada hoje nessa cidade. Eu acho que sexta-feira é o dia que o jardineiro passa aqui. Porque ele, eles amontoam as folhas que são recolhidas e fazem montinhos pelos canteiros. E não só montes sozinhos, mas também montinhos em volta das mudas de árvores e montinhos em volta das árvores. É quase uma preparação dum ritual.

Se existem essas grades entre, cercando os canteiros... Essas grades. Ou essas cercas. Isso significa que as pessoas não podem entrar? Apoiar o pé pode, porque eu tô com o pé apoiado, e tem um cara que tá olhando o celular e de chinelo havaiana que também tá com pé apoiado. Mas eu tô aqui bem no meio. Se eu decidir tirar o pé direito de cima da grade, colocar ele para dentro do canteiro e apoiar o pé esquerdo... Eu já tô do lado de dentro. E ninguém me falou nada porque nunca ninguém me fala nada. Eu faço várias coisas aqui na cidade e nunca ninguém me fala nada. Porque é isso, os pombos... Tem dois pombinhos aqui no meio desse canteiro namorando e mais um outro que está se coçando e ninguém fala nada. O pombo vai lá, bateu a asa, voou, e entrou dentro do canteiro. Eu queria andar um pouco mais aqui no meio, de verdade. Porque várias árvores marcadas com montinhos de terra no meio, elas pedem, pedem, pedem, pedem pra que algum corpo passe no meio delas correndo, passe no meio delas dançando. Assim como um outro canteiro lotado de plantas, inundado como se fosse um brejo, pede, pede que a gente entre nadando nessa selva. É muito selvagem, é muito selvagem. E o que fica à direita e à esquerda é muito uma questão de... de parâmetro. A gente sai com uma indicação de ponto de partida e de ponto de chegada. Assim como um casal que anda de mãos dadas na rua. Existe uma ponta e existe uma outra ponta. E o que acontece no meio deles? O que acontece no meio desse caminho? Um grande, um graaaande buraco, um grande buraco, um grande buraco em que váarias, várias histórias são contadas, né. Porque é isso, uma pessoa tem toda uma história de vida, a outra pessoa tem toda outra história de vida. E aí uma hora, elas só saem de mãos dadas.

Erika - trajeto B

Será que dá para comer essa jaca aqui da cidade? Eu nunca tinha reparado nesse pé de jacas. É até meio perigoso, né, cê ficar aqui na Praça Ramos tomando um sol, descansando embaixo da sombra da árvore e, pum, cai uma jaca na tua cabeça. Eu tenho dúvidas assim. Quando eu era pequena, eu gostava de comer amora, de sair da escola, roubar amora da casa dos outros. A gente saía da escola e fazia isso.

Eu acho que foi por isso que isso que limparam essa fonte. Foi para mostrar o “ordem e progresso” gigante aqui dessa estátua com três cavalos e uma mulher que é a Senhora Ordem, a Senhora Progresso, brilhando aqui no Centro de São Paulo. E aí... as outras pessoas, as outras estátuas são tipo a gente assim: uma mulher chorando, um outro se jogando pra trás se debatendo... Na verdade, ele tem uma espada caída no pé, ele levou uma punhalada e tá aqui morrendo, né. É o que tá acontecendo com a gente nesse período tão obscuro.

Por que que algumas estátuas são brancas e as outras são escuras? Claro que o grande Senhor aqui, Antônio Carlos Gomes... hmm, A música, a Ópera e as harpas... tá bom! As Artessss. As Artes de São Paulo estão todas aqui representadas no Centro, junto com esses postes que imitam a arquitetura francesa...

(Som de rua começa no fundo, é Only You do Elvis) Eu prefiro essas ruas no Carnaval. Uma das melhores coisas que acontecem durante o Carnaval é no bloco Tarado Di Você e a gente chegar e dar de cara com esse teatro e ele, cara, não ser nada. Não é nada! A gente passa aqui por essa escadaria no Carnaval e tem um moooonte de gente pulando fantasiada, e a festa tá na rua, a festa tá do lado de fora do Teatro Municipal. É incrível isso. Eu sempre desconfio dessas coisas que ficam muito guardadas do lado de dentro. Hoje por acaso, a escadaria tá vazia, tá muito calor, tá muito sol nesse horário.

Essas mulheres que ficam aqui nos postes do teatro, elas têm o peito meio amassado, um olhar meio vidrado e o peito meio amassado. Porque, meu, vamo combinar que ninguém gostaria de estar com essa coroa e esse negócio que amassa o peito. Não faz o menor sentido. Isso deve sempre representar alguma coisa, né. Esses postes aqui do Centro têm tantas flâmulas, símbolos, estrelas do Brasil... hum.

Gosto. Gosto de ver esse senhor de colete “Vendo outro”. Ai, é quente pra caramba esse colete do Vendo Outro. Mas até que dá pra passar um ventinho atrás. O senhor tá tão calmo sentado debaixo da árvore com colete Vendo Outro. Aliás, são dois. Nem parece que eles tão vendendo ouro, porque na verdade nem são eles que vendem né.

Inauguraram um negócio da CET bem aqui na esquina. A gente vê agora um monte de carro da Guarda Civil Metropolitana... E sempre um carro da CET. Será que é permitido parar aqui um carro? O senhor parar o carro e dar uma carona para alguém? Será que é permitido fazer isso? Por que que isso é permitido sem ser permitido e de repente morar numa ocupação causa tanto espanto?

Eu gosto, gosto de olhar para todos os lados, para todos os prédios, né. Desde aquele verde lá em cima da Prefeitura, que é uma selvinha particular, até as palmeiras que saem lá de baixo do Vale do Anhangabaú. Elas são sempre enfileiradinhas. E todas as ruas que se passam lá pelo miolo, que vai pro Paissandu, esses prédios. E aí gente, pum, vira o olho, já tá no meio dessa muvuca na Barão de Itapetininga. Atravessar isso na hora do almoço é quase um show de rock, né. E... e às vezes a gente dá a sorte de ter um show de rock mesmo. No caso são várias pessoas que tão amontoadas em círculo em volta de um artista de rua, uma menina bem lindinha de mão dada com a irmã, só de fralda, que inveja dela! E, cara, eu não sei o que que tá acontecendo aqui, mas não é um show de rock, é um cara que tá sendo amarrado e provavelmente ele vai sair dessas cordas sozinho. Nooossa... Isso porque a gente está só na Barão de Itapetininga. Tem lugares em que há muito mais diversidade de shows, que nem esses cartazes de “compro ticket refeição batavo copiadora cinquenta onze cópias um real, vinte e duas cópias dois reais, mas tem que ser tudo do mesmo original”. Eu li assim “mate sua fome” e eu fiquei pensando que era um bar que vendia mate. Eu tô com muita vontade de tomar mate todos esses dias, ainda não tomei.

É incrível o acúmulo, o acúmulo de coisas nessas barracas, né. É cinto com tantas fivelas diferentes, tantas cores, uma pedra vermelha, umas coisas que brilham, uns negócios dourado, cinto de couro, cinto de couro falso, cinto de couro escuro, cinto de couro claro, marrom, preto, avermelhado, bege... Aí anda mais um pouco e é bolsa bolsa bolsa bolsa. É muuuita coisa. Eu não sei porque as pessoas compram uma bolsa rosa escrito “Schultz” e ela não é da Schultz, ela é falsificada, com um pompom rosa gigante pendurada no meio. Imagina tá andando no metrô e enrosca esse pompom em alguém. Ou o tanto de pessoa que encosta nesse pompom e, putz, deixa ele todo ensebado.

Toda vez que eu passo por um orelhão, que as pessoas nem usam, cheio de adesivo de garota de programa, prostituta, sempre tem uma Erika. E essa por acaso também é baixinha, meiga, carinhosa, linda, morena. Tem o endereço dela: avenida São João, 563 apartamento 102. Sempre tem uma Erika.

Acho linda essa mulherada aqui que anda super... empoderada, né. Esses tecidos afro, colorido. Outro dia cruzei com uma rodinha e cê fala assim “meu, é uma reunião de Rainhas, de Rainhas”.

Esse barulho de carrinho é muito chato, sempre tem por aqui.

Sentar no cantinho, fumar um cigarro e mexer no celular. Eu não sei como as pessoas não têm medo de ser assaltadas. Eu não faria isso. Mentira, já fiz, várias vezes.

Suspiro ofegante. Se a gente anda pelos lugares que tem pouca gente, tem muito sol, se a gente anda pelos lugares de sombra, tem muita gente, porque tem sombra. Então, ou a gente escolhe o conforto da sensação térmica, ou o conforto da solidão.

Ontem tinha um camelô parado bem aqui na frente dessa árvore. Ai, dá até um alívio chegar aqui. Eu não entendo por que que as pessoas picham o tronco de uma árvore. Aliás, tem várias coisas que eu não entendo, né. E nem sou contra pichação, nada disso, eu gosto. Gosto de ver como que cada um escolhe se manifestar, seja desenhar um cogumelo na parede do lado da loja Bem-te-vi que vende

roupa para crianças, seja escrevendo um nome, mas pichar uma árvore assim por pichação... Se bem que os antigos faziam isso também, né, os artistas aborígenes, a arte aborígene também desenha em tronco de árvore. Mas eu tendo achar que não é só por pichação, eu tendo a achar que é porque era a superfície que eles tinham e, nessa superfície, eles produziam coisas assim como a gente tem muros, né. E, às vezes, o que acontece com uma árvore em uma cidade é isso. Ela se torna só mais uma superfície, que é uma pena, porque em São Paulo a gente precisa muito. Mas elas às vezes é só uma superfície, ou só um enfeite, só um lugar, uma coisa, um objeto restrito a um canteirinho, que às vezes dá uma sombra. Algo que atrapalha porque as raízes crescem e estouram o chão. É muito triste, né, pensar que nessa dimensão de cidade, as árvores podem ficar restritas a isso. A uma superfície, um pedaço de pau que fica no meio do caminho... Algo que marca um cruzamento... Algo que insiste em crescer...

Esse lugar da invisibilidade do observador às vezes leva a gente pra alguns cantos, pra passar no meio de coisas que normalmente a gente não passaria, né. O observador tem esse desejo ou essa característica de ser onipotente, onipresente, onisciente. E aí é quaaase como se a gente pudesse se tornar um ser invisível que passa por lugares que normalmente a gente não passaria, que vê coisas que normalmente a gente não veria, que fala coisas que normalmente a gente não falaria.

Fábio - trajeto A

Hoje é sábado, 2 de fevereiro, do ano de 2019, dia de Yemanjá, e eu tão longe do mar. Tô aqui, praticamente debaixo, agora debaixo do Viaduto do Chá, no centro velho de São Paulo. Viaduto do Chá que foi o primeiro viaduto da cidade, apesar de já não existirem mais as plantações de chá-da-índia que povoavam todos os arredores do viaduto.

Pois é, a cidade cresceu. Muita coisa mudou, mas algumas coisas permanecem porque eu fico lembrando das histórias de que os mais abastados passavam por cima do viaduto enquanto os mais pobres passavam por baixo, tendo que atravessar o antigo ribeirão Anhangabaú. Aliás né, antigo não, porque ele está vivo em algum lugar aqui, só não sei mais onde porque, afinal de contas, debaixo do Vale do Anhangabaú, que tampou todo o ribeirão, fizeram um túnel para os carros passarem. Eu fico me perguntando: Por onde passa esse ribeirão agora, se, abaixo do Vale do Anhangabaú, ainda tem túnel para carro?

Olho pra trás. Avisto o viaduto todo agora. Subo o meu olhar e avisto as nossas Torres Gêmeas. Nós também temos as nossas Torres Gêmeas. Só que ninguém nomeia assim e elas não são univitelinas. Elas são muito próximas, parecidas, da mesma altura, mas não são gêmeas univitelinas.

A forma como está aqui este canteiro é inusitada, como se fosse uma inversão: a árvore que está para adornar a cidade no fim parece adornada pelos paralelepípedos.

Sigo em frente, na direção do metrô Anhangabaú. Sempre, nestes dias de muito calor, olho pro relógio. Fica em frente à estação, marcando não só o tempo, mas também a temperatura. Esses dias fez 37, 38 graus. Hoje estamos sendo castigados menos. Está fazendo 35 graus.

... a Odete, a Odete! que tá fazendo a deriva também. Ela está ali brincando com os paralelepípedos da obra.

... sempre me pergunto: Pra que que vale uma varanda que ninguém tem acesso? Acima da estação Anhangabaú, poucos podem ter reparado, tem uma varanda incrível: grande, toda rodeada por plantas. Tem flores acima de toda a estação... mas a varanda vive vazia!

O Largo da Memória que, no começo do século XIX, ainda era a entrada e a saída da cidade, dos tropeiros. E o desenho do Largo da Memória é um desenho em “V”. É um triângulo, né? É um triângulo composto [de um lado] pela Ladeira da Memória, composto do outro lado pela rua Quirino de Andrade, que era a antiga Ladeira do Piques, e acima, o terceiro lado do triângulo, a Coronel Xavier de Toledo, que é a antiga rua do Paredão. E agora eu tô aqui, parado, em frente ao Largo, vendo toda essa escadaria e, além das árvores enormes, da Figueira que resiste até hoje, tem o obelisco aqui. Esse obelisco, assim como o Viaduto do Chá foi o primeiro viaduto da cidade, esse é o primeiro monumento da cidade de São Paulo.

Sigo subindo as escadas. Tô subindo junto com a Odete aqui, minha companheira de deriva.

Lá embaixo, a gente tem uma dinâmica, a gente tem um tempo, a gente tem um estado corporal muito diferente daqui de cima. Aqui em cima, a gente está no meio de todo mundo. Olha já as falas, as pessoas no ponto de ônibus, o cachorro, carro, semáforo...

Eu vou atravessar agora a Coronel Xavier de Toledo, que era a antiga Rua do Paredão.

Atravessei e tô chegando aqui na 7 de Abril. A 7 de Abril que antigamente era a Rua da Palha. Eu vou seguir pela antiga Rua da Palha num dia que está muito mais tranquilo para falar a verdade, né, por ser sábado. Estivemos aqui a semana toda, desde terça-feira. Então, deu para ver muito bem o ritmo, a presença das pessoas. Terça, quarta, quinta, sexta, e sábado se contrasta com todos esses dias. Eu imaginava que o contraste fosse menor. Confesso, né. Claro que não é um domingo em que tá tudo fechado, mas também percebo que não são todos os comércios, como eu imaginava, que estão abertos.

É um caminho todo cheio de retas desenhadas nas calçadas. Porque, lá embaixo, na subida pro Largo da Memória, tem uma linha assim desenhada. Agora, na antiga Rua da Palha, a gente tem também no meio da calçada. Dá até pra andar sobre essa linha de grades no chão, que é por onde eu tô andando.

Estou em frente à Galeria 7 de Abril agora. Esse centro, ele é repleto de galerias. Então, as galerias fazem parte dessa paisagem, tanto que, ao lado da Galeria 7 de Abril, logo à frente da 7 de Abril, tem a Galeria das Artes e, antes da 7 de Abril, a gente já passou por outra galeria. É curioso pensar no nome Galeria das Artes porque não tem nada artístico para se ver na Galeria das Artes. A Galeria 7 de Abril é muito mais bonita nesse sentido. A Galeria 7 de Abril, ela nos dá a chance de caminhar por cima ou por baixo, como se a gente entrasse num túnel. Eu tô entrando nesse túnel agora, mas eu ainda tô pensando na Galeria das Artes. Afinal de contas, é ao mesmo tempo por não ter arte nenhuma lá demonstrar o quanto se valoriza a arte num país como o Brasil, ao mesmo tempo também a gente vê o quanto a arte resiste nessa cidade, né? É uma cidade que insiste. Pelo menos no nome, foi mantido arte. E os artistas aqui tão sempre lutando.

Eu tô seguindo pelo túnel e é impressionante como aqui dentro tá tudo fechado hoje e, durante toda semana, era muito ocupado por muitas pessoas porque aqui é o encontro de restaurantes praticamente. Na hora do almoço, tá repleto de trabalhador aqui de todas as profissões almoçando. Eu tô em frente aos elevadores. A gente vê as artes aqui. A assinatura do artista... ele fez azulejos com desenhos que parecem quadros. Eu simplesmente acho magníficos esses azulejos. Tentei descobrir o nome do artista nessa semana. Por enquanto, sem êxito. Não tive sucesso nessa descoberta. Olha! Uma sapataria, o único comércio aberto. Tá aqui tocando uma musiquinha, e o trabalhador tá com a camisa do Nenê, o nosso jogador de basquete, o nosso famoso jogador.

Eu tô subindo aqui a rampa do final do túnel, da galeria, já que eu optei andar por baixo e tô atravessando a rua aqui adjacente à Biblioteca Mário de Andrade que tá aqui junto com a Praça Dom José Gaspar.

Mário de Andrade que, além de ser muito conhecido como um dos maiores intelectuais brasileiros, foi secretário de cultura da cidade de São Paulo e doou toda a vastíssima biblioteca dele pra cidade através do triste episódio do falecimento dele.

É engraçado porque aqui, chegando já na esquininha aqui da Praça Dom José Gaspar, eu me deparo com uma obra de arte que é uma escultura como se fosse um padre, um santo, enfim. Tem uma veste como se fosse uma túnica, e uma mão enorme de um lado, e do outro lado, da outra mão também enorme, o que se destaca é um livro que nos remete muito à ideia de bíblia, e aqui embaixo tá escrito Dante. Eu nunca entendi direito essa combinação dessa imagem com a palavra Dante, mas muito provavelmente seja uma referência à Dante Alighieri e à obra Divina Comédia. Quem inclusive me lembrou essa referência foi a Lucía, a nossa queridíssima orientadora, propositora de todas essas derivas. É engraçado porque a cidade tá repleta de símbolos religiosos, a começar pelo nome da cidade, São Paulo, e, apesar de não ter nenhuma igreja nesse curto trajeto feito, lá no começo, quando eu falei do túnel, é uma coisa que poucos reparam, mas o nome do túnel é Papa João Paulo II. Então o nosso trajeto praticamente começa com um símbolo religioso e termina com outro símbolo religioso. Ambos símbolos católicos, o que diz muito sobre a história dessa cidade, o que diz muito da história desse país.

Eu cheguei aqui na calçada que fica entre a praça... do outro lado 7 de Abril, a Rua da Palha portanto. Tá [no campo de visão] a Rua Marconi. E eu tô sobre aquela tubulação gigantesca do metrô. Tô sobre as grades, onde, nesses dias de calor, é uma delícia porque sobe um vento lá debaixo da ventilação.

Dá até pra ouvir o som da ventilação forte aqui... e, de novo, eu tô em frente a um relógio marcando o tempo e a temperatura, só que esse relógio sempre marca uma temperatura abaixo do outro porque o outro tá, de fato, no meio do sol. Esse tá sempre na sombra das árvores da Praça Dom José Gaspar. Então, aqui temos 4 graus a menos, o que é a diferença geralmente que dá entre os dois.

Eu vou encerrando às 11h44min, num relógio que, ilusoriamente, pra todos que passam, tá marcando 31 graus, quando a gente sabe que os 35 é que tão marcando mesmo a temperatura no sol de fato. Grande beijo!

Fábio - trajeto B

Estamos no bosque europeu, mas na cidade de São Paulo? Bem no centro da cidade de São Paulo?! O bosque europeu não consegue esconder as nossas delícias. Ainda que eu não goste de jaca, sempre haverá quem goste. E a jaqueira, ela tá apinhadinha, como se diz no popular.

O sol arde. Tudo brilha. O caminho é de ouro, e as esculturas... as esculturas tem pra todos os gostos. As lânguidas, repletas de erotismo. O chafariz, a água, a luz que brilha junto com a dança esguichada pra cima e pra baixo, refletida na água. E as esculturas de todos os gostos nos levam a um índio que não é índio, que é europeu, que tem tudo a ver com a nossa primeira fase do romantismo indianista, cumprindo o papel do exótico.

É... o centro tem tudo. O centro tem natureza. O centro tem arte. O centro tem literatura. O centro tem miséria. E, encostado no paredão, já próximo da escada, entre as pedras atrás da árvore, temos um morador de rua dormindo à sombra, ou pelo menos tentando dormir.

Estou dando a volta na outra escultura, da outra escada, toda debruçada e lânguida também.

A criança ia descer a escada, já toda iluminada pelo olhar. Ela vira. Olha pra todos os lados. O pai a reteve, segurou pelas mãos, e ele, ele só tem olhar pro menino. O menino agora. O menino agora correu pro parapeito aqui de cima, e o pai ficou segurando como quem puxa pra que ele não se jogue lá embaixo.

Antônio Carlos Gomes, sentado em toda a sua altivez, sobre a inscrição:

AO GRANDE ESPÍRITO BRASILEIRO
QUE CONJUGOU O SEU GÊNIO
COM A ITÁLICA INSPIRAÇÃO

À COLÔNIA ITALIANA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

NO PRIMEIRO CENTENÁRIO
DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

7 DE SETEMBRO DE 1922

Ao fundo, o Theatro Municipal. É, pra nós ele é gigante. Curioso, porque são coisas que acho que nem arquitetos conseguiriam explicar: a Praça Ramos continua depois de cruzarmos a Xavier de Toledo. Confesso que eu nunca entendi isso. Afinal de contas, não tem praça nenhuma do outro lado. Do outro lado, deveria ter a placa Theatro Municipal, porque o teatro ocupa o quarteirão inteiro. É isso que temos aqui!

Enfim, já sabemos – não de hoje – que São Paulo é realmente caótica. E a Praça Ramos, a verdadeira Praça Ramos, já está às nossas costas. A gente falando de Brasil, e o som tocando é o do Elvis Presley. O reinado da indústria cultural. Esse não poupa ninguém. Atinge a todos. Áhn! Mas a casa, ao lado do Elvis, se chama Casas Bahia. Engraçado, né?

Aqui, bem em frente ao Theatro Municipal, entre o sopé – o pé da escada – e o meio-fio: bem no centro da calçada, quando a gente avista as esculturas lá no alto e foca só nelas, sobretudo as que estão representando a MVSICA ou as que estão representando o DRAMA. De preferência não no centro do teatro. De preferência aqui, perto da música, quase de frente mesmo. De frente. Se a gente focar pras esculturas lá no alto, junto com o céu azul, sem limites, infinito, e as nuvens rodando lentamente, e o sol queimando tudo, a impressão que dá é que as esculturas realmente são deuses que estão descendo ou subindo. Na verdade, são deuses que estão subindo, e não descendo, porque elas crescem quando a gente olha pra elas observando o céu.

E eu continuo. Após toda a poesia. A população de moradores de rua, indigentes, e a concentração no canto do teatro é enorme. Curioso, né, os vitrais foram feitos pra quem está dentro e não pra quem está fora. Seria isso um sinal de que só os de dentro têm direito à beleza? É... é uma pergunta que eu deixo no ar.

Paro bem na esquina, observo a rua lateral que vai desembocar no Largo do Paissandu. Vejo seus prédios, toda a arquitetura misturada com a pichação. A pichação é um elemento totalmente presente. Eu vô observando tudo o que posso, as árvores... A gente ainda tem verde, apesar de tudo. Muitas vezes parece que não, mas temos. Viro pra Barão de Itapetininga. Vejo o postinho da Guarda Civil Metropolitana na esquina, mas o grafite do prédio em frente é um espetáculo à parte. No prédio com as sacadinhas tortas, sacadinhas que chegam a chamar a atenção pela geometria, o grafite nos avisa que há vida humana presente. É um desenho que, se não repararmos bem, não percebemos que é todo repleto e feito, composto de figuras humanas, de corpos(,) de pessoas.

Sigo olhando. O mesmo prédio do outro lado tem uma inscrição que parece hieroglifo egípcio. Observo a Conselheiro Crispiniano. Há um grande convite pra olhar pra cima, pras árvores, pra esses postes que só temos no centro velho. O centro é velho, mas a idade real é essa da época do imperialismo americano. O McDonald's não me deixa mentir. Ele está bem de frente pra entrada da Galeria Nova Barão.

Bom, a banca de jornal abriga mais um morador de rua. Eles... eles compõem a paisagem. Eles não fazem... parte da paisagem apenas. Eles a constroem. Mesmo assim, repele tantos olhares.

De frente pra Marconi, que ironicamente ou felizmente, é o nome de um cientista do final do século XIX, que faleceu em 1937. Nós, uma cultura tão anti-intelectualista, homenageando um cientista. Pelo menos no centro velho, a gente se depara com essas coisas. Não digo o mesmo pro restante da cidade. Mas, voltando à Marconi, os fios segurando os globos da iluminação pública nos lembram aqueles balõezinhos de festa de São João. Só que aqui, aqui é algo fixo. Aqui, a gente vai ver o ano inteiro. Quer dizer, a maioria não irá nem reparar.

Passo pelos orelhões... até isso?! Até orelhão público na era dos celulares? Pois é. O orelhão só não é mais de ficha. Agora usamos cartões. Quer dizer, usamos não. Apenas os que ainda usam telefones públicos.

A loja rosa, número 100. Ela é 100% rosa, com exceção das inscrições brancas. Que coisa! Até no alto dos prédios a gente ainda enxerga fios de alta tensão. Curioso porque mal daria pra entrar pelas janelas. A maioria tem grades já.

A Sabrina empresta o seu nome à perfumaria, mas o contraste permanece, pois ao lado temos o Chilli Beans Outlet. O pão de queijo mineiro também dá nome a uma lanchonete, e eu paro na árvore frondosa, altiva, espetacular, que insiste em viver e vive. E vive e dá vida, mesmo que tenham concretado todas as suas raízes. Como pode ter tanta força? Como pode suportar a dor? A dor que os homens lhe impingem. Dor. Será que árvore sente dor? Não sei. Eu sei que, antes de sair, eu abraço e me despeço dela com abraço. Aparentemente, ninguém tá dando bola. Ninguém tá perguntando se eu sou louco, se eu sou sentimental. E eu prossigo.

Hum! Só Na Sapatilha já me faz pensar na dança. Dá vontade de entrar e falar assim: “Quais sapatilhas vocês têm pra dança?” Mas, por um olhar superficial, eu diria que nenhuma. Eu passo pela segunda e última árvore da rua, bem menor, mas essa pelo menos deram terra pra ela se manter de pé. E a rua se encerra com um poste de cada lado, desses que só temos aqui e em mais lugar nenhum da cidade. Os postes antigos. Eu adoro! Inclusive, por não termos passado do outro lado da calçada no Theatro Municipal, eu acabei não falando do pedacinho de trilho do bonde que deixaram como lembrança, memória. Memória que respeitamos tão pouco na nossa cidade.

De quintas e sextas, logo após atravessar a 7 de Abril – e eu não fiz nenhum comentário sobre a 7 de Abril, ficou logo atrás de nós –, temos uma feirinha de artesanato. Ela só acontece às quintas e sextas.

E agora, sobre as grades que estão abaixo dos meus pés, sobe um vento. Um vento que... [risadinhas de uma mulher ao fundo] bem no momento que eu tava falando, acabou levantando completamente o vestido de uma transeunte na minha frente. Claro, ela ficou toda constrangida, abaixou o vestido e saiu correndo, com um grito sussurrado quase.

E sobre a outra grade, eu sinto esse vento, esse vento que refresca o meu corpo nesse dia de verão. Nesse primeiro de fevereiro de 2019.

Muito obrigado! É isso.

Katharina - trajeto A

Agora sim mais uma deriva. Eu faço tantas.

Agora eu tô aqui passando pelo, por baixo do Viaduto do Chá. Quando eu era pequena, eu de fato achava que ele era composto de xícaras de chá. Mas com certeza tem uma história pra isso. E é muito lindo o que tem em volta dele que são umas escadas. Por baixo e sempre tem uns shows. Quando não tem ninguém, também é show, porque é uma sombra, é um corredor de vento. Mas era um lugar onde passava um rio também. E aí hoje tem ruas. Que eu vou atravessar agora mesmo uma delas.

Se eu olho para trás, eu vejo a cúpula do Municipal. Se eu olho pra esquerda, eu vejo o prédio da prefeitura, que tem aquele jardim que ainda é um mistério pra mim.

E eu vou seguindo. Num ritmo bem mais lento, que o das outras pessoas. Mas é o meu ritmo esse também. É bom ter autorização pra ir devagar. E ir encostando nas muretas. Tem umas coisas, que a gente tá sozinho que a gente vê e ninguém mais vê. Tipo essa brincadeira pela grama na calçada, onde tem umas pedras e uns paralelepípedos e a gente pode ir pisando só nelas. Vamo brincar de só pisar nos paralelepípedos. Era muito chato! A minha sobrinha fazia isso o tempo todo. Mas de vez em quando é legal. E a gente pode parar do lado da árvore. Ela é uma árvore que parece uma cobra, toda sinuosa e bem grossa.

Do lado da calçada, pra rua, não tem nada. Ou pelo menos eu não vi. Mas do lado da grama tem umas coisas pintadas em azul e em branco. Mas o que eu mostraria pra alguém se tivesse sozinha são essas curvas dela. E vou seguindo... Eu queria às vezes que o meu cérebro tivesse uma... lente fotográfica assim... que as memórias de fato ficassem gravadas. As memórias não, as imagens. E é aí eu mostraria pra pessoa depois. Mas eu não sei se ela sentiria o calor que eu tô sentindo, com essas imagens. Vamo brincar de só pisar nos paralelepípedos. Um pé em cada um, sem pisar nos vãos. Alguma pessoa se colocou à disposição. E outra tá disposta no chão. Disposta no chão ainda perto da sombra de um arbusto bem grande hibiscos.

Eu continuo do lado da calçada mais larga, de frente prum prédio que tem uma lanchonete embaixo, a padaria nobre. Em cima as pessoas que moram lá são nobres? Sentimentos nobres. E do lado de lá, das passarelas e dos viadutos, tem prédios que parecem desenhados, como se alguém tivesse pegado o céu e desenhado nele com o céu de fundo. Não tem chão.

Do outro lado, do lado da padaria nobre, tem chão. Aliás, não é uma padaria nobre, é uma Bandeira Nobre. Restaurante e lanchonete.

E agora eu atravesso pra calçada que ficou mais larga, a outra, que tava do outro lado antes. Aqui vindo pro Largo da Memória. Seguindo essa linha no chão... que por acaso tá aqui. Há pouco tempo tinha uma moça que parecia que não vivia na rua, porque a roupa dela tava limpa e o cabelo dela tava arrumado, mas parecia que ela tava dormindo aí há algumas horas.

Hoje tem mais pessoas sentadas na praça. Tem mais pessoas me olhando também. Outro dia parecia que eu era invisível. Se eu me virar para trás, não tem ninguém me olhando! Mas hoje aqui tá mais habitado. Tem gente tomando sorvete, falando no celular, sentado nas escadas. Outro dia tava suuuujo... hoje o lixeiro já passou, que eu já vi ele, a gente se deu boa tarde. Mas se é antes do almoço, é bom dia. Caso você não almoce no dia, aí eu não sei o que guia. Se não um macarrão caindo da boca de alguém, que tá sentado aqui. Uma marmitinha que sobrou de outra pessoa, numa caixinha do China in Box. Uma caixinha velha de sorvete que veio ficar com ele. Acho que ele deu sorte hoje.

Acho que eu vou me encostar um pouco também, porque é a segunda vez que eu passo aqui e não tem onde me encostar. Ter, tem. Mas não tinha sentido essa vontade.

Aqui de onde eu tô, eu tô vendo outro restaurante e lanchonete, na praça. E do outro lado da rua tem uma loja das lotéricas. Esse restaurante e lanchonete, ele tem um toldo vermelho que parece tá sustentando todas as pessoas que moram em cima dele no prédio. Eu acho esse prédio bem simpático, mas eu acho que alguma coisa com tijolinhos dele, na varanda, nas janelas. E esse outro hotel, desses que devem ter vários cartazes contra o abuso sexual infantil, também é simpático. Mas se eu prefiro pensar que os cartazes são eficientes na mensagem.

Tem um pessoal aqui que veio fazer um piquenique. Umas garrafas pet cheias de suco. Uma alegria de dividir essa garrafa aí. Faz tempo que eu não faço nenhum piquenique. Se eu fizesse, não sei se seria aqui, porque aqui tem uns pombos estranhos, sabe? Tem uns lugares que tem muito pombo. Todo parque tem, mas os pombos daqui, eles são muito arrepiados. Parece que eles são muito sofredores.

E eu vou seguindo. Subindo mais quatro degraus. No último deles tem um buraco que tá acumulando uma água. Eu acho que não dá dengue não. Nos vãos, tem um pessoal dormindo e descansando, da rua.

E eu sigo me esgueirando por um dos lados da escada que tem sombra, a sombra da árvore e a sombra de uma parede construída com pedras.

Aqui é muito lindo. Mas nem sempre dá vontade de ficar. E eu vou subindo, vendo o formato dos prédios. Tem um hotelzinho simpático, que é meio quadradinho e tem alguma coisa meio de antiga, no terraço dele. Depois tem esses prédios que são arredondados. E lá em cima eu vejo o relógio do Hotel Jaguará. Esses dias a gente descobriu que do hotel jaguará sai um tour pelo centro de São Paulo e que é possível ganhar lencinhos nele. Tem muito mais prédio aqui do que eu imaginava. Eu viro pra direita como se fosse pro ponto de ônibus. Ainda é um ponto de sombra das árvores do Largo da Memória. E tem um pessoal que para para vender as suas coisinhas também. Eu vou aproveitar o sinal aberto e já vou atravessar. A Xavier de Toledo pra Sete de Abril. Dá tempo de olhar rapidinho o coala azul pintado atrás da banca de jornal.

Tem uns grafites que nem o do coala, que a gente acha divertido. Mas se eu me encostar aqui na banca e olhar pra esquina, eu vou ver a pintura na lateral de um prédio que é uma pintura de verão abstrata. E atrás dele parece que um prédio nasceu sem aviso. Ou então envelheceu sem aviso. Beeem na pontinha dele, tem uma plantinha que eu acho que tá num vaso que alguém se preocupa de cuidar. E aí eu sigo pela Sete de Abril. Tem outros, outros grafites. Nas paredes dos prédios. Tem umas árvores meio, aahh, meio impertinentes assim no meio desse movimento de pessoas, de carros nem tanto, mas o barulho deles tá aqui. Tem uma árvore que parece tá despencando. Se a gente parar aqui na loja de capinhas de celulares e olhar pra ela, ela tá despencando. Mas eu vou te dizer que, se você chegar mais perto, você vai ver que ela tá crescendo para cima, que ela é tipo um pinheiro. E agora eu tô vendo que tem espaço para muitas outras delas. Mais árvores. Mais árvores. Impertinentes.

Eu fico tentando me desviar da fumaça dos cigarros. E acabo no meio da conversa de duas pessoas, que abriram o rumo pra eu ficar bem no meio da passagem deles. Tem um pessoal esperando alguma coisa aqui. Essa conversa que eu interceptei, parece que ela nunca existiu, porque as pessoas elas tavam se falando e de repente se distanciaram e eu acho que eu não fui a única razão.

E aí eu vou entrar aqui na galeria Sete de Abril, porque é um alívio, nossa. Aqui eu posso tirar um pouco o meu chapéu, olhar mais um pouco pra esses prédios estranhos, pros azulejos pintados de uma outra galeria, que tem atravessando a rua. Eu queria mais prédios redondos. É um pouco esquisito, eu não sei se eu teria... Se algum dia fosse construir uma casa, quem sabe um prédio, se eu faria uma bancada redonda. Essas polaróides são muito lindas coloridas. Que fofura. Elas são meio caras também. Elas parecem umas corujas que tem do outro lado numa outra loja de máquina. Tem muita máquina aqui. Eu lembrei que eu vim aqui faz muito tempo. Com um amigo meu, que na época criou um hobby com a fotografia. Eu acho que tava começando a ficar meio na moda na época. E a gente veio atrás de lentes, de máquinas. Mas não sou de ficar tirando muitas fotos não. Eu prefiro parar um pouco e olhar. Se conseguir, depois eu conto.

Os azulejos coloridos que tão na galeria do outro lado da rua tão aqui dentro também. Dá pra ver, se a gente parar na frente do elevador. Eu não sei o quão especial eles são, mas, é, meio que completa aquilo do pouco de tudo que tem dentro dessa galeria. Tem a loja da capézio... Eu sempre fico querendo comprar collant. Ou usar os collants, porque, não sei, parece que a gente vai dançar um pouco melhor de collant. Mas e aí quando a gente usa o collant, parece que a gente dança um pouco pior. Não que não... que tenha assim melhor e pior, né, afinal não existem essas coisas... de certo ou errado, do que é legal e do que não é... Isso é muito politicamente correto de dizer. Mas às vezes eu acho que tem coisas que não são legais mesmo. E quando eu quero dizer, eu fico com medo de magoar alguém. Mas a gente tem que dizer sem maldade. Eu acho. Se for possível. Café gelado. É o que vende na coxinharia no final da galeria. Suco, capuccino. Ah, a gente precisa de muito mais líquido.

Aí eu atravesso a rua e depois de sair da galeria. Tem essa praça maravilhosa, que hoje também tá mais ocupada. Hoje é sexta-feira. Se olhar pra minha esquerda, tem um estacionamento que não sai do meu olhar todos esses dias que eu passei aqui, porque ele tem um grafite todo colorido que eu acho lindo. As árvores daqui, elas são menores que algumas outras que a gente viu isoladas nos caminhos. Elas tão em grupo. Talvez elas se deixem crescer todas um pouquinho.

Eu sigo, fico de costas pro meu estacionamento. E vejo uma outra construção misteriosa cheia de metal. À minha direita. Ela tem bancadas de metal, um alumínio esquisito. E não tem ninguém. Eu

imagino, o que tem dentro delas? Será que é um estacionamento? Nossa, ele é muito mais alto do que eu pensava. Eu antes tinha visto as cinco bancadas, mas tem mais. É possível que nesse momento seja acontecendo um encontro entre um agente secreto e um vendedor de armas nucleares proibidas fabricadas na Rússia.

Mas eu preciso seguir meu caminho. Continuo com as árvores retorcidas, uma pequena mata que cresce embaixo delas e uma estátua. Isso se eu olhar um pouco pra trás, à minha esquerda. Se eu continuar meu caminho, eu atravesso a ciclovia. Nesse que eu acho que é o ponto final, eu chego, do lado da barraca de pastel. Alguém abriu o braço pra sentir o vento, secando o sovaco provavelmente.

Katharina - trajeto B

Só agora que eu vi que tem um pé de jaca enorme na frente do CRD. E bem na eu vi um casal reparou nisso também e eles ficaram perguntando se tinha uma madura. Eu fiquei pensando que eu queria uma madura também pra mim. Só que a verdade é que eu nunca comi jaca assim no pé, não sei nem como abrir. Enfim, acho que eu ia conseguir. E sei lá. E também jaca é tão doce e tá tão quente...

E é um alívio assim que tenha essa fonte bem aqui no vale, né. Mas a gente às vezes nem tem vontade de receber um pouco dessa aguinha dela... Vai que fica coçando depois, sei lá! Essas coisas loucas de você tá num ambiente arborizado e sentir sujeira ao mesmo tempo.

E na verdade, nossa, no sol a pino, tem que ficar procurando sombra, porque árvore... Cê só encontra sombra embaixo da coisa mesmo! A sombra não vem, né, até você como noutros horários assim.

E sempre que eu passo nessa escada tem alguém turistando, tirando foto. E é muito bom. Na verdade eu lembro duns tempos que eu vim aqui e tinha... e não era assim tão agradável, sabe. Eu acho que... que a cidade foi mudando um pouco, tendo essa vontade das pessoas 'tarem nela. E de conversarem com as estátuas e, enfim, não sei...! De se encostarem nas coisas, sabe.

E aqui de cima já é mais a paisagem habitual, não sei, de centro. Não sei se em todos os lugares é assim, mas quando a gente pensa em centro é mais aquela muvuca. Eu não penso muito em espaço de praça, de lugar pra deitar na grama que é onde eu tava ali embaixo. Pensa em buzina, em fumaça, em sol, em banho... em aproveitar o sinal aberto.

Tem outras pessoas também falando que nem eu, por um aparelho eletrônico. Mas eu acho que não é um gravador. Então, e aí, aqui na praça do teatro, tem muita gente sentada na escada. Nossa. Nossa, tem uma estátua que parece que tá grávida. É onde tem as lâmpadas, sabe, as duas da entrada, da escada principal. Tem umas estátuas que têm uma barriguinha de grávida. Não tinha reparado nisso antes. Imagine só as estátuas antigas feitas com um barrigão. Não sei... Se hoje em dia não se faz... Será que é grávida de verdade?

Tá passando ali uma moça toda de branco com um turbante branco. Agora fiquei pensando: será que ela vende cocada ou será que ela tá indo pra um terreiro? Tem uma moça que vende cocada que tá

sempre de branco. Na verdade nem é mais cocada, é trufa e tem vários sabores. Mas a de coco é muito boa.

Então, e eu fico um pouco confusa. São tantas Praças Ramos! Porque lá embaixo, no CRD era praça ramos também. Aqui em cima também é praça ramos? Aqui em cima com certeza tem uma placa de encontro das Praças Ramos.

E outro dia na escada do teatro tinha pessoas fazendo filas turísticas. Mas sempre tem pessoas fazendo fila de morada ou de não lugar pra ir.

Veio uma brisa agora nessa esquina. Essa esquina que não tem nenhuma sombra. E aí, realmente, não sei, dá vontade de me apoiar e me escorar nas coisas, que nem as pessoas das escadas, eu acho. E de subir naquele jardim do teto. Parece uma mini mata lá em cima, é muito cheio, muito bonito, pelo menos daqui de baixo. Eu nunca fui lá. Me disseram que é da prefeitura e que, teoricamente, é público? Mas não é um lugar de visita. Ou é?

As cores da cidade, elas ficam mais embaixo. Pelo menos as cores, cores. As cores não-cores ficam em cima. Os cinzas... Lá em cima tem um grafite cinza também. E aqui embaixo tem um mosaico colorido, meio, meio cores primárias assim, com preto. Uns azulejos... E eu encontrei esses azulejos outro dia, numa outra galeria que a gente passou. E aí eu fiquei pensando se tinha alguma conexão como um sinal na rua, sabe.

Agora a Barão de Itapetininga aqui, eu gosto de passar, mas não sei... Eu acho que me traz boas memórias. Tem um amigo que eu sempre encontro pra almoçar por aqui, só que ele trabalha do outro lado da Praça da República.

E tem essa sombra aqui e essa não é de árvore e essa chega na gente apesar do sol a pino.

Eu fico olhando muito as roupas das pessoas também. Hoje eu tô meio de pijama. Mas acho que ninguém tá reparando nisso, apesar de eu tá reparando nelas, nas cores e na forma de corpo que elas fazem nas pessoas.

Eu ainda não tinha entrado na rua Marconi, vindo pelo lado bem direito da Barão de Itapetininga. Vindo bem de canto, dá pra ver até o final da Marconi. Eu acho que o meu tempo tá um pouco devagar em relação ao das outras pessoas. Mas isso seria assim, acho, se eu tivesse gravando ou não. Mas também eu to sempre atrasada quando venho aqui pro centro. Ultimamente tem melhorado, então consigo andar mais devagar no meu ritmo meu. Nossa, eu tenho um amigo que anda muito rápido e eu tenho que ficar pedindo pra ele andar mais devagar. E também a minha mãe come muito rápido, sabe. Eu acho que desde que ela se aposentou e teve que parar de comer tão rápido, ela ainda não conseguiu.

Boa tarde. Ainda tem umas pessoas que falam boa tarde, né, na rua. Eu tento às vezes falar, quando eu encontro alguém na rua. Mas só se for uma pessoa mais velha. Os mais novos eu fico pensando que vão achar meio nada a ver.

E aí eu continuo olhando as vitrines também... Tá bem na moda alguma coisa com jeans assim, um jeans bem levinho. Ou é o que eu vi que tá na moda, sei lá!

E aqui eu continuo indo pela sombra. Às vezes eu me pego no espelho assim, bem estranha do resto das pessoas. E de novo, ninguém tá olhando pra mim, eu acho.

E bem aqui tem essa árvore que ela parece bem fininha, pra uma árvore tão grande. Mas, dependendo do lugar que você olha, ela fica mais larga. Ela é tipo um retângulo, a base dela, como se fosse a rua mesmo, como se ela se encaixasse na rua, né. E a copa dela é uma delícia. Eu não sei que árvore é essa. Alguém... Alguém se aproveitou das raízes dela pra prender o cinzeiro. Cinzeiro público, acredito.

Não sei se eu compraria calcinha numa dessas barracas de camelô. Tem umas cuecas aqui à venda. Mmm... Aqui, de uma ponta da Marconi, na que encontra com a Barão de Itapetininga, tem um prédio, que eu perguntei se ele era ocupado, por ele tá mal cuidado. Mas eu não sei se os prédios ocupados são mal cuidados né. Às vezes até talvez eles sejam melhor cuidados.

Será que o prédio responde ao cuidado das pessoas? Tipo, uma vez eu vi um desses programas de organização. E a moça que faz a organização, né, ela tem um método dela, que ela reza pra casa antes. Meio que faz, sei lá, uma oração? Ou tem ritual de chegar na casa e agradecer ou sentir a energia da casa, algo assim. E aí é meio como se a casa fosse responder ao que ela tá fazendo, sabe. Será que esses prédios todos tão respondendo ao que a gente faz com eles?

Agora mesmo quando eu tava falando, eu tava me apoiando na árvore. Geralmente, quando eu faço isso nas árvores, porque... enfim, não é sempre que eu encontro uma árvore dessas. Eu também sinto como se fosse um ritual de ficar encostando nelas. Mas hoje eu tava só me apoiando. Um ritual de receber a energia dela de volta. Não sei se é meio Pocahontas isso. Mas eu realmente sinto uma energia boa.

Ontem quando eu tava dançando, tinha muita gente no espaço. E eu fiquei pensando que eu ter caminhado no centro de manhã, tinha alguma coisa no meu corpo, que me fazia estar entre as pessoas, naquele espaço de dança, de um jeito diferente também. Eu lembrei disso agora que alguém esbarrou em mim. Ou eu na pessoa?

Uma promoção de calcinhas numa vitrine ali. Era uma promoção cumulativa de porcentagem, sabe? Eu tô procurando coisas de algodão mais. Talvez eu dê uma olhada lá depois.

E outro dia eu vi esse leão alado. Não sei se isso tem algum nome, esse animal, sei lá... Acho que é mitológico, né. Mas achei muito bom que ele tá ali. Nem sei se as pessoas repararam... E eu nem sei se ele tem a ver com o prédio. Ele parece bem mais antigo, ele parece bem mais, ali o vale do CRD e do Teatro Municipal do que esse prédio mesmo, sabe. Hoje tem essa feira aqui, mas foi primeira vez que eu vi. Tem uma banquinha de ciriguela e alguém com uma jaca aberta! Vou pegar! Mas enfim, está à venda. Também podemos pegar ali na frente do CRD e montar nossa própria banca aqui. Se bem que talvez tenha algum tipo de formulário ou requerimento pra preencher. É bem capaz.

Eu acho que eu tô chegando aqui no ponto de chegada.

Tapioca feita na hora com vários sabores. Então, hoje eu trouxe um lanchinho. Trouxe várias marmitas. Mas eu sempre quero comer as coisas que tão na rua. O pastel, nossa... E o cheiro... Não é o cheiro da minha marmita.

Lucia - trajeto A

Estou começando esta deriva. Está quente. Esqueci do protetor solar. Essa questão do protetor solar não sei se me ajudaria a... Acabo de parar. Acabo de parar... vi muita água nas pedras. Estou passando embaixo do viaduto. E não é um viaduto, é embaixo na passarela. E vejo gente... gente que vai, gente que vem. São Paulo é uma cidade incrível nesse sentido. Eu posso em Montevideú passar, caminhar três a quatro quadras e não vejo ninguém e aqui eu vejo centenas e centenas de pessoas. é só olhar para frente para trás. Parei embaixo da bandeira, da bandeira de São Paulo que tá em cima. Tá em cima da passarela. Não sei se isso é uma passarela ou um viaduto. Esse será que é o viaduto do chá mesmo? Provavelmente. Porque o CRD fica nos baixos do viaduto do chá, baixos do viaduto do chá. Os baixos deveriam ser... sim.. Esses seriam os baixos. Sim, esse é o viaduto do chá. É famoso. Eu tô olhando pra ele, pra parte de trás dele, e tem uma planta que quer crescer ali, bem no viaduto. Ela cresce, a raiz dela é dentro do viaduto. É uma pequena-inha árvore, uma árvore, mmm parece um bonsai. Em meio as grades de ferro. É, eu virei a cabeça pra poder ver isso. Meu mapa diz, minha trajetória diz que eu tenho que seguir em frente. Mas isso me chama a atenção. Isso, eu tô deixando isso agora pra trás. Mas ainda me chamou atenção, quero voltar, quero olhar mais uma vez. Essa arvorezinha tem uma raiz, ela quer... ela cisma em crescer ali. Isso é bom: a vegetação quer. A vegetação deseja ser aqui, nesse centro. E agora continuo caminhando, vou continuar, o meu trajeto está lá e eu vou pro largo da memória, mas eu vejo três árvores à minha esquerda. Três árvores. São trigêmeas. São irmãs, certeza. As sementes delas foram semeadas numa equidistância, no mesmo dia. No mesmo dia semearam as três. Tem palmeiras também, tem outra com o tronco torto. E ela é quase da altura da coluna de luz. A coluna de luz tem quatro luzes. Parece uma flor artificial. Vou continuar. Tem janelas, janelas amarelas que aparecem num prédio espalhado. Essas janelas só num andar estão abertas. Todo o resto é espelho. Espelho dessa cidade. Dessas milhões de outras janelas que tão em outros prédios que estão espelhados nele agora. O barulho é constante. Constante. As pessoas vão pra todas as direções. Tem umas que atravessam em diagonal, tem umas que vão para o mesmo lado que eu vou. Outras que cruzam. Tem também pessoas sentadas e deitadas. Tem pobreza, miséria, tristeza. E tem essa sombra no jardim que é a sombra pra todos, pra todos eles que precisam encontrar um lugarzinho para ficar para dormir, para descansar. E isso é difícil de ver. é difícil de entender. Sempre vai ser estranho ver gente que precisa se abrigar na rua. A rua é tão hostil. Tem as pessoas que ocupam a rua de outro modo. As pessoas que deixam suas marcas na rua. Agora estou passando e vendo as pichações em cima dos botecos que estão à minha direita, do lado direito. Elas sobem aos lugares mais estranhos e são letras incompreensíveis. Mas algo dizem, mas eles não querem dizer... claramente. Eles querem dizer uma grafia confusa. Mas a grafia é confusa, mas o testemunho de que estiveram ali é muito marcante. Inclusive ali, em cima dos botecos, por cima deles, na outra rua tem três prédios iguais. E no, perai, no terceiro prédio, no predinho mais marrom, tem ainda uma pichação bem bem no alto perto das antenas. Essa pessoa subiu lá, como fez? Sempre fica a pergunta de que que acontece... Mas continuo, continuo e vejo uma escultura laranja. Interessante. Parece que caiu alguma coisa e ficou incrustada no chão. É estranho. Aí o relógio. O relógio marca trinta e oito graus. Parece que é um dia quente, um dia quente como todos têm sido. Como um verão quente. O verão quente que temos que padecer, parece. Cheguei num momento onde estou confusa. Há pessoas saindo do terminal bandeira pra entrar no metrô do Anhangabaú. Agora é um fluxo, uma imagem diagonal óbvia que é os que saem dali e vão para lá. Esse

fluxo é natural. Eu atravesso, preciso atravessar. Meu caminho está pra lá. Vou deixando para trás o Terminal Bandeira. E encontro o caminho que vai pro Largo da Memória. Já tem um azulejinho nesse primeiro chafariz que não funciona. Que tem gente dormindo nele, que tá sujo sujo sujo. Que pena! Tão poucos bancos na cidade e logo esse tá tão sujo! Tem alguém dormindo mesmo assim, um jovem. Um jovem... um jovem que dorme aqui. Vou continuar. Sem querer tô em cima de uma linha, parece que tô seguindo as linhas que te levam até o seu voo no aeroporto. "Siga a linha branca!" Né? E a gente vai sem nem pensar na trajetória. Mas deixa eu passar uma montanha de lixo. Uma montanha de lixo que tem um guarda-chuva em cima de tudo, um guarda chuva xadrez, assim. Ainda tem outros lixos e neles tem galhos, galhos de plantas. Tô embaixo de uma outra coluna de luz. E essa coluna tem três e em cima diz 'vinte e cinco', 'vinte e cinco'. Três vezes 'vinte e cinco'. Essa flor é de três pétalas. E continuo, continuo. Sai água, sai água do ralo, mmm não sei como se chama isso. Não é ralo, é o deságue pluvial, né. Ahhh... Uma brisa! Uma brisa! Uma brisa no Largo da Memória. Trouxe um alívio no calor. É interessante ver esse monumento. O monumento tá ocupado. Tá ocupado por homens que cantam rap. Tem alguém com muletas. Deve ser ruim viver e ter que ficar no centro com muletas. Sobretudo pela inclinação aqui, chegando no Largo da Memória, quase perto da escada a inclinação do chão é bem íngreme. O rap que tão cantando os moços que tão sentados aqui. Com muitos moços sem camisa. Outros, dois estão com camisa. Eles estão cantando um rap muito interessante. Tem outro que dorme. Dorme em cima do sapato. Tem dois que dormem. Outra pessoa que olha. Tá sentado, tá sentado nessa escada. Tá sentado nessa escada. E então, eles tão animados. O rap parece que alegra algo da existência deles. Eu continuo, continuo. Olho agora a fonte do largo, já mais perto, atrás do obelisco, a fonte que fica atrás do obelisco. E tem umas colunas de ferro bem bonitas. Dessa vez a luz é mais antiga, não é como os postes de luz florais que vimos, que deixei pra trás. Agora, eu tô passando, indo pra escadaria do largo. Tem mais alguém que dorme. E a escada... me cansa. Só de pensar que aquele rapaz que tava de muletas talvez deva ter tido que descer essa escada me faz perguntar se é realmente um espaço acessível, e se todos temos as mesmas possibilidades de transitar aqui. Continuo, eu tô quase quase subindo a escada. Subir a escada é uma arte complexa. Tinha um conto de Cortázar que eram instruções pra subir a escada. A escada é importante na arquitetura e você tem que saber muito bem. Lembro quando fiz a reforma na minha casa. Tem que saber muito bem o tamanho do degrau e o fluxo da escada tem todas umas regras; tem um mínimo possível pra ser autorizado pela vistoria da prefeitura. A prefeitura faz uma vistoria nas obras lá no Uruguai. Não sei como é aqui. Ui! Tá aberto o sinal. Vou atravessar. Tenho que atravessar. Eu tava passando a Xavier Toledo e vejo muita gente atravessando pro outro lado. Eles querem entrar no metro do Anhangabaú. Eu continuo. Eu vou pra cima. Vou pegar essa rua. E vejo agora tantas coisas que não saberia nem por onde começar a descrever o que vejo, o que o sinto. tem uma loja de mate. Um mate. O Big Mate se chama. Será que é o mesmo mate que vendem no rio de janeiro. No Rio tem uma pessoa na praia que vende mate, um ambulante que vai com um enorme recipiente de mate gelado. Sempre gostei do mate carioca. Calculo que deve ser o mesmo mate, mas eu não achei o mate dessa vez no supermercado que eu queria comprar. Eu gosto do Mate Leão. Agora vou nos preços do salgadinho e tem uma luz de neon que diz Café 2 reais – Expresso do Salgado. Loja de celulares. Gente que vai e que passa. Tem umas coisas lindas no chão. São de ferro, são antigas. É um lugar por onde deveria entrar a água, mas não sei o nome dele. Mas ele tá marcando meu passo. É uma linha. E tem letras, tem letras escritas. "hostfiber: a internet das grandes empresas". Nossa! Isso tem que ser uma coisa nova. Aqui perto da assistência técnica. Mas esse hostfiber é novo; mas e o material de ferro

parece ser antigo. De repente eles querem continuar com isso. Tem uma ciclovia, uma ciclovia vermelha e não tem nenhuma bicicleta. Mas tem gente caminhando na ciclovia. E na frente, um monte de bueiros quadrados e retangulares com um monte de informação. Intelig, Embratel. Nossa! Esses são recentes e eles fazem desse material. Esse material deve ser pesado. Interessante. Agora passo por um da Eletrobrás. Por que que está me chamando tanto a atenção o chão. Agora parei. Parei e tô em frente, olhando pra minha direita, tô em frente à rua Conselheiro Crispiniano. Tem um ambulante muito bom. Ambulante que tem uns maiôs, maiôs bem bem bem fluorescentes, como os que usava nos anos oitenta. Eu tinha um maiô rosa choque nos oitenta, mas o meu tinha três flores. E eu tinha, não sei, sete anos, a idade da minha filha talvez. Lembro dele, tenho uma foto com ele. Mas esse ambulante tem muitas coisas, tem chapéu, tem shorts, tem maiôs de girassol... Ops! Saiu um carro do estacionamento Seven Park, Sete Park... sei lá. Continuo, vou continuando. Muita gente que desceu e tá na porta dos prédios, fumando. Agora passo pela galeria e tem um orelhão, um orelhão laranja. Muito difícil hoje em dia alguém usar orelhão, né. Depois que começaram os celulares, acho que ninguém mais compra cartão de orelhão. Mas não sei. Eles precisam existir. Você pode ficar sem bateria. Você pode precisar muito falar. O orelhão é um termo muito bom, né. No Rio fala, não sei aqui também fala, mas no Rio quando eu escutei a palavra orelhão achei muito engraçado. Quando escutei por primeira vez, porque... é como uma orelha gigante, um orelhão, né, é isso. Vou entrar na galeria. Essa galeria tá demais, essa 7 de abril. É o caminho que eu tenho que fazer pra chegar no meu ponto de chegada. Vou por baixo. Por baixo é mais interessante. Tem uma linha também de novo, como aquelas quase que vai me levar no meu voo. Qual será esse voo? Aonde vou não sei. Essa galeria tem um cheiro de comida interessantíssimo. Tô com muita fome. Tô com muita fome e vejo uns desenhos no chão, que são, não sei, parecem que querem fazer um desenho interessante. Será que as pessoas reparam? Nisso...? Ou elas passam por essa galeria sem pensar nisso? Aqui tem muita gente comendo, é a hora do almoço. Agora passei por dois elevadores e continuo. Tem várias mesinhas, tanto do meu lado esquerdo quanto do meu lado direito. Agora, quando terminam as mesinhas, tem um lugar que se chama "ponto ao ponto" que tem pessoas costurando. tem um ventilador e tem uma senhora e outra tá pegando um pedido. Vou continuando. Tem mais costureiras à minha esquerda. E a minha direita um sapateiro. Nossa! Sapataria. Não tem ninguém. Ninguém quer consertar o sapato. Mas tem um cheiro de graxa de sapato. Deve fazer vinte, sei lá, anos que não engraxo um sapato. Mas eu adoro sapataria... Adoro essas lojas de consertos de sapato. Também tem gente em impressoras à minha direita. Isso parece uma coisa bem bem do centro de São Paulo, uma galeria bastante típica. Aí passo por outro restaurante à minha esquerda e tô saindo, tô saindo da galeria e encontro de novo um oásis verde. É a praça, essa praça é demais. Essa praça é muito bonita. As pessoas passam de um lado pro outro. Será que... Será que, se não tivesse prédios aqui, seria uma floresta? Possivelmente... Obviamente isso aqui foi planejado. É urbanismo, mas dá a sensação que tem uma floresta pulsante que quer chegar, que quer aparecer. Eu continuo. Ui, assim que... eu tô vendo que talvez eu tenha demorado demais. Bom... continuo pensando e vendo o que me chama atenção e na verdade são tantas coisas que acho que poderia ficar eternamente vendo coisas novas, que não vi antes. Para exemplo, agora a minha esquerda tem um monumento de Dante com as mãos abertas e com um livro na mão. Isso eu não tinha visto quando passei antes nem todas as vezes que passei por aqui. Dante, aqui na praça. A praça se chama Dom Pedro não sei quê. O que que tem a ver com Dante? Interessante. Continuo. E tô chegando, tô chegando num lugar e tenho que atravessar a ciclovia. A ciclovia só tem pedestres. E só tem pedestres que passam, que passam nela, que atravessam, que

cruzam. Agora eu atravesso na faixa, na faixa da ciclovia. E aqui o pastel a todo vapor. O pastel saindo, fritando, fritando. Mmmmm sinto o cheiro! Que vontade de comer um pastel que me deu. Cheguei aqui... Uff a brisa do metrô trouxe um respirinho pra mim.

Lucia - trajeto B

Tô esperando aqui na porta do CRD, esperando que dê 11:21, com a equipe de apoio, com a Mari, que também vai fazer a deriva e a Katharina, que vai nos apoiar. Tá quente hoje também!!

(conversa animada entre as participantes)

Começando o caminho B. O caminho B começa na praça, na porta do CRD e é lindo, porque só na hora de começar a gente já tá ouvindo o barulhinho da água, e tá cheio de vegetação em volta e... é um pouco monumental tudo isso. De fato tem até uma pedra que não é pedra, que tá a simular a forma de uma pedra natural do lado da lixeira aqui, bem no cantinho esquerdo, perto da porta, da porta que diz que é patrimônio monitorado por câmeras de segurança, câmeras de segurança as 24 horas. Eu vou seguir aqui pela fonte. Tô sentindo o sol na pele. Parece que neutraliza um pouco as diferenças de sensações que eu tive no corpo agora há pouco, porque o que mais sinto é que o sol tá queimando minha pele, que sobe a temperatura da minha cabeça, bem perto do couro cabeludo. E passo pela fonte. A fonte tem uma escultura bonita de cavalos, mas as pedras artificiais simulando pedras naturais são medonhas. Por que precisam fazer isso, se é óbvio que isso foi criado pela mão do homem? Dos cavalos eu gosto. Bonita essa força, o movimento deles... Eles parecem meio revoltados. E em cima diz "Ordem e Progresso", mas o que os cavalos tão querendo é fugir, sair dessa ordem e desse progresso, que não era bem isso que os cavalos entendem por ordem e por progresso. Teria que ser tudo de outra ordem, né, mais sensível, diferente. Eles estão amarrados. Eles tão conduzindo gente em cima deles. Os cavalos-escravos. Não pode ter progresso nenhum numa sociedade que tenha escravidão. E se chama Fonte dos Desejos. Não dá para entender o que diz... a escritura italiana... cidade de Roma... Não sei. Será que é uma réplica? Vou continuar um pouco bordeando ela, a fonte. O barulhinho da água é delícia, delícia... Aqui do lado tem, não sei, turistas, pessoas que estão olhando os outros monumentos da praça. Vou virando, vou virando pra praça também desde outras perspectivas. Dou a volta toda. Vejo também o shopping e aí embaixo o CRD, embaixo do viaduto. Vou me aproximando da escada e vejo uma das partes da escultura da fonte que eu acho legal, que é uma pessoa deitada. Deitada não, de pé, mas com as costas apoiadas, apoiadas na escada, apoiadas no corrimão, no que seria o corrimão da escada. Ah... É bonita, é bonita a mão, o braço, que tá se coçando, coçando o peito. (risos) É dramático! Tem uma espada perto dos pés, mas ele não parece morto. Não sei. A atitude corporal ainda é rígida. Não deveria estar morto. Está sim sofrendo. Isso certeza. Estou subindo. Daqui é bom. Dá para ver o todo, ver a fonte de cima. Se a gente ficar do lado esquerdo do corrimão, consegue sentir um pouquinho do molhado. Em algum momento molhou aqui o corrimão. A pedra molhada é uma das sensações mais interessantes de tocar. É muito bom, nos dias de calor. Pedra molhada. Pedra molhada tem um cheiro incrível. A pedra molhada num dia de calor é uma das sensações mais interessantes. A pedra seca é árida. A pedra molhada dá vontade de ficar e virar musgo. De ser planta de pedra, planta de rochedo. Pronto. Subi. Subi a escada. Tô numa espécie de

mirante. Miradouro. Mirante? Miradouro? E daqui tem uma vista privilegiada, mas vou arrodar a estátua de Antônio Carlos Gomes, "ao grande espírito brasileiro" diz aqui. É, aqui é ponto turístico, vou me enfiar na cidade, continuar o caminho, o trajeto B para ver o que é que tem nele, e se pode me contar sobre o meu corpo, sobre o meu corpo aqui, ocupando esse espaço, habitando esse lugar, e sendo junto com os outros tantos que estão fazendo isso aqui e agora. Hoje tem menos gente, hoje é sábado. Ufa! Muito menos gente do que ontem. Dá para sentir, dá pra sentir. Tô esperando aqui o semáforo abrir e vejo, vejo que, que só com a quantidade de gente que tem hoje, que são centenas ainda, a cidade parece que respira melhor. Ela, o pulmão da cidade, a cidade gigante. A cidade mais preguiçosa, pode se espreguiçar mais... pode fazer micromovimentos, que mexem... as ruas e fazem cócegas nos pés das pessoas que passam nelas. É quase imperceptível, mas a cidade tá rindo, tá achando graça. Hoje ela pode, hoje ela pode brincar. Vou atravessar a rua pela faixa de pedestre, claro. Não, não sei se é uma faixa de pedestre. É faixa de pedestre, mas tem semáforo e aí vejo a placa que tanto gostei. Lugar onde a Praça Ramos encontra com a Praça Ramos. Redundância. São ruas gêmeas. Na verdade é o quarteirão todo que se chama assim, mas é muito mais legal pensar que tem duas ruas que se encontram ali com o mesmo nome. Na verdade, são quase um espelho. E cada rua tem a sua característica, mas elas se chamam igual, Praça Ramos e Praça Ramos. Essa ideia de que os quatro lados de uma praça tenham o mesmo nome... é estranho! Nunca uma praça é toda igual. Por mais quadrada que seja, cada lado será diferente. Ainda mais o Municipal! Essa praça tem a porta da frente do Municipal, monumental, senhorial, onde aqui vieram os poderosos, assistir espetáculos de ópera e balé. Cheia de população de rua, que se abriga ali, no cantinho. Fez uma pequena casa, uma habitação temporária, nesse monumento, nesse lugar que é a casa dos grandes espetáculos. E aí eles sobrevivem. Vou pisando na ciclovia, na ciclovia vermelha. Que sorte que ainda resta alguma ciclovia. Depois de todas as mudanças políticas que foram esquecendo do valor da gestão que insistiu na ciclovia, porque a ciclovia foi algo muito importante. É algo muito importante. A mobilidade em São Paulo que não tem a ver com carro é o que permite os respiros das pessoas que moram aqui. Continuo andando. Tem um espetáculo, espetáculo de rua. Vou me aproximar e ver o que é. Também tem uma pessoa sentada, com uma inscrição que diz "Compro ouro". Será que ele consegue comprar muito ouro? Será que as pessoas vão e falam pra ele "Oi, senhor. Vendo ouro"? Ia ser uma excelente conversa. E ele diz, "Eu compro ouro. E aí? Fazemos negócio?" Eu parei aqui. Tô vendo uma galeria simpática, Condomínio Empre, ponto, Nova Barão, Propriedade particular. É particular aqui. Particular. Aqui tem bastante confusão. É os barulhos me confundem. Vou continuar. Vou fechar um poquinho a minha percepção pra poder continuar o meu caminho. Pessoas que gritam. Espetáculo rolando. Uma... aqui tem muita informação. Não saberia nem o que que chama mais a minha atenção. Tem uma escultura muito interessante, mas que não é uma escultura. Parece as obras da artista que chama Christo, que ele coloca um monte de plástico em cima dos prédios, um modo de intervir, protestar. Mas ele tá amarrado com uma correntinha, uma correntinha frágil frágil com um cadeado. Isso daqui realmente, uma obra que eu estivesse com muita pressa não teria... não estaria podendo ver, mas realmente poderia ser uma obra famosa de alguém, de algum artista famoso. E cheguei na Princesa das Meias. Ah, essa loja, a Princesa das Meias. Eu imagino uma princesa, com uma grande coroa só vestida de meias. O forte dela são as meias. Ela troca. De meia em meia hora, meia em meia hora, troca a sua meia. Tem várias estratégias, coloca uma meia de cada cor, ela gosta de meia arrastão, de meia fina, de meia de lã, de meia grossa, gosta de meias de cores, gosta de meia de esportista aquela que vai quase até o joelho, branca, quase sempre branca, bem ajustada na canela.

Nossa, essa meia, um dia como hoje. Coitada da princesa! Ela estaria passando muito calor. E cheguei na rua Marconi, na rua Marconi, aqui seria a minha próxima... é... vou virar e fazer a volta, vou ver o todo, vou ver o que deixo pra trás. Vou ver o que está à frente, antes de fazer a curva e entrar aqui na Marconi. Gosto dela. Muitos, muitos dos estabelecimentos hoje estão fechados. Mas as barraquinhas tão firmes e fortes. Barraquinhas de mochilas e tem todas as princesas. Do lado da Princesa das Meias, estão as mochilas de princesas. Tem unicórnios, tem Dora Exploradora, tem Frozen, não sei. Tudo. Tudo tem relevo. Tem um edifício que tem uma porta toda vermelha de ferro do meu lado esquerdo. Edifício São Manuel. E diz assi: "Atenção! Você que paga aluguel, mora de favor, pensão ou cortiço venha lutar conosco por moradia digna." É vermelho tem uma coisa que diz assim "Reunião de acolhida." Aqui no Edifício São Manoel tem ativismo, militância, algo acontece aqui, mas eu não sei do que se trata. E continuo por outro camelô o que tem cheiro de couro, eu passo perto dele. Tem muito cheiro de couro, de couro sintético. E cheguei pertinho dos orelhões, um laranja e outro verde. Orelhão, orelhão que ninguém mais usa. E depois outro, outro orelhão, um verde e outro azul, e um pôster que diz "preciso dizer que me amo." Continuo. Continuo. É bom andar hoje. Hoje eu sinto espaço, do meu lado, na frente. Eu tô suada, pegajosa, mas eu consigo sentir todo o espaço ao redor, saber onde estou pisando, reconhecer-me como transeunte, uma caminhante que observa, escuta. Tem uma senhora que olhou umas calças aqui no camelô. Essa calça poderia ser interessante pra mim, pra poder ir ensaiar, fazer aula, mas parece grossa. Tem uma loja à minha direita que chama Balada Abalo. Balada Abalado, acho que é pra causar na balada. Se quiser causar na balada, compre roupa na Balada Abalo. E aqui tem, no meio da rua, quase chegando na maravilhosa árvore, tem dois semi-círculos incrustados no chão. Eles são para amarrar bicicleta, mas tem dois pombos, dois pombos que tão fazendo dele um pequeno arco pra passar por baixo. Os pombos têm algo da proporção deles que parece que lhes dá uma moldura. Algo do tamanho deles, algo que poderia fazer parte da microcidade dos pombos. Continuo andando. Impressionante o tamanho de uma tampa de bueiro que tem entre um desses arcos amarelos e o outro. E atrás do arco amarelo tá ela, a árvore. A única árvore da Marconi. Não é a única não, mas é a maior, a mais importante. A mais deslocada, a mais teimosa. É uma árvore que gosta, gosta de estar aqui e de ser única. Ela forma parte da rua. Alguém não quis derrubá-la na hora de... Alguém pensou, "essa árvore precisa tá aqui." Só pode ser isso. Essa pode ser a única explicação pra essa árvore maravilhosa tá aqui, oferecendo sombra e verde pras pessoas que moram e trabalham aqui. Depois tem um novo arco amarelo e tem uma árvore pequena. Mas a árvore pequena é diferente. Ela tem, ela parece ter sido plantada, não sei... As árvores da Marconi... Poderíamos contar as histórias delas. Uma conversa entre elas seria sensacional. Que diriam? Coitadas! Hoje devem ter muito calor aqui. Mas pelo menos é sábado. Paro e vejo sem querer, à minha direita, "Só na sapatilha", o nome dessa loja. Ah... E mais à frente, na reta determinada pelo meu trajeto, tem outro camelô. Hoje não tem um rapaz dos cadarços?! O camelô dos cadarços, que eu tanto gosto! Tem gente que tá, decidiu curtir o fim de semana. E aqui, nesse lugar, vejo um grupo de meninas que conversa sobre o que aconteceu ontem, o que vão fazer essa noite; são adolescentes. Gosto. Tem várias bicicletas em frente à loja de sucos. E a loja de sucos é um fenômeno sensacional. A loja de sucos tá na minha esquerda. Tem uma rede que pendura banana, manga, maçã, maracujá, abacaxi. É a loja, típica loja brasileira: balcão de mármore e azulejinho, tudo misturado. Chama Nikita Lanches - Excelência em sucos, lanches e salgadinhos. Tô chegando ao cruzamento. Vou atravessar. Vou atravessar a rua e continuar, continuar em direção àquele verde, àquela maravilhosa, conjunto de árvores, aquele, aquela praça. Acho que é a Praça Dom Gaspar. Passo por baixo de algumas árvores,

na frente do Bob's, o Bob's tá à minha direita e ali tem, ali tem algo que eu não sei dizer o que que é, mas são dois, ah... sim, tem uma banca de jornal ali. Ali é o ponto final. Ali. Eu vou para ali. Passo perto do primeiro respiradouro do metrô. E venta. Mmmm venta, venta e é bom. Sim, o ponto final é aqui, em cima do vento. Sim, esse é o ponto final.

Mari - trajeto A

Aí, gravou. Tá vendo a luzinha?

Agora tá gravando

Agora tá

Teste teste

Passando por debaixo do Viaduto do Chá. A sensação é como se tivesse um, como se tivesse passando por um portal, como se fosse o portal de entrada do vazio, da ausência. Eu passei por aqui 20 minutos atrás, segunda, terça, quarta, quinta, sexta. E tinha muito silêncio. O centro tem uma relação com o tempo muito específica. Você pode passar no mesmo lugar entre 10 minutos e 10 minutos, entre uma hora e outra hora e é completamente diferente.

Se olhar pra trás e ver o Viaduto do Chá, se vê essa ocupação debaixo do viaduto, no caminho CRD. Vê que... a gente vê que agora que deve ser por volta da uma da tarde tá completamente cheio. Uma hora atrás era totalmente vazio.

Esse trajeto passando à direita, no fundo do shopping Light e à esquerda na 23, você vê, a gente vê a 23 de Maio. A sensação é do vazio, da ausência. Se eu olho para trás e vejo em Anhangabaú, eu vejo a falta da água. A falta da história. É o começo da cidade e as pessoas andam todo dia por aqui e nem imaginam... tudo que já aconteceu, a história dos índios. Os estrangeiros têm muita dificuldade em falar Anhangabaú. eu não conheço um estrangeiro que consiga falar, mesmo morando muito tempo em São Paulo. Quase nenhum que consiga falar A-nhan-ga-baú, ainda mais não for latino. Olhando a 23 de Maio à minha esquerda, parece que a minha escala humana se perde. De repente eu fico muito pequena e os carros tomam conta da cidade. Uma cidade que prioriza o carro. E a escala do pedestre permanece nas frestas. O centro é uma fresta pro andar do pedestre.

Passando pela rua formosa, vejo que de formosa não tem nada. É bem essa sensação estranha de São paulo. De algo que provoca, que seduz e ao mesmo tempo é feia. Olhando à esquerda vejo uma árvore descansando seus cachos bem inútil ao lado dos carros. A natureza resiste entre os pedaços de concreto. Vejo um totem caído também, vermelho todo pichado. 38 graus. O prédio à minha frente tem grafites como se fossem adornos nas janelas. A beleza do centro é feia. Um feio interessante. É como se cada grafite em cima de cada cachile fosse um adorno bem específico. Cada um com um tag diferente. Uma pessoa diferente e parece que vai ampliando esse prédio em cima de mim.

Tá no vale do anhangabaú num dia com tanto, tão quente, me faz lembrar muito a água. Eu entro no Largo da Memória, vejo a fonte onde os cavalos bebiam água no início da cidade, na entrada da cidade. E vejo a ausência, a ausência da água. A menina dormindo no banco na ausência de espaço pra descansar, para estar aqui. Parece que no centro estar parado incomoda. É estranho parar. Eu sigo em frente por uma reta do asfalto, na cal..., entre as pedras e meu corpo pende pra trás, pende pro passado. Essa memória do que num vivi. Encontro o caminho do rio. Sempre que eu passo pelo largo da memória, eu vejo... sempre há uma água escorrendo em todos os bueiros e sempre venho na direção contrária, contra esse desejo do corpo de cair para trás.

Mas interessante do centro é... você pode estar no mesmo lugar e todo dia, cada hora, esse lugar é diferente. Estar no Largo da Memória em 2015, 2016, 2017 ontem, hoje amanhã. Sempre pessoas dormindo nos bancos. Apesar de, apesar de ser tão inóspito pelo cheiro, ainda há um desejo de ficar no largo. Eu subo as escadas por esse...

Esse totem inútil. São as mesmas pessoas de ontem. Loterias. A Mega Sena acumulada. A barbearia. As pessoas passando no intervalo do trabalho. O mesmo punk fumando um beck. Ele gosta de interagir. Ele gosta de interagir com a equipe. Eu observo essa árvore. Também parece que a natureza vem pelos interstícios, vem... Vejo uma corrente entre as raízes. A árvore engoliu a raiz. A árvore, a árvore engoliu a corrente. A árvore explode do muro e vai avançando sobre concreto. E uma monstera maravilhosa vai nascendo de um dos lados, resistindo à toda secura do lugar, como as pessoas resistem também. Os mosquitos pegam... os mosquitos, o verde musgo, o barulho do helicóptero. As monstera. Um pé depois do outro. Essa vontade do corpo de ir pro passado.

Hoje, ontem era o dia da poda das árvores. Hoje é o dia dos caixotes de madeira e dos mosquitos. E o hotel que permanece sem... o mesmo cabeleireiro, o mercadinho.

[água mineral gelada é dois]

A pele coça. A mistura da poluição com os mosquitos. Um pombo na ponta desse totem fálico. Um cheiro de mijo. Algo que faz com que a gente pertença ao lugar, no Largo da Memória. Uma memória de algo que a gente não sabe, um desejo de algo diferente, de um outro lugar.

[aqui é ponto final
bora]

Hoje é sexta-feira foto na hora franquias, mil franquias. Almoço e janta. Várias senhoras na rua. Hoje é sexta feira, dia de passeio. Maribela. Tem tanto cinza. Parece que as árvores se destacam conforme a gente vai prestando atenção nelas. Nova 7. O acúmulo dos ambulantes faz com que as barracas pareçam carros alegóricos, como disse a Odete. Nova Fitos. Furta cor rosa amarelo laranja coca cola. A 7 de abril com a Conselheiro. 3000 empresas, exceto conselheira. Contém 20 unidades. Peso unitário. Espaço A passo. Fibra óptica. Eu paro e olho à minha direita os bueiros antigos. Escrito fibra

óptica, mas o logo é como se fosse algo tão antigo quanto os adornos dos postes de luz, mais antigo que o orelhão.

Um prendedor de bicicleta amassado descansa. Eu posso descer. Proibido estacionar bicicletas na galeria. É proibido encostar na grade. Num posso descer, vou subir. Eu fico imaginando, subindo as escadas da galeria, como seria se cada, cada degrau tivesse uma outra mensagem um minuto um minuto. Arroz feijão fritas filé mignon sex shop. Adesivos. Placas tattoo. Impressoras antigas. Telefones velhos. Acumuladores. Mil cacarecos. Entre. Proibido. Sex shop sex shop sex shop. Fermon bomb. Fairlows Fenimals. Ticklet tips. Srwimp. Máscaras gel para massagem oriental corpo a corpo. Mega bomb. Uma calcinha de elefante com uma tromba, ah não, não é calcinha, é uma cueca.

vários pênis de tamanhos diferentes, chaveiro de pênis. de plástico. Bolinhas de pompoarismo vibradores óleo para massagem sensual Tok Stok Malícia volúpia eros lua de mel ais ball cat super hot pherormone uma borboleta com dentes. Um vulcão, um chicote. Um bicho de pelúcia felpudo rosa de pau. Pedras preciosas. Use celo. Feijão do norte. Prato do dia. Bobó de camarão moqueca de peixe. The best, loja 2. Continuo pela galeria. Olho um pequeno lago de verde na minha frente. Um respiro pra todo concreto e sol.

Olho a mulher sentada no banco da praça. Não pode parar. O rapaz conversa. Uma velhinha de uma sacola verde senta do lado com bicho de pelúcia. Todo mundo, todos estão falando do celular. Um homem sentado olha para baixo. O que ele pensa? Pra onde ele vai? Ele tem uma mala. O cheiro do feijão passa por toda galeria misturada com aromas para massagem e fotos. Estúdio digital, edifício Guimarães. Books. Eventos. Restauração de imagens. Vejo o retrato do fotógrafo do lado da escada um minuto um minuto um minuto.

Desço pra praça. O horário do almoço tem muito barulho. Hoje é sexta feira e tem um monte de caixotes de madeira invadindo o centro todo. Chaves onde descansa. Eu queria ser menos documental na minha fala, ser mais fantástica, mas quando a gente passa todo dia todo dia, é difícil ser... estranhar o lugar. O trajeto de subidas e descidas, de cheios, completos de vazio.

A mulher frita um pastel, um pastel gigante.

De novo a altura, a distância entre o meu pé e o abismo. O vento e a distância. Fundo.

[hihihihih geladinho]

A ventilação se torna a diversão, parque de diversão das crianças. A sombra da criança brincan... dançando. Dá pra ver aqui no fundo. As pessoas nesse calorão, as pessoas passando em cima da ventilação, fazendo sombras e brincando com esse arzinho de vento assim... Respiro. A bolha do concreto.

Mari - trajeto B

Começando a deriva A.

Esse caminho possui... A água tá bem mais presente. Eu lembro da cachoeira com esse sol de torrar a pele. Cocurutos, os cabelos. Fico lembrando dos meus dias em cachoeira. Como eu gostaria que tivesse uma cachoeira aqui no meio daqui do centro da cidade de São Paulo. Ou então lembro da fonte do Fellini com aquela atriz loira dançando, entrando dentro da fonte. Outro dia eu passei por aqui e vi camuflado no chão em frente à fonte, *Prefeitura Municipal, 1911*. O desenho no piso se camufla com as pedras antigas e as vegetações que crescem nos seus arredores. Eu podia tá aqui, mas eu podia também tá no Ipiranga. Essa imagem dos cavalos, da conquista. Essa representação falsa de poder, Ordem e Progresso. Estrelinhas. Cada vez mais os monumentos são mais fake. Acabei de ver que essa fonte é a fonte dos desejos. Os cavalos parecem ter asas. Ah, como eu gostaria, gostaria que essa água espirrasse aqui pra fora. A água sai dos narizes dos cavalos como se o cavalo tivesse fazendo yoga kundalini, como se mijasse pelo nariz. Mas o cavalo em frente ao escrito Ordem e Progresso, ordem e progresso, parece um é. Esse cavalo tá seco, ele tem uma boa aberta. Como se tivesse sedento, Apesar de ter águas em volta dele E essas patas, as patas na verdade, de todos os cavalos, mas principalmente desse, parece que tem músculos que seguram uma pata com outra como se eles estivessem amarrados e não pudessem andar. E outra coisa bem louca é as patas parecem meio nadadeiras então é como se tivessem, os cavalos pernas presas, amarradas que os impedem de caminhar. Como se eles tivessem tentando ir pra frente sem conseguir. Mas ao mesmo tempo eles têm nadadeiras como se pudessem nadar a qualquer momento por essa água. E ao mesmo, ao lado dessa fonte contraditória de ordem e progresso, tem um monumento de um índio. Um índio também com uma, com arma fake, com um arco, com um pau que lembra um arco, só que sem o fio. E o olhar dele mira pra um lugar, só que a arma mira pro outro, sem pontaria. E ao lado dele, do outro lado, temos uma imagem de um português como se fosse o português conquistador: o dominado e o dominador, o conquistado e o conquistador. Tudo que remete à história daqui é pura contradição. Não tem como andar por aqui sem... não tem como pensar em história sem... sem fazer críticas hoje em dia. Agora o caminho de subir as escadas. Eu vejo um tronco debruçado sobre o guarda-corpo da escada. Com mãos desproporcionais. Mãos gigantes devoradoras, esturricadas, tensas. O rosto é como se... o rosto é como se fosse de uma pessoa em sofrimento, mas as mãos são fortes, sofridas, como se, como se a mão fosse de um outro corpo. Dois corpos e um corpo. Um corpo caído, agonizante na escada. E uma faca caída. Será que era uma luta? A faca pousa sobre o chão de uma forma muito correta, completamente muito bem colocada, completamente o oposto da posição expressionista de um cambré em torção. Da figura, do monumento. Parece um bailarino de Martha Graham. Eu procuro sombra. Esturri... Esturricada nesse sol. Hoje é sábado, é o dia do passeio. As pessoas passam pela fonte, tiram fotos. É como se fosse outra cidade. O menino apoia no arco falso do índio. Todos de vermelho. Hoje é dia de corrida. Banheiros químicos pelo Anhangabaú. Minha bunda queima, mas pelo menos acho um lugar pra sentar. Antonio Carlos Gomes. Ao grande espírito brasileiro que conjugou o seu gênio com a itálica inspiração. À colônia italiana do estado de São Paulo no primeiro centenário da independência do Brasil. Sete de setembro de 1922. Esse monumento foi feito no mesmo período da vanguarda modernista paulistana. É engraçado imaginar esses monumentos com algum, com, com, com toques de vanguarda, toque do expressionismo e ao mesmo tempo super

clássico: com esculturas brancas, gregas, mas suaves, ao lado do bronze. Tem algo tão pesado embaixo e essas esculturas ao mesmo tempo aqui em cima tentam dar algo mais leve.

O meu corpo continua. Celulares, celulares. Hoje é o dia das fotos. Esse verde num sábado me traz prum outro lugar, como se fosse uma outra cidade, um outro tempo, uma outra distância entre as coisas. Uma outra vida. Hoje é o dia do passeio. Um homem segurando o lixo com uma garrafa d'água. Uma menina.. Uma mãe, duas mães passeando com as filhas. Para atravessar, aperte o botão. Uma figura vermelha brilhando. Termine a travessia iniciada. Hoje é dia do Barbeiro de Sevilla. Eu fico imaginando quanto que as construções do centro têm de memória. Se... A cada ano, esse espaço em frente do municipal tem uma memória diferente ao longo de tantos anos. Imagina pra essa escultura que faz parte do adorno da luminária da Eletropaulo que veste um colete como se fosse uma Joana D'Arc. As esculturas dos pilares na entrada do Municipal têm o mesmo tom, mais trágico, dramático e expressionista da praça da fonte Carlos Gomes. Praça Ramos com Praça Ramos. Primatas. Vários guardas civis. Um monte de orelhão inútil. Um orelhão despedaçado, cheio de buracos. Ele chegou ao grau da sua inutilidade. Ele foi tentado... tentaram arrancar o orelhão! Não tem nem aquelas etiquetas de, de... telesexo, de, de, de anúncios porns. O cúmulo do inútil é tão inútil que é difícil de descrever em palavras. Dá vontade de tirar fotos. Hoje é engraçado que o conteúdo das barracas muda de acordo com o dia, né. Os outros dias tinham... Hoje é dia do celular. Capas de celular. Pessoas usando celular. Porta-celular.

Procuro a sombra. Hoje é o dia da diversão. Até hoje tá todo mundo mais bonito. Uma mãe com seus filhos. Uma saia verde-água. Hoje é o dia de Iemanjá. Hoje é o dia da água.

Pessoal, meu nome é Marcos. (...) Sou do interior de São paulo . Mostrar minha arte pra milhares de pessoas e as pessoas que reconhecem o artista vêm até esse chapéuzinho, colabora dá uma ajuda pra ele. Vou dar apenas um minutinho...

O copo de água com uma corda. Eu agradeço a colaboração. Eu não sou de São Paulo. Eu sento num chão xadrez, ajoelhado. Artista da rua é legal. Sem cabelo. Um som amarrado no metal. Uma bicicleta amarrada no metal. Vários carrinhos ao redor do homem sobre o chão. Hoje é o dia da performance. Drogasil Oswaldo Cruz. 400 genéricos com no mínimo 50%. Aluga-se. Rapar. Claro. Econômica. Uma corrente. Uma outra corrente segura um plástico preto. Um objeto inanimado. Um inorgânico preso à corrente. Um objeto de estimação. Um cadeado. Dois cadeados enrolados. O que será que tem dentro desse plástico? Pedacos e pedacos de vidro em volta desse poste antigo. Profissionalizantes. Cursos em 1 real 75. Desempregado, não perca essa oportunidade. Cursos livres profissionalizantes. Portaria. Recepção. Monitoramento. Fiscal piso loja. Avenida Ipiranga, 877. Andar 14. Esquina São João. 32212682. Palmas. O homem faz a sua mágica. Com uma música monumental - art walk. Hoje é o dia do passeio. Hoje é o dia de vender malas. Malas e celulares. Natum. Om vida. A água continua. Água no chão. Um rapaz limpa o chão. Vende produtos de limpeza. Gravador, narguilê, ouro. 69 69 Ragazzo. Aqui tem tubarão.

Hoje tá tão mais vazio e calmo que parece que até as pombas são mais calmas. Até menos pombas. Mais lentas. Até elas são lentas. Pedacos de comida na rua. Volta às aulas. Advogado trabalhista.

Meu corpo segue horizontal. As pessoas olham algumas lojas. Hoje também é o dia da pausa. Apoio na árvore. Um corpo apoiado na árvore. A árvore descansa. Um poste, um poste fica torto. Um buraco no poste. De 1911. Será que tentaram arrancar esse poste também? Com adornos da bandeira do Brasil? Olho o orelhão. Erica, Dani, viuva, viuva, viuva, Cláudia travesti, Erica baixinha, dominadora Paula, Dani peitão, apartamento das novinhas,102, paty branquinha, apartamento das novinhas, as mais da São João, Cerveja grátis, o novo então sob nova direção, belas travesti, Rua do Boticário, Lorena travesti, super ativa, dote bem duro, morena, seios médios, bem duro, ativa passiva. Juliana, morena olhos azuis, recém chegada da Bahia. Venha aproveitar, venha aproveitar, venha provar meu sabor. DVDs. Alonza, sapata. Porque hoje é sábado. Hoje acalma. Livros voam. Pilhas de livros. Dominós, ruas. Cave Canem, unidos. Promoção. Animais da fazenda, porcelanas de época, instrumentos musicais. Vem, vem, Letícia. Vem, Letícia! Uma bicicleta. Duas pessoas dormem na rua. Profundamente. Uma bicicleta quase passa sobre elas. Eu me perdi. E agora? Tinha que voltar?

Eu fui seguindo o fluxo de como eu faço pra ir pra República. Meu corpo vai pra República. Hoje é sábado. Um dia lento. Um centro com as quadras tão regulares, eu me perco! Me perco procurando a sombra. Me perco num dia inútil.

[Segunda-feira já começa as aulas, hein? Segunda-feria, dia 4 já começam as aulas.]

Já começa as aulas. Um minuto.

[Material escolar bem baratinho]

Passo pelas bolsas. Barão de Itapetinga vazia. Loucura. Feito mão a mão. Você sabe a história da sua roupa? Você sabe por quantas pessoas já passou a roupa que você tá usando? Quantas crianças, quantos escravos. Quem estampou? Quem costurou? Da onde vem o algodão? Da onde vem essa gravata?

[Não, 18 deve ser a mini. Deve ser 18 e 28, né?]

Sim, deve ser 18 e 28. Nossa, de repente abre um buraco no chão. Uma cratera. Um buraco e lama. Brumadinho. De repente brota na minha frente uma árvore. Que aparece aqui na Barão de Itapetinga como se fosse uma colagem, como se tivesse... alguém tivesse colado. Ela não faz sentido aí. E nem os galhos fazem sentido. Os galhos novinhos poderiam ser quase de um ipê. E uma árvore com suas raízes velhas. Uma árvore velha com galhos novos. Alguém disse é como se uma mulher na menopausa tivesse um filho. As folhas dessa árvore vão muito alto, muito alto, como se quisessem tocar o céu, como quisessem ficar distantes dessa bolha de asfalto, bolha de calor. Essa onda quente que o asfalto traz. Sorte de quem mora lá no alto. Eu vejo esses galhos compridos e lembro sempre da história. Minha mãe me contava. Do índio que subiu na árvore, que ele queria chegar mais perto das estrelas, até que uma hora ele virou uma estrela. Chegou tão alto, tão alto, tão alto que acabou virando uma estrela. Era algo assim, um conto da Clarice Lispector pra Criança. Eu sei que eu tenho que seguir um trajeto, mas eu me perco. Eu procuro a sombra. Procuro história pra contar. Encontro

um outro verde. Os edifícios à minha volta de repente vão, começam a ser pintados como se tivessem numa animação. Edifício Francisco Coutinho. Luxo, escala, 19 e 23. 18. Prestígio. As lojas já tão fechando. É sábado. Controles, iPhones. Bluetooth. Carregador. Power bank. O piso muda. Saí do calçadão. O sol esturrica de novo. O piso do chão muda. Agora é um cinza. Agora não tem... não tem tanto... é um padrão, é mais padronizado, não tem tanta, não tem tanto adorno. Não tem mais de uma cor. É monocromático. E engraçado é que onde esse piso é mais monocromático, as pessoas andam mais rápido. Dois carrinhos de madeira descansam. De carregadores. Os carrinhos tão vazios. Hoje é folga até pra eles.

Consolação tá a 300 metros daqui. 1 minuto andando. Avenida São Luís, 170 metros, 1 minuto andando. Praça da República, 380 metros, 2 minutos andando. Edifício Vicentina, 25 25. Chego perto da praça Dom José Gaspar. O verde começa a parecer. O luxo começa a aparecer. As fachadas, os prédios tão diferentes. Nossa, que medo desse aviso. Será que essa grelha vai cair? O meu vestido sobe. Minha calcinha aparece. Me lembra do "Quanto mais quente melhor", da Marilyn Monroe. Imagina uma roupa super esvoaçante nesse vento. (Risada) A menina brinca com o chapéu! Ele voa no vento da ventilação.

Odete – trajeto A

[Agora acho que tá gravando. Tá vermelhinho, tá vendo?]

[11:21, gente]

Estou começando a passar no grande olho. Esse olho enorme, o grande concreto. Esse olho vai se abrindo aos poucos, aos poucos esse olho vai se abrindo pruma grande floresta. Nessa floresta, eu vou encontrando caixas, caixas que são da mesma cor, essa cor marrom estranha. Do lado olho tem uma escada, é... essa escada... e se as pessoas se derretessem por essa escada? Ou chegasse ao grande olho rolando? Rolando, rolando, rolando! Haha! O grande olho abre cada vez mais. Deste lado, vejo floresta, muita floresta. [susto] Agora, eu giro o meu corpo e olho o grande olho de frente. Ele tá ficando cada vez mais distante. Desse lado tem uma floresta com várias árvores e várias caixas, caixas que são de vidro, algumas de concreto, caixas enormes, grandes, grandes, grandes. Essa hora o meu corpo vai se distanciando deste grande olho. E eu vou adentrando na floresta. Aqui tem uns tijolinhos no chão que você vai brincando, você brinca! Como se fosse bloquinhos! E nesse bloquinho, você pode brincar, se divertir! É um bloquinho diferente, assim! Nesse caminho, eu encontro... ohhh... uma grande árvore! Hahahah! Gigantesca no meio dessa floresta! É, essa não tá tão presa... Ela é linda! Eu olho pro céu, vejo a imensidão do azul nessa grande floresta. Mais e mais bloquinhos! E a gente pode brincar, se divertir nos bloquinhos! É um chão diferente... E assim eu vou olhando a floresta, o verde, misturado com as caixinhas, com os grandes blocos, de vidro, de concreto... Caixinhas não, né! Caixotes grandes! Grandes, grandes, grandes assim que o meu corpo fica pequenininho perto dessa imensidão de caixote no meio dessa floresta! Mais quadradinhos, tijolinhos, que você pode pular, brincar nesses tijolinhos, se equilibrar! É... Aí, neste caminho dessa floresta, tem pessoas, pessoas que sonham, que dormem, dormem, seus corpos se derretem no meio do caminho dessa floresta.

Corpos que se encolhem no meio dessa floresta. O que será que eles pensam, né? O que que eles fazem aqui, sonham? Acordam no meio dessa floresta, se misturando aos grandes... a essas latas ambulantes que passam, que cortam a floresta pelo meio. Essas latas que vão e vão, vão e vem, correndo com seus barulhos... ensurdecidor. A grande floresta, é... com seus caixotes de vidro. Estou eu aqui, num treco laranja estranho, onde tem os tijolinhos de brinquedo, que cê também pode brincar. Olha, perceba. São tijolinhos engraçados, assim. Agora o grande relógio, o que controla o ir e vir, o que controla os seus minutos, o que controla o que você vai fazer, o que vai deixar de fazer, controla a temperatura, controla o AR. Ah, olha lá! Me deparo aqui com o grande caixote gigantesco na minha frente. cheio de letrinhas! Ao lado uma bandeira que balança de um lado ao outro, é! O vento passa por ela. Agora eu vou chegar na graaaande Ladeira. Ha! A Ladeira da Memória. Memória. Ancestralidade. É, a ladeira da memória com as suas casas que deu lugar a um grande muro, as casinhas do livro, da fotografia do livro, varias casinhas. É uma ladeira enorme; ela é gigante. Por ela passa um rio, um rio que insiste em não morrer, esse rio não quer morrer, ele tá aqui presente. Ele é ancestral, ele corre pela ladeira. E a ladeira é tão gigante, é tão alta. As suas árvores, imagina, elas estão aqui há tanto tempo. É uma imensidão. Essa ladeira que já teve várias histórias, histórias das casas que já foram destruídas dando lugar a uma modernidade. Mas o rio não. O rio de alguma maneira continua aqui. E o meu corpo se inclina, ganha força pra subir as escadarias da Ladeira da Memória, das memórias, da minha memória, da sua memória. E ela é tão grande, ela vai engolindo o corpo, conforme você subindo, ela vai te adentrando, ela vai te penetrando, ela é tão grande. Barulhos, barulhos, barulhos de uma cidade contemporânea. A ancestralidade vai dando lugar ao moderno. O que faz aqui uma árvore tão grande acorrentada? Correntes. Será que em algum momento essa árvore quis escapar deste lugar e alguém prendeu pr'ela não fugir. A impressão que causa é que ela vai fugir daqui. E ela é tão grande, tão bonita, tão forte. Ela detém a ancestralidade deste lugar, suas raízes, cria entranhas por essa ladeira, que agora vista daqui de cima. Você vê o rio, o rio, que não desiste, que insiste em ficar vivo. Agora o corpo, ele toma impulso para ver a ladeira de cima. Nossa... É uma imensidão, é grande, é infinito! Você consegue ver o tamanho que é essa ladeira, a ladeira da ancestralidade, a Ladeira da Memória. Agora, você dá de cara com o atravessamento da cidade. As latas percorrem cortando a cidade, caminhando agora, um pedaço, árido, você olha e vê outro controlador de tempo. Lá, bonito pendurado, quase chegando no céu, grande, pendurado, quase chegando no céu, marcando a sua hora. Agora vamos percorrer caminhos mais áridos, pessoas que vão e vêm, hoje com o corpo mais lento, mais tranquilo. Olhando seus aparelhinhos celulares. É... este lugar, ele é meio... ele comprime um pouco o seu corpo, ele, ele fecha um pouco, assim, ele te deixa um pouco angustiado, porque, ele é meio, ele te aprisiona. Mas você vê pessoas passando de um lado, do outro lado. Linhas que te conduzem a caminhos, linhas de ferro. Você passa por linhas de ferro. Engradados. Princesa, olha, princesa, uma loja princesa, roupas para princesas.... Cascais Ais... dá para fazer letrinha de música CAIS cais....Uma galeria Abril, abriiuuma galeria. Caminhos. Uma grande boca, gigantesca. Agora eu vou atravessar esta grande boca. Uma boca que dá acesso a outros encantamentos. Vamos descobrir como que são esses encantamentos, coisas coloridas, encantamentos. Uma boca que vai te engolindo aos poucos. Olha...! Um lugar, um cemitério de tecnologia. Lugares onde o que não serve mais pode dormir. O que não serve mais pode ficar. Então... Alice e Luiza, costureiras. Costureiras para as roupas das princesas. Outro Ponto a Ponto. Lojas de Francisca e Maria, o que será que dona Francisca e dona Maria tanto costuram para as princesas? Outra! Lotus Costuras, serviços de costura em geral. Há! Sapataria! Sapataria, olha lá, Conserta já, sapatinhos de princesas, fazemos todos os tipos de

consertos. Princesa, sapatinhos de princesa. Agora, o mistério... A grande Floresta!! A surpresa! Uma floresta imensa! É uma surpresa gostosa, uma surpresa interessante. Aqui seu corpo pode pausar, olhar o pássaro que passa. Tranquilamente. Agora chegaremos a um lugar interessante, que tem umas grades, que faz barulhos, esconde barulhos, uma grade que aprisiona sombras. É, ela é profunda, ela aprisiona sombras e ela aprisiona também barulhos, ela aprisiona alguns barulhos. Presta atenção. A gente vai chegar aqui. Aqui, olha. Ela aprisiona sombras e aprisiona barulhos. É uma imensa grade no meio da cidade de concreto. É uma grade que faz você voar... Presta atenção. Nessa grade você pode VOAR. Sente! Sente o barulho, sente o vento, esse vento no seu CORPO. Aaaahhh

Odete - trajeto B

Aonde será que ela vai, né? Ela subindo essas escadas, é, com esse aparelhinho cor de rosa. E essa água? E o barulho dessa água. Aaah, o vento dessa água. Será que essa água sempre teve aí? Nossa... Esses cavalos. Eles são tão grandes! Será que.. Acho que à noite aqui é meio, meio assustador, né? Porque parece que essas estatuetas elas vão sair andando. É... E aquele ali se espreguiçando? Nossa. Essa aqui, ela tá pensando. O que será que ela tá pensando? Será que ela se jogaria nessa água? Ai, é... dá vontade mesmo de se jogar nessa água? Como seria, né, se jogar nessa água? Ia ser engraçado! Nossa, essa escada, ela é tão grande. Ela é muito grande. Como será andar de costa nessa escada? É mesmo, andar de costa... Nossa, eu fico aqui pensando, quem será que, que fez essa escada? Né? O trabalho que deu... Será que deu...? Deve ter dado muito trabalho! Ela é muito grande! Han! Agora, aqui em cima, nossa, ela é apavorante! Que medo que me dá! Carlos Gomes! Antonio Carlos Gomes! É, é assustador. De dia, ele observa a cidade. É, ele tá observando a praça ramos. É aqui, Não, o vale do Anhangabaú. Ele observa o Vale do Anhangabaú. Han! Que coisa, né? Ele observando o Vale do Anhangabaú, tão grande... é... A cor dele não me agrada muito não. É negra, assim, preto escuro. Eu acho que, eu acho que... assim... A cor dele poderia ser, sei lá... ah, eu ia pintar de rosa, pra ficar mais chamativo. Essa cor... ela é mais sei lá... no inverno.. No verão, eu pintaria de rosa. Mas no inverno eu deixaria mesmo essa cor, porque combina com o inverno, é.

Atravessaaaar a rua.. Aaah, esse farol... Agora eu não tive a sorte de pegar o farol aberto. Han! Agora... Ai! Tá passando um carro gigante, enorme! Um ônibus elétrico! Haha! Elétrico! Nossa isso faz com que a cidade vire outra. Ela fique, ela vire uma cidade antiga, muito antiga. Esse ônibus elétrico. A cidade fica antiga. E esse cruzamento aqui que é uma coisa imensa, gigantesca? É... Do lado tem um relógio. Ele marca agora 5 pras duas da tarde. Do outro lado, um prédio que também lembra a parte antiga da cidade. É. O corpo gira gira gira, que dá pra ver tudo, assim, dá pra dar uma grande olhada. E um calor aqui. A temperatura aumenta, aumenta. Haaann, ah, essas escadas, essas escadas, dá vontade de sair rolando nela. Tem gente descansando nela. As pessoas aproveitam a escada pra dormir, é. Elas aproveitam pra dormir, pra descansar... é. Desenhos, desenhos pelas paredes. É. Paredes desenhadas. Agora pra onde será que ela vai, né? Ela caminha pra onde? Aonde será que ela vai? Ali tem mais desenhos. É. Uns desenhos que chamam atenção. Letras grandes. É. Aqui tem um certo silêncio, uma sombra. Agora a temperatura já não é tão forte e tem uma certa calma das pessoas, elas vão andando pra algum lugar, cada uma com suas formas, assim, é. Pra onde será que esse moço vai com essa bicicleta? Hhaann!! Outra bicicleta! Pra onde será que eles tão indo, né?

Águas pluviais. Dá impressão que vai sair um bicho grande daqui de dentro. É. Um bicho enorme! Nossa, muito grande! É, han. As pessoas, é... O que será, né. Antigamente, essas ruas. É... A caminhada nessas ruas, com outras roupas. Agora... agora não... agora as pessoas caminham com seus aparelhinhos, né. Mas antigamente não. O que será? Passear, cavalos, vacas, agora não... e lá vai ela, com duas crianças. Duas crianças. Aiii... As pombinhas, elas estão correndo atrás das pombinhas. Pombinhas. Onde passava cavalos, vacas, agora passa pessoas, pombinhas. Ah, essa árvore tão grande, né. Essa árvore deve ficar vendo coisas o dia todo. O dia inteiro ela consegue saber das pessoas, que ela fica aí. Mas ela é mais viva do que nunca! Han! Ah, essas banquinhas. São tão engraçadas. Elas parecem carros alegóricos. É mesmo, né, e se elas fossem carros alegóricos e essa rua fosse uma escola de samba? É, dá a impressão que é. Assim, que são banquinhas assim coloridas, com várias coisas repetidas. É. Várias coisas repetidas. Elas são engraçadas assim. Carros alegóricos. Ah, ééé... o carnaval tá chegando. Essa loja é rosa choque. Choque choque choque. Uma rosa choque, colorida! Acho que é a coisa mais colorida que tem nessa rua. É, ela é muito colorida. demais de colorida. É a loja mais engraçada. E assim e ela tem várias sapatilhas, tudo igual, só muda a cor. É, esse lugar tem essa coisa, assim os Carros alegóricos todos com as suas mesmas coisas, mas tem uma aqui que é mais engraçada. Essa também; é ótima! Ela é muito colorida assim. Ela chama atenção. Tem laranja vermelho azul, listradinho... ah olhaaa várias cores. E aqui.. Aqui se encontra outra árvore. É. Diria que ela tem filhotinhos. É, ela tem vários filhotinhos. Ela é gigante, alta. É, ela fica aqui, parada e escutando as pessoas que passam por aqui, vendo as pessoas que passam por aqui. O que será que essa árvore sente, né? Assim, como que será que é a vida dela nesse lugar? Eu acho que ela é um pouco castigada na parte de baixo. Assim, nao deixaram espaço pra suas partes se manifestarem. Pois é.

Aqui outro carro alegórico . Essa rua é cheia de carros alegóricos. Outro! Só que esse aqui é feito de quadradinhos. Éé... Vários quadradinhos coloridos. éé... De todas as cores. Ah, outro outro outro carro alegórico, esse aqui é de roupa. Um carro alegórico de roupa! Haha! Aahh se eu tivesse nesse carro alegórico ia ter um microfone pra chamar as pessoas pra vir aqui no meu carro alegórico. Ah esse aqui é um carro alegórico mais triste. Não tem muito colorido. É, eu se fosse o moço, colocava umas coisas mais coloridas, é. Mas essa rua é uma rua interessante assim. Olha! Um carro alegórico de isqueiros. hahah! Canetas pilhas. Um carro alegórico engraçado. Pois é. Pois é... Olha! Uma...hannn! Da onde vem esse som? Um som de Uuuuuuuuuuuuuu alguém cantando música!, Olha lá olha lá! Um som! Uuuuuuu!! Tô tentando aqui reproduzir, mas não é fácil! Mmmmm!! Hahan! Quem seria esse? Olha um som, um som! Aqui! Haha! Vou passar num vento! Uuuuuu ai que gostoso! Um lugar que é meio estranho assim, parece uma ponte. É, e lá embaixo, assim, tem um ar que sobe. Tem gente que ia ter medo de andar nessa ponte. Tem gente que ia morrer de medo dessa ponte. Como será embaixo dessa ponte? Olha! Esse som pode ser, que esse som venha de baixo da ponte. Será que vem? Eu não sei... Assim, eu tô tentando achar. Será que esse som vem de baixo da ponte? Outra ponte. É... será? Olha! Tem gente que caminha lá dentro! É... Tem umas sombras que passam lá por dentro. Esse barulho, esse som, essa voz, será que vem de lá de dentro?

Tati - trajeto A

Começando aqui. Lá embaixo do Viaduto do Chá. O Viaduto do Chá antes tinha grafite, mas foi apagado... Ainda tem as marcas. Em direção ao Largo da Memória, no lado esquerdo, eu vejo imagens de resquíços de um leão, desenho, já meio apagado.

No Centro de Referência da Cidadania do Idoso. No Centro de Referência da Cidadania do Idoso, muitos encontros. Talvez seja isso o mais importante.

(música de fundo)

Saindo debaixo do viaduto do Chá. Olhando pra trás, parece um túnel.

Andando na Rua Formosa, na lateral do prédio Light. A antiga Light, depois Eletropaulo e agora vendida por uma empresa italiana, Enel, a energia elétrica da cidade de São Paulo.

A 23 de maio à minha esquerda. Agora 37 graus no relógio da 23. Os pedregulhos, as pedras, as pedras do lado esquerdo da Rua Formosa, degraus, a antiga calçada, andar mais cuidadoso.

Ando em direção ao Terminal Bandeira. Fluxo com a saída do metrô Anhangabaú. Confluências, trânsito de pessoas, trajeto curto, mas intenso, entre a saída do Anhangabaú e a saída do Terminal Bandeira.

A Rua Formosa sendo atravessada todos os dias, por quem sai do Terminal Bandeira e entre no metrô Anhangabaú ou vice-versa.

[alguém ao fundo diz, *todo dia, todo dia*]

A entrada do terminal Bandeira é parece um tunelzinho, parece que a gente vai entrar num tunelzinho. E a entrada tem a mesma altura, parece, em relação ao chão e em relação ao teto.

Caminho gostoso, da saída do terminal Bandeira até a entrada do metrô Anhangabaú.

Embora o fluxo seja grande, tem muita afetividade nesse atravessar a Rua Formosa.

Chegando no Largo da Memória, o frescor da sombra. Já outro caminhar aqui, na ladeira, mais tranquilo. À esquerda, a Banca Edemar.

E subindo a Ladeira da Memória, lembro do meu pai.

Ponto arborizado, que modifica o caminhar das pessoas.

E se essa escadaria do largo da Memória fosse movente? Vários degraus se movendo. E se o Largo da Memória pudesse ser... tivesse mais bancos por aqui pra sentar? E se aqui, de frente pro monumento do Largo da Memória, tivesse um banco?

E o muro que fica na lateral do Largo da Memória, que parece uma muralha e que divide o movimento intenso de cima e o caminhar das pessoas aqui embaixo, de forma mais tranquila, pelo menos nesse momento.

Subindo a escadaria. Arredondada, se a escadaria fosse movente e escadaria? E a escadaria cheia de pequenas plantinhas. E se fosse coberto de grama e pudéssemos rolar?

Tronco de árvore que lembra perna, perna forte de alguém.

Subindo a escadaria, a ciclovia, observando a ciclovia à esquerda, que termina no Largo da Memória.

Observando o monumento: sempre tem um pássaro na ponta do monumento.

Outro som já na avenida.

[olha água mineral geladinha, água é 2, olha a água, olha a água, olha a água]

Virando de costas, olhando para o relógio do Hotel Jaraguá. Aqui tem um recorte de céu maior.

Volto.

[água geladinha, água mineral é 2]

Indo em direção à outra ponta do metrô Anhangabau pra atravessar. Já na Xavier de Toledo. E os fios dos ônibus elétricos que fazem o cruzamento bem em cima da faixa de pedestre. Na verdade, os fios não são tão altos. São baixinhos. Atravessando a Xavier de Toledo.

Buscando uma sombra embaixo do toldo da banca. A plaquinha indicando os caminhos, embaixo, perto da árvore. Muita informação. Uma placa que se some. A placa indicando Teatro Municipal, Viaduto do Chá e Mackenzie some diante a tanta informação.

Num dia de sol como esse, há poucas sombras.

Subindo a 7 de abril.

Os prédios da 7 de abril com a Conselheiro, irregulares na parte de cima. No ao lado, um rosa, arredondado.

No estacionamento, mármore no teto.

[conversas na rua]

Entrando na galeria 7 de abril, Yakissoba, almoço, foto, sex shop, X-salada, Nirvana Restaurante, Angel. Muitas opções. equipamentos fotográficos, sex shop, suplemento alimentar, celulares.

Subindo o elevador. A plaquinha da escada rolante indica 1 minuto. 1 minuto terminando a hora que ela termina de nivelar, a escada rolante. Eu saio da escada rolante e já vejo a praça na parte de cima.

Descendo a escada rolante. Já na vista da praça. A biblioteca Mário de Andrade aparecendo em meio a praça.

A praça da Mário de Andrade. Nenhum banco para sentar, todos ocupados. Pessoas conversando, olhando no celular, descansando, comendo.

Em direção ao ponto final. Observando à minha esquerda a escultura escrito Dante: um rapaz com a mão pra cima e outra segurando um livro! Talvez ele estivesse pensando "Meu Deus, que calor! com

esse turbante, turbante não, com esse longo casaco dele. Não é casaco também, uma manta, uma... ele coberto!

Em direção ao ponto final. Uma placa de bicicletas, permitido estacionar. Entre a Rua Braulio Gomes e a praça Dom José Gaspar.

Chego ao meu ponto de encontro.

Tati - trajeto B

Ah, agora foi...
Vamo lá? C'est parti?

Iniciando a caminhada, a deriva.

Quando paro aqui olhando para fonte e olhando para o Carlos Gomes, a estátua indica que ele tá com a cabeça inclinada e com uma postura um pouco curvada olhando para o CRD. Será que ele tava pensando, "Quem sabe eu indo pro CRD, eu melhoraria a minha postura sentado aqui nessa cadeira?"

Sol escaldante. E esse chafariz, esse chafariz, essa fonte, só o som dela já dá um frescor.

Início a caminhada, ainda olhando pro Carlos Gomes, pensando. Pensando no quê, será? Olhando para o teatro Municipal, na lateral da fonte. Olhando os gárgulas de boca... gárgulas! Não é gárgulas, caras, as máscaras de boca aberta, quase como uma expressão de "aaaahhhhhh".

Subindo a escadaria. E o Carlos Gomes ainda aqui, pensando.

E eu pensando no Teatro Municipal, olhando na lateral dele, que bonito é o Teatro Municipal, mas merecia um banho, um banho de gente ocupando o Teatro Municipal. E um banho também, um banho de água.

Aqui no cruzamento do Viaduto do Chá com a Xavier de Toledo. As listras verdes, vermelhas, brancas e amarelas no cruzamento. Esse colorido no chão em meio ao cinza da cidade.

Começo a atravessar as listras brancas da Praça Ramos, em direção à Praça Ramos com a Praça Ramos.

Observando a luminária aqui do Teatro, primeira luminária na parte da frente dele. A luminária que era da Eletropaulo, feita em julho de 1988. É, e hoje uma empresa italiana, talvez, Enel, de energia elétrica assume a energia da cidade de São Paulo.

Na frente da entrada do Teatro Municipal. A escultura aqui de dois homens segurando, sustentando o pilar do teatro. Aqui também, eles mereceriam um banho, um banho de água, pra refrescar e também pela poeira, pra tirar a poeira tão impregnada neles. É, o Teatro Municipal mereceria um banho, um banho de água e um banho de gente ocupando o Teatro.

Aqui paro na Praça Ramos com a Praça Ramos, duas placas que indicam a grandeza da Praça Ramos. Olhando pra direita, vejo um prédio que parece umas casinhas de cachorro, uma em cima da outra. Um prédio pequeno.

Resolvo atravessar por conta do sol.

Entrando na Barão de Itapetininga, outro som, completamente já de murmúrio de pessoas, outras respirações, outro som, não mais um som de carros, mas de gente.

Centro vivo de pessoas, de pensamentos, na frente da galeria Nova Barão.
Artista de rua. Um artista de rua instalando seu som.

Centro vivo de gente. Copiadora a céu aberto, currículo, vende-se ouro, vende-se pano de prato, brinco, chapéus bem baratinhos por aqui, conjunto de lápis, borracha, bola bastão... [cadernos... ressoa o anunciante da loja no microfone]

Entrando na Rua Marconi, observando o chão. Esses quadrados pretos, e se soltassem água, vários vapores d'água, enquanto as pessoas passam nesse calor escaldante? E se os prédios soltassem água pelas laterais? Pequenos esguichos, só para refrescar.

A rua Marconi, ela me parece uma rua estreita - ela não é estreita, ela é larga - mas saindo da Barão de Itapetininga, a sensação de abertura entrando na rua Marconi dá a impressão de estreito.

Agachada na Rua Marconi, tentando ter a vista de um cachorro. Muitos passos, pernas. Quando agachamos também alongamos a lombar.
Ainda na vista de um cachorro, muitos pés, empurrando o chão. Em propulsão.
Nesse momento, as caminhadas são tranquilas, mesmo no Centro.

Continuo a caminhada. Roupas, lápis, pano, meias, cadarços, vende-se tudo... energia elétrica. Até energia elétrica vendemos. O que era a Eletropaulo de 1988 agora é a Enel.

Um bicicletário. Um bicicletário que, se não tiver bicicleta, dá pra sentar de frente pra árvore da rua Marconi, estreita. Assim como é minha impressão de quando entrei nessa rua, saindo da Barão.

Ar condicionado pingando... não é bem o esguicho que eu tinha pensando que saía dos prédios e saía do chão. As águas que caem dos aparelhos de ar condicionado, hmm, talvez não sejam tão agradáveis de se sentir.

Cerca elétrica na Rua Marconi, olhando para o edifício São João. Mas na rua Marconi!

E observo os pingos dos aparelhos de ar condicionado.

- Eu tô quase na Sete já, né?
- O senhor tá quase na 7 de Abril.
- Na 7 já, né? Brigado!
- Isso...O senhor... o senhor quer uma ajuda?
- Opa! Aqui é a 7 já? Aqui é a 7, né?
- É a próxima, à esquerda.
- A próxima, né. À esquerda, né? Agora, né?
- Isso... é a próxima. Ah, perdão, é essa aqui.
- É essa aqui?
- Essa aqui!
- A 7, né?

- É.
- Obrigado!
- Essa é a 7 de Abril.
- Obrigado pela sua ajuda! Obrigado. [se afastando]
- Obrigado, bom dia!

Acompanhando um cego que tenta caminhar na rua 7 de Abril, em meio ao fluxo de pessoas, num caminhar, num caminhar conjuntamente com outras pessoas, na sensação do caminhar conjunto com os outros sem olhar.

Outro som já aqui, saindo da rua Marconi.

General, olhando para uma loja, um prédio enorme escrito General. O que será?

Área de pedestres, área de encontros, área de conversas, área de muitos pensamentos, área de fluxo. Área de vida.

Indo em direção à Praça Dom José Gaspar. Melancia, hummmm.

- Posso experimentar um pedacinho?
- Poode..
- Dessa melancia?
- Só isso 'cê queria?
- Só um pedacinho!
- É, não! Pode, pode pegar!
- É? Muito obrigada!
- De nada!
- Bom dia, 'brigada!

Melancia no centro da cidade. [alguém assobia]

Aqui, Praça Dom José Gaspar. Chego aqui no meu ponto final.

Trajetos reunidos - sem cores

Trajetos A

1 - Viaduto do Chá

Estou passando embaixo do viaduto, o grande olho. O grande concreto, esse olho que vai se abrindo aos poucos. Quando eu era pequena, eu achava que ele era composto de xícaras de chá. Agora tenho a sensação de entrar por um portal, para o vazio, para a ausência. Tem muito silêncio. O centro tem uma relação com o tempo muito específica. Você pode passar num mesmo lugar de dez em dez minutos e é completamente diferente. Vejo gente que vai, gente que vem. Em Montevideú, eu posso caminhar três a quatro quadras e não vejo ninguém e aqui eu vejo centenas e centenas de pessoas. Eu vejo a falta d'água. A falta da história. As pessoas que andam por aqui nem imaginam tudo que aconteceu neste lugar, que era um antigo cemitério indígena. Antes tinha grafite, mas foi apagado... Centro de Referência da Cidadania do Idoso, muitos encontros. Talvez seja o mais importante. Aqui moravam várias famílias que foram despejadas. E agora ficam os resistentes ou quem procura sombra. Tem uma planta que quer crescer em meio às grades de ferro. A raiz dela é dentro. A vegetação deseja ser aqui, nesse centro. Aqui passava um rio. Os mais abastados passavam por cima do viaduto enquanto os mais pobres passavam por baixo, tendo que atravessar o antigo ribeirão Anhangabaú. Os estrangeiros têm muita dificuldade de falar Anhangabaú. Eu me pergunto por que essa região sempre está com o chão molhado? Acho que eles lavam à noite. Nesta floresta, vou encontrando caixas, caixas da mesma cor marrom estranho. Giro meu corpo e olho o grande olho de frente. Giro de novo e vejo à direita os fundos do Shopping Light, à esquerda a 23 de maio, e parece que a escala humana se perde. De repente fico muito pequena. E os carros tomam conta da cidade. A escala do pedestre permanece nas festas. O centro é uma festa no andar do pedestre.

2- Rua Formosa

Meu corpo vai se distanciando do grande olho. Olho pra trás. Avisto o viaduto todo agora. Subo o meu olhar e avisto as Torres Gêmeas. Nós também temos as nossas Torres Gêmeas. Só que ninguém nomeia assim e elas não são univitelinas. Se eu olho pra esquerda, vejo o prédio da prefeitura, que tem aquele jardim que ainda é um mistério pra mim. Tem diversas espécies de plantas, algumas específicas da flora brasileira. Fizeram uma "curadoria". Dizem que é possível fazer um tour e conhecer o terraço. Ando pela Rua Formosa, que de formosa não tem nada. E tenho essa sensação estranha de São Paulo, que ao mesmo tempo é feia, mas me provoca. Andar pela rua Formosa exige um pouco de coragem. Essa é uma parte da cidade que considero árida, o sol bate muito forte e ele é refletido pelo asfalto. Sinto os raios entrando diretamente em mim. Cortaram esse lugar no meio com passarelas. O lugar foi arregaçado. Aqui as pessoas não param nunca. Eu vou seguindo num ritmo bem mais lento que o delas. Mas é o meu ritmo esse. É bom ter autorização pra ir devagar. E ir encostando nas muretas. Tem umas coisas que a gente vê quando está sozinho e que ninguém mais

vê. Tipo os tijolinhos no chão, tem essa brincadeira de ir pisando só nos paralelepípedos. Você vai brincando, você pode se divertir. Eu tenho a sensação de que a gente tá passando por um cemitério. Muitos corpos por aqui: lápides de presos políticos, lápides de exilados, lápides de veteranos de guerra. Encontro uma árvore gigantesca. O que eu mostraria pra alguém se tivesse sozinha são essas curvas dela, da árvore. Eu queria às vezes que o meu cérebro tivesse uma lente fotográfica onde as memórias de fato ficassem gravadas. As memórias não, as imagens. E aí eu mostraria pras pessoas depois. Na lateral, o prédio da Light, antiga Light, antiga Eletropaulo, agora vendida por uma empresa italiana Enel, a energia elétrica da cidade de São Paulo. Olho para o céu e vejo a imensidão desta floresta. O verde se mistura com as caixinhas vidro concreto. Gosto de ver pessoas sorrindo pela rua. Algumas pessoas têm alegria no rosto. Churrasco grego no pão francês três reais, na baguete, cinco. Tem pessoas que deixam suas marcas na rua. O pixo é uma arte insana. Na minha frente agora tem um prédio e algumas janelas tem pixos. Em cima dos botecos à direita também tem. Eu fico imaginando como as pessoas sobem nos prédios. Eles usam uma grafia confusa, incompreensível, mas o testemunho de que estiveram ali é muito marcante. "vai na fé, não na sorte" - está escrito.

3 - Terminal Bandeira e Estação Anhangabaú

Cheguei num momento onde estou confusa. Tem gente saindo do terminal bandeira para entrar no metrô Anhangabaú. E do lado de lá, das passarelas e dos viadutos, tem prédios que parecem desenhados, como se alguém tivesse pegado o céu e desenhado nele de fundo. O prédio à minha frente tem grafites como se fosse adorno das janelas. A beleza do centro é feia. Um feio interessante. E agora eu atravesso pra calçada que ficou mais larga. Por conta das diversas passarelas, remete a algo muito futurista. Tem também uma escultura laranja. Parece que caiu alguma coisa e ficou incrustada no chão. É Uma viga de metal. Eu fico me perguntando o que é isso, se é intencional, um acidente. São Paulo tem 14 milhões de habitantes no momento, então praticamente todos os lugares tem pessoa o tempo inteiro. Sempre tem gente dormindo pelos cantos, sempre tem gente catando lata, sempre tem gente mexendo no celular, sempre tem gente empurrando carrinho. Sempre tem gente arrastando uma malinha. A locomoção é muito engraçada, porque é isso: carrinho, bengala, bengala de cego, bengala de quem tá machucado. O grande relógio controla o ir e vir, controla a temperatura do ar.

4 - Ladeira da Memória e Largo da Memória

Vou chegar na ladeira da Memória. Por ela passa um rio que insiste em não morrer, ancestral. Sempre que eu passo aqui tem alguma água escorrendo dos bueiros. Impressionante essa história que a Odete falou do rio que vaza pelas pedras. Fizeram toda essa concretude no Vale, tiraram as plantas, tiraram os chás, tiraram a chácara. Sinto a ausência da água. Tem azulejos no chafariz que não funciona mais. Será que era a fonte onde os cavalos bebiam água? No começo do século XIX, aqui era a entrada e a saída da cidade, dos tropeiros. Hoje tem mais pessoas sentadas na praça. Hoje o lixeiro já passou. A gente se deu boa tarde. Mas se é antes do almoço, é bom dia. Caso você não almoce no dia, aí eu não sei o que se diz. Na Ladeira da Memória, lembro-me do meu pai. Tem um pessoal que veio fazer um piquenique. Um garrafa pet cheias de suco. Faz tempo que eu não faço nenhum piquenique. Se eu fizesse, não sei se seria aqui, porque aqui tem uns pombos estranhos. Do outro lado da rua tem um restaurante lanchonete com um toldo vermelho que parece sustentar as pessoas que moram no prédio. É uma rua amarela com um hotel amarelo e um prédio também amarelo, olhando para a Nove

de Julho. As coisas todas se misturam, um cobertor, a calça suja de cocô, o olhar do amor do menino apaixonado pela garota de lenço. No hotel devem ter vários cartazes contra o exploração sexual infantil. Quero pensar que a mensagem é eficiente. Loterias, megasena acumulada, barbearia, as pessoas passando no intervalo do trabalho. Meu corpo pende para trás, pende seu peso para o passado da memória do que eu não vivi. Agora ele ganha força para subir as escadarias. O mesmo punk fumando. Apesar de ser tão inóspito pelo cheiro, ainda há um desejo de ficar. Olho a fonte do largo. Aqui temos o obelisco, que é um monumento fálico. Sempre tem um pássaro na ponta. Tem também umas colunas de ferro bem bonitas. O que faz aqui uma árvore acorrentada, será que em algum momento está árvore quis escapar deste lugar? A árvore engoliu as raízes, engoliu a corrente. A árvore explode o muro e vai avançando sobre o concreto. Parece que no centro, estar parada incomoda. É estranho parar. As pessoas paradas, ou estão em uma certa situação de risco, ou “são a situação de risco”. Subo a escada da esquerda. A escada me cansa. Subir a escada é uma arte complexa. Tem um conto de Cortázar: instruções para subir uma escada. Está aberto o sinal. Vou atravessar.

5 - Xavier de Toledo

Você vai dar de cara com o atravessamento da cidade. A gente tem uma dinâmica, um tempo, um estado corporal muito diferente daqui de cima. Vejo tantas coisas que não saberia nem por onde começar a descrever o que vejo e o que o sinto. O mesmo cabeleireiro e mercadinho. Água mineral gelada é dois. A pele coça. Mistura da poluição com os mosquitos. Fotos na hora. Mil franquias. Várias senhoras na rua. Hoje é sexta-feira, dia de passeio, Maribela. Um tanto cinza. Olhando para o relógio do Hotel Jaraguá tem um recorte de céu maior. Big Mate Sucos e Lanches agora na esquina da 7 de abril com Xavier Toledo. Será que é o mesmo mate que vendem no Rio de Janeiro? Sempre gostei do mate carioca. Foto na hora. Tiramos fotos 3x4. Temos carnê do INSS. Plastificação, encadernação, palavras cruzadas. Vale card. Central da sorte. Pão de queijo e café 3,99. Lan house almoço comida caseira 13 reais filé de frango calabresa omelete. As pessoas no ponto de ônibus, Terminal Campo Limpo linha 8700-10 - não é essa que me leva pra casa. O cachorro, carro, semáforo... Um sinal infernal muito difícil de atravessar. Dá tempo de olhar rapidinho o coala azul pintado atrás da banca de jornal. Me dá uma puta vontade de pegar essa sombrinha e dormir na rua que nem o cara... Eu vou atravessar agora a Coronel Xavier de Toledo, que chamavam Rua do Paredão.

6 - Rua 7 de Abril

Depois de atravessar o farol, olhando a 7 de Abril, que antigamente era a Rua da Palha, a placa, indicando Teatro Municipal, Mackenzie, some diante de tanta informação. Vamos percorrer caminhos mais áridos, pessoas que vão e vêm, olhando seus celulares. Dá até pra andar sobre essa linha. A textura do pé no chão, o barulho da grade que salta. Andar por cima das grades... É uma outra sensação do pé. De vez em quando a grade dá uns pulinhos. Isso tá marcando meu passo. É uma linha. É um caminho todo cheio de retas desenhadas nas calçadas. Agora vejo os preços do salgadinho e tem uma luz de néon que diz 'Café 2 reais – Expresso do Salgado'. Tem gente caminhando na ciclovia. E na frente um monte de bueiros quadrados e retangulares com muita informação. Por que que está me chamando tanto a atenção o chão? O acúmulo dos ambulantes faz com que as barracas pareçam carros alegóricos. Esquina com a rua Conselheiro Crispiniano: tem um ambulante que vende uns

maiôs bem fluorescentes como os que usava nos anos oitenta . Furta-cor, rosa, amarela, laranja, coca-cola.. Eu tinha um maiô rosa choque nos oitenta que tinha flores. E eu tinha uns sete anos, a idade da minha filha talvez. Lembro dele, tenho uma foto com ele. Passo perto de uma galeria e tem um orelhão. Orelhão é um termo muito bom.. Nos bueiros antigos, está escrito fibra ótica, mas ecoa como se fosse algo tão antigo quanto os postes de luz, mais velho que o orelhão. O centro da cidade de São Paulo é primeiro de tudo grande, segundo, sujo, e terceiro, antigo. Existe uma cidade inteira só aqui. O centro sempre é cheio de vida. a diferença são quais vidas a gente repara ou não. Estacionamento, mármore no teto. Eu fico tentando me desviar da fumaça dos cigarros. Nossa, que estranho. Deus é fiel. É o nome da gráfica. Opa aluga. Caiscais. Magazine bebê. Zein nab. Acunputura.

7 - Galeria 7 de Abril

Loja Princesa, uma loja de roupas para princesas.... Cascais Ais... Dá para fazer letrinhas de música AIS... Uma coisa muito interessante sobre a cidade de São Paulo, uma característica arquitetônica específica que é uma marca, como se fosse a suspensão de um momento, de uma geração, de um estilo. É uma marca de uma época específica, uma estética muito específica. Esse centro, ele é repleto de galerias, elas fazem parte dessa paisagem. Galeria 7 de abril. Uma galeria abriu, uma grande boca que vai te engolindo. É proibido encostar na grade. A Galeria 7 de Abril nos dá a chance de caminhar por cima ou por baixo, como se a gente entrasse num túnel. Posso descer, subir. Yakissoba, sex shop, suplemento alimentar, celulares, muitas opções. Nem dá para imaginar que lá em cima tem acumuladores de mil cacarecos tipo calcinha, não, cueca de elefante com uma tromba, borboleta com dentes, chicote e até bicho de pelúcia felpudo. Entro no túnel, tem cheiro de comida. Estou com muita fome. Enfim, hora do almoço, ganhe um suco grátis. A primeira loja à esquerda é uma loja de conserto de impressoras, fax e telefones, um cemitério de tecnologia, lugar para estas coisas dormirem. Loja de criança, manequim de criança é bizarro, de vestidinho rosa e tutu... Igual da loja de balé, tem sempre essas coisas de menininha, sapatilhas penduradas... Mas eu fico querendo comprar collant, parece que a gente vai dançar um pouco melhor de collant. Mas aí quando a gente usa o collant, parece que a gente dança pior. Alice e Luiza, costureiras para roupas de princesas, Ponto a Ponto, Francisca e Maria, o que será que dona Maria e a dona Francisca costumam para as princesas? Eu amo esse anúncio: “não costuramos roupas sujas”. Me parece uma exigência justa. E à minha direita um sapateiro. O cheiro de cola de sapateiro é muito grande. Deve fazer, sei lá, vinte anos que não engraxo um sapato. Relojoaria breguets. E agora, parando um pouco... Só observando essa saída da galeria, dá pra ver “I love marmita, marmita food e lounge”. Marmita food? Que absurdo. A gente podia tá em qualquer lugar, saindo de uma porta bem larga que dá para uma paisagem de floresta. Frescor.... Olho pro alto e vejo árvore árvore árvore. A vida que insiste em sobreviver.

8 - Praça Dom José Gaspar e Brisa Metrô

Um oásis verde. A Floresta! Aqui seu corpo pode pausar. Olho um pequeno lago verde à minha frente. Um respiro para todo concreto e sol. Isso aqui foi planejado por urbanistas, mas dá a sensação de que tem uma floresta pulsante que quer aparecer. Continuo. Atravesso. Muito bom sempre olhar pros dois lados, afinal não quero morrer atropelado. Aqui na Praça Dom José Gaspar à minha esquerda tem um monumento de Dante com os braços abertos e com um livro na mão. Ele tem uma veste como

se fosse uma túnica, e na mão enorme o que se destaca é um livro que nos remete muito à ideia de bíblia, mas aqui embaixo tá escrito *Dante*. Muito provavelmente seja uma referência à Dante Alighieri e à sua *Divina Comédia*. É engraçado porque a cidade tá repleta de símbolos religiosos, a começar pelo nome da cidade, São Paulo, e, apesar de não ter nenhuma igreja nesse trajeto, o nome do túnel é Papa João Paulo II. Então o nosso trajeto praticamente começa com um símbolo religioso e termina com outro. Ambos símbolos católicos, o que diz muito sobre a história da cidade e do país. Na praça da Mário de Andrade nenhum banco para sentar, pessoas conversando, comendo. O horário de almoço tem muito barulho. Aqui o pastel a todo vapor, saindo, fritando. Eu acho que sexta-feira é o dia que o jardineiro passa por aqui. Porque alguém amontoa as folhas recolhidas em montinhos pelos canteiros. É quase uma preparação dum ritual. Várias árvores marcadas com montinhos de terra em volta pedem pra que algum corpo passe no meio delas correndo, dançando. Assim como um outro canteiro lotado de plantas, inundado como se fosse um brejo, pede que a gente entre nadando nessa selva. É muito selvagem. A gente chega aqui no meio da cidade de concreto. O que acontece no meio desse caminho? Existe uma saída, um bueiro, com ar. E uma árvore que abriga todas as coisas que saem voando dali. A ventilação se torna a diversão das crianças. Uma sombra dançando. Preste atenção, ela faz você voar...

Trajeto B

1 - Fonte / Escada (de baixo)

Começando o caminho B bem na praça, na porta do CRD e é lindo, porque a gente já tá ouvindo barulhinho da água, e está cheio de vegetação em volta. Olá. Cidade de São Paulo! O sol arde. Tudo brilha. O caminho é de ouro. O chafariz, a água, a luz que brilha... Eu nunca tinha reparado nesse pé de jacas. Será que dá para comer essas jacas? A verdade é que eu nunca comi uma jaca assim no pé, não sei nem como abrir... A jaqueira está apinhadinha. É até meio perigoso. Você ficar aqui na Praça Ramos descansando na sombra em baixo e, pum! Cai uma jaca na sua cabeça. Quando era pequena, eu gostava de comer amora. A gente saía da escola e ia roubar amora do quintal dos outros. É um alívio assim que tenha essa fonte bem aqui no vale. E sempre que eu passo nessa escada tem alguém turistando, tirando foto. A escultura é de bronze com cavalos assustadores que vão sair andando! O fato é que as esculturas em bronze vão ficando esverdeadas por conta do processo de oxidação. Andar ao redor da fonte é muito bom por conta do clima quente. As pedras artificiais da fonte, simulando pedras naturais, são medonhas. Da escultura dos cavalos eu gosto. é bonita essa força do movimento deles. Eles parecem meio revoltados. Em cima diz Ordem e Progresso mas os cavalos estão querendo fugir. Eu poderia estar no Ipiranga. Vejo imagem dos cavalos e da conquista. A representação falsa de poder, as estrelinhas. Os cavalos parecem ter asas. A água espirra das narinas dos cavalos como se eles estivessem fazendo yoga kundalini. Como se mijassem pelo nariz. As outras estátuas da fonte são como a gente: uma mulher chorando, outro se jogando pra trás se debatendo, aquela ali se espreguiçando... Vou virando pra subir. Vendo a praça por outras perspectivas. Dou a volta toda: vejo o Shopping, o CRD. Na escada tem uma escultura que é uma pessoa semi deitada, com as costas

apoiadas no corrimão da escada. É dramático! Ela tem uma espada caída no pé, levou uma punhalada e tá aqui morrendo, mas não parece morta. As mãos são desproporcionais, gigantes, devoradoras, esturricadas e tensas. Tem o rosto de uma pessoa em sofrimento. A faca pousa sobre o chão de uma forma muito correta e bem colocada, em oposição ao cambré. Parece um bailarino de Martha Graham. Ao lado desta fonte tem um monumento de um índio com uma arma fake, com arco, mas sem o fio. O olhar do índio mira para um lado, mas sua arma mira para o outro. Sem pontaria. E do outro lado, a imagem de um português conquistador. Dominado e dominador. Tudo o que remete a história daqui é pura contradição. Estou subindo. Dá para ver o todo, a fonte de cima. Se a gente ficar do lado esquerdo do corrimão consegue sentir um pouquinho da pedra molhada. Em algum momento molhou o corrimão aqui. Ela tem um cheiro incrível. A pedra seca é árida. A pedra molhada da vontade de ficar nela e virar musgo. Planta de pedra, planta de rochedo.

2 - Escada / Xavier de Toledo

Pronto. Subi a escada. Daqui tem uma vista privilegiada. É a paisagem habitual do centro. Penso em buzina, em fumaça, em sol, em banho... aproveitar o sinal aberto. Vou me enfiar na cidade, continuar o trajeto para ver o que tem nele, e se pode me contar algo sobre o meu corpo, sobre o meu corpo aqui, ocupando esse espaço, habitando esse lugar, e sendo junto aos outros tantos que estão fazendo isso aqui e agora. A criança desceu a escada, já toda iluminada pelo olhar. Ela vira. Olha pra todos os lados. O pai a reteve, segurou pelas mãos, e ele só tem olhar pro menino. O menino agora. O menino agora correu pro parapeito e o pai ficou segurando como quem puxa pra que ele não se jogue lá embaixo. Vou arrodar a estátua de Antônio Carlos Gomes. "Ao grande espírito brasileiro" diz aqui. Hoje tem menos gente, hoje é sábado. Espero o semáforo abrir e imagino a cidade espreguiçando, fazendo cócegas no pés das pessoas que passam nela. é quase imperceptível, mas a cidade está achando graça. Um ônibus elétrico e a cidade fica mais antiga! No cruzamento do Viaduto do Chá com a Xavier de Toledo, observo as listras verdes, vermelhas, brancas e amarelas no cruzamento, esse colorido no chão em meio ao cinza da cidade. Uma das coisas que acho muito icônicas das cidades grandes, de metrópoles como São Paulo, são os cruzamentos. Do outro lado, um relógio marca cinco para as duas. Atravesso.

3 - TEATRO

Na praça do Municipal, tem muita gente sentada na escada. Observando a luminária do Teatro. A luminária da Eletropaulo de julho de 1988. Imagina quanta memória tem esta escultura de mulher que veste um colete e lembra a Joana D'Arc. A estátua parece tá grávida. Esse lugar é a casa dos grandes espetáculos. Os vitrais foram feitos pra quem está dentro e não pra quem está fora. Será que isso um sinal de que só os de dentro têm direito à beleza? Uma das melhores coisas que acontecem durante o Carnaval é o bloco Tarado Ni Você. A gente vem pela Xavier de Toledo e dá de cara com ele... e o teatro... não é nada! A gente passa aqui pela escadaria e tem um moooonte de gente pulando fantasiada. A festa está na rua, do lado de fora. Se a gente focar nas esculturas lá no alto, junto com o céu azul, sem limite, infinito, e as nuvens rolando lentamente, e o sol queimando tudo. A impressão que dá é que as esculturas são deuses que estão descendo ou subindo. Acho que estão subindo, porque elas crescem quando a gente olha pra elas e observa o céu.

4 - Esquina (Praça Ramos X Praça Ramos)

As cores da cidade, elas ficam mais embaixo. Pelo menos as cores, cores. As cores não-cores ficam em cima. Os cinzas, né... Lá em cima tem um grafite cinza também, pessoinhas numa forma circular. Praça Ramos com Praça Ramos, é o que indica a placa. É uma redundância. São ruas gêmeas. Na verdade, é o quarteirão todo que se chama assim, mas é muito mais legal pensar que tem duas ruas que se encontram ali. É quase um espelho. Cada rua tem as suas características, mas se chamam igual: Praça Ramos e Praça Ramos. Essa ideia de que os quatro lados de uma praça tenham o mesmo nome é estranha. Nunca uma praça é toda igual, por mais quadrada que possa ser. Vários guardas civis. Um orelhão despedaçado, cheio de buracos. Ele chegou ao seu ápice de inutilidade. Vejo que tentaram arrancar o telefone de sua orelha. O coitado não tem nem as usuais etiquetas com propaganda de sexo. Eu gosto de olhar pra todos os lados, pra todos os prédios. Desde aquele jardim verde lá em cima da Prefeitura, uma selvinha particular, até as palmeiras que saem lá de baixo do Vale do Anhangabaú. Elas são sempre enfileiradas. Além de todas as ruas que passam lá pelo miolo, em direção ao Paissandu, tantos prédios. Eu vô observando tudo o que eu posso, as árvores... A gente ainda tem verde, apesar de tudo. Atravessando a rua sempre tem muitos camelôs. O senhor está tão calmo sentado debaixo da árvore com colete "Vendo Ouro". Aliás, são dois. Nem parece que eles tão vendendo ouro porque na verdade não são eles que vendem.

5 - Barão de Itapetininga

E aí gente vira o olho e, pum! Tá no meio dessa muvuca na Barão de Itapetininga. Atravessar isso na hora do almoço é quase um show de rock. Meu corpo segue horizontal com as lojas. McDonald 's, Drogasil, chocolate, celular, peças, tubarão. Tem uma pessoa sentada com uma inscrição que diz "compro ouro". Será que ele consegue comprar muito ouro? Será que as pessoas vão e falam para ele 'Oi, eu vendo ouro'. Seria uma excelente conversa. O conteúdo das barracas muda de acordo com o dia. Nas ruas em que não passam carros tem pessoas andando, tem camelôs. O carro é uma extensão do espaço privado. Como seria antigamente as caminhadas nesta rua? Cavalos, vacas... Que sorte que ainda resta alguma ciclovias depois de todas as mudanças políticas, né. Continuo andando. Tem um espetáculo de rua. Me aproximo para ver o que é. Um homem faz sua mágica com uma música monumental, ajoelhado num chão xadrez com um copo de água e uma corda. Eu agradeço a colaboração. Vários carrinhos estacionados ao redor. O rapaz limpa o chão, vendendo produtos de limpeza. Gravador, narguilé, ouro. Hoje é dia de performance. Tem uma 'escultura' muito interessante, que não é uma escultura. Um volume de plástico preto está amarrado com uma correntinha frágil com um cadeado, um objeto desconhecido, inanimado, inorgânico. Este objeto de estimação é segurado por cadeados enrolados. Parece uma das obras do artista Christo que coloca um monte de plástico em cima dos prédios como um modo de intervir, protestar. Cheguei na 'Princesa das meias'. Ahhh essa loja!! Eu imagino uma princesa com uma grande coroa só vestida de meias. O forte dela são as meias, ela troca de meia em meia hora. Tem várias estratégias. Coloca uma meia de cada cor, gosta de meia arrastão, de meia fina, de meia grossa. Gosta de meias de cores, mas também de meia de esportista, aquela que vai quase até o joelho, quase sempre branca, bem ajustada na canela. Nossa, essa meia num dia como hoje: Imagina! Coitada da princesa! Ela estaria com muito

calor. Um centro com as quadras tão regulares e eu me perco procurando a sombra. Um corpo apoiado na árvore que descansa. Olho dentro do orelhão: Érica viúva, Lorena travesti, Dani baixinha dominadora, Paula Peitão, Pati branquinha. Apartamento das novinhas. Cerveja grátis. Sob nova direção. Belas travestis. Morena seios médios ativa passiva. Juliana olhos azuis recém chegada da Bahia. Venha provar meu sabor. Dia da pausa, até as pombas estão mais calmas, em menor quantidade e mais lentas. Outro murmúrio de pessoas. Sigo olhando, passo por um prédio com uma inscrição que parece hieroglifo egípcio. Há um grande convite pra olhar pra cima, pras árvores. Tem um buraco no poste torto de 1911. Será que tentaram arrancá-lo também? Ele tem a bandeira do Brasil. Indo pelo lado bem direito da Barão de Itapetininga, indo bem de canto, dá pra ver até o final da Marconi.

6 - Marconi

Eu acho que o meu tempo tá um pouco devagar em relação ao das outras pessoas. Boa tarde. Ainda tem umas pessoas que falam boa tarde, né, na rua. Eu tento às vezes responder, quando eu encontro alguém na rua. Cheguei na Rua Marconi. Marconi é o nome de um cientista do final do século XIX, que faleceu em 1937. Pelo menos no centro velho, a gente se depara com essas coisas. Tem fios segurando os globos da iluminação pública, nos lembram aqueles balõezinhos de festa de São João. No Edifício São Manuel, uma placa que diz assim: “Atenção, você que paga aluguel, mora de favor, pensão, ou cortiço venha lutar conosco por moradia digna”. No Edifício tem ativismo, militância mas eu não sei bem do que se trata. Vários camelôs, uma rua com barraquinhas que parecem carros alegóricos. É incrível o acúmulo de coisas nessas barracas. Agora passo por um camelô que tem muito cheiro de couro, de couro sintético. Cintos com tantas fivelas diferentes e cores, uma pedra vermelha, umas coisas que brilham, uns negócios dourados, cinto de couro falso, de couro escuro e couro claro, marrom, preto, avermelhado, bege... Você anda mais um pouco e é bolsa bolsa bolsa bolsa. É muita coisa. Essa não é a região mais barata pra se comprar coisas em São Paulo. Sentar no cantinho, fumar um cigarro e mexer no celular, observando o chão, esses quadrados pretos... e se soltassem água nesse calor escaldante. E se os prédios soltassem água pelas laterais, pequenos esguichos, só para refrescar. Continuo andando. A rua Marconi ela me parece uma rua estreita, ela não é estreita, ela é larga, mas saindo da Barão de Itapetininga a sensação de abertura entrando na rua Marconi, dá a impressão de estreito. Sinto o espaço atrás, aos lados... Estou suada, pegajosa. Consigo sentir todo o espaço ao redor. Uma loja ROSA CHOQUE, ela é 100% rosa, com exceção das inscrições brancas e vende sapatilhas todas iguais. A Marconi é mais uma dessas ruas áridas. É comum essas ruas terem uma brisa, pois elas criam uma corrente de ar. Agora chegando mais pro fim, quase na esquina, me deparo com uma árvore grande, uma árvore com seus filhotinhos, ela fica aqui escutando pessoas ...

7 - Árvore

Não é a única árvore da Marconi, mas é a maior, a mais importante, a mais deslocada, a mais teimosa. Parece uma árvore colagem. Como se alguém tivesse colado, ela não faz sentido aí. É uma árvore que gosta de estar aqui e de ser única. Ela faz parte da rua. Alguém a viu e não quis derrubar (nem transplantar). Esse alguém pensou: 'essa árvore precisa estar aqui'. Em frente à árvore, no bicicletário, se não tiver bicicleta, dá para sentar. Ar condicionado pingando dos prédios. Um prédio

enorme escrito General..., o que será? Entre uma Chilli Beans, Loja X, Edifício São Lucas, Ed. Ernesto Ramos. Os edifícios começam a ser pintados como se eu estivesse numa animação. As folhas vão muito alto como se quisessem tocar no céu, distantes da onda de calor quente do asfalto. Sorte de quem mora no alto. Eu vejo os galhos compridos e me lembro da lenda que minha mãe sempre me contava. Do indiozinho que queria tocar as estrelas. Ele subia tão alto na árvore que acabou virando uma estrela. Um conto da Clarice no livro para crianças “Como nascem as estrelas”. Eu não entendo por que as pessoas picham o tronco de uma árvore. Nem sou contra pichação, pelo contrário, gosto de ver como que cada um escolhe se manifestar, se desenhar um cogumelo na parede do lado da loja Bem-te-vi que vende roupa para crianças. Mas pichar uma árvore assim por pichação... Se bem que os antigos faziam isso também... os artistas aborígenes desenhavam em tronco de árvore. Era a superfície que eles tinham e nela produziam coisas assim como a gente tem muros. Às vezes, o que acontece com uma árvore em uma cidade é isso, vira uma superfície, um enfeite, um lugar, uma coisa, um objeto restrito a um canteiro que dá sombra. É muito triste pensar nas árvores restritas a isso ou a algo que marca um cruzamento. Ou algo que atrapalha porque as raízes crescem e estouram. A árvore de raízes velhas com galhos novos. Disseram que parece uma mulher na menopausa parindo um filho. Como pode ter tanta força? Como pode suportar a dor? A dor que os homens lhe impingem. Dor. Será que árvore sente dor? Não sei. Depois tem uma árvore pequena, mas a árvore pequena é diferente. Ela parece ter sido plantada. Não sei. As árvores da Marconi. Poderíamos contar várias histórias delas. Uma conversa entre elas seria sensacional. O que elas diriam? Coitadas. Agora mesmo, eu tava me apoiando na árvore. Geralmente, quando eu faço isso nas árvores... enfim, não é sempre que eu encontro uma árvore dessas. Eu também sinto como se fosse um ritual de ficar encostando nelas. Um ritual de receber a energia dela de volta. Não sei se isso é meio Pocahontas. Mas eu realmente sinto uma energia boa. Me despeço com um abraço. Alguém esbarrou em mim. Ou eu na pessoa?

8 - Estação Brisa

Estou chegando ao cruzamento. Vou atravessar a rua e continuar em direção aquele verde, aquele maravilhoso conjunto de árvores. O piso do chão muda, sai do calçadão. Agora é um cinza monocromático, sem desenho, sem padrão. Neste piso monocromático as pessoas andam mais rápido. Consolação está a 300 metros daqui um minuto andando. Avenida São Luís 170 metros um minuto andando. Praça da República 380 metros dois minutos andando. Chego perto da Praça Dom José Gaspar, e o verde e o luxo começam a aparecer. As fachadas dos prédios são diferentes. A rua se encerra com um poste de cada lado. Desses que só temos por aqui. Os postes antigos. Eu adoro! Esse lugar da invisibilidade e do observador às vezes leva a gente para alguns cantos. O observador tem esse desejo de ser onipotente, onipresente, onisciente. É quase como se a gente pudesse se tornar um ser que passa por lugares que a gente não passaria, que vê coisas que a gente não veria, que fala coisas que a gente não falaria. De onde vem este som? Tapioca feita na hora com vários sabores. Sempre quero comer as coisas que tão na rua. O pastel, nossa... E o cheiro... Não é, não é o cheiro da minha marmita. Moço, posso experimentar um pedacinho dessa melancia? Passo perto da primeira brisa do metrô. Um lugar que parece uma ponte, sai vento, sombras que caminham lá dentro... A menina brinca com o chapéu e ele voa.

Trajetos reunidos - com cores

<i>Legenda das Cores</i>	
<i>Cor</i>	<i>Categoria/Classe Correspondente</i>
Azul	Informação Turística
Verde	Filosofia de Boteco
Lilás	Informação Situacional
Roxo	Ficção
Rosa	Devaneio Atemporal Não-Situado
Amarelo	Sensações Corporais
Laranja	Memória Afetiva

Trajetos A

1 - Viaduto do Chá

Estou passando embaixo do viaduto, o grande olho. O grande concreto, esse olho que vai se abrindo aos poucos. Quando eu era pequena, eu achava que ele era composto de xícaras de chá. Agora tenho a sensação de entrar por um portal, para o vazio, para a ausência. Tem muito silêncio. O centro tem uma relação com o tempo muito específica. Você pode passar num mesmo lugar de dez em dez minutos e é completamente diferente. Vejo gente que vai, gente que vem. Em Montevidéu, eu posso caminhar três a quatro quadras e não vejo ninguém e aqui eu vejo centenas e centenas de pessoas. Eu vejo a falta d'água. A falta da história. As pessoas que andam por aqui nem imaginam tudo que aconteceu neste lugar, que era um antigo cemitério indígena. Antes tinha grafite, mas foi apagado... Centro de Referência da Cidadania do Idoso, muitos encontros. Talvez seja o mais importante. Aqui moravam várias famílias que foram despejadas. E agora ficam os resistentes ou quem procura

sombra. Tem uma planta que quer crescer em meio às grades de ferro. A raiz dela é dentro. A vegetação deseja ser aqui, nesse centro. Aqui passava um rio. Os mais abastados passavam por cima do viaduto enquanto os mais pobres passavam por baixo, tendo que atravessar o antigo ribeirão Anhangabaú. Os estrangeiros têm muita dificuldade de falar Anhangabaú. Eu me pergunto por que essa região sempre está com o chão molhado? Acho que eles lavam à noite. Nesta floresta, vou encontrando caixas, caixas da mesma cor marrom estranho. Giro meu corpo e olho o grande olho de frente. Giro de novo e vejo à direita os fundos do Shopping Light, à esquerda a 23 de maio, e parece que a escala humana se perde. De repente fico muito pequena. E os carros tomam conta da cidade. A escala do pedestre permanece nas festas. O centro é uma festa no andar do pedestre.

2- Rua Formosa

Meu corpo vai se distanciando do grande olho. Olho pra trás. Avisto o viaduto todo agora. Subo o meu olhar e avisto as Torres Gêmeas. Nós também temos as nossas Torres Gêmeas. Só que ninguém nomeia assim e elas não são univitelinas. Se eu olho pra esquerda, vejo o prédio da prefeitura, que tem aquele jardim que ainda é um mistério pra mim. Tem diversas espécies de plantas, algumas específicas da flora brasileira. Fizeram uma "curadoria". Dizem que é possível fazer um tour e conhecer o terraço. Ando pela Rua Formosa, que de formosa não tem nada. E tenho essa sensação estranha de São Paulo, que ao mesmo tempo é feia, mas me provoca. Andar pela rua Formosa exige um pouco de coragem. Essa é uma parte da cidade que considero árida, o sol bate muito forte e ele é refletido pelo asfalto. Sinto os raios entrando diretamente em mim. Cortaram esse lugar no meio com passarelas. O lugar foi arregaçado. Aqui as pessoas não param nunca. Eu vou seguindo num ritmo bem mais lento que o delas. Mas é o meu ritmo esse. É bom ter autorização pra ir devagar. E ir encostando nas muretas. Tem umas coisas que a gente vê quando está sozinho e que ninguém mais vê. Tipo os tijolinhos no chão, tem essa brincadeira de ir pisando só nos paralelepípedos. Você vai brincando, você pode se divertir. Eu tenho a sensação de que a gente tá passando por um cemitério. Muitos corpos por aqui: lápides de presos políticos, lápides de exilados, lápides de veteranos de guerra. Encontro uma árvore gigantesca. O que eu mostraria pra alguém se tivesse sozinha são essas curvas dela, da árvore. Eu queria às vezes que o meu cérebro tivesse uma lente fotográfica onde as memórias de fato fossem gravadas. As memórias não, as imagens. E aí eu mostraria pras pessoas depois. Na lateral, o prédio da Light, antiga Light, antiga Eletropaulo, agora vendida por uma empresa italiana Enel, a energia elétrica da cidade de São Paulo. Olho para o céu e vejo a imensidão desta floresta. O verde se mistura com as caixinhas vidro concreto. Gosto de ver pessoas sorrindo pela rua. Algumas pessoas têm alegria no rosto. Churrasco grego no pão francês três reais, na baguete, cinco. Tem pessoas que deixam suas marcas na rua. O pixo é uma arte insana. Na minha frente agora tem um prédio e algumas janelas tem pixos. Em cima dos botecos à direita também tem. Eu fico imaginando como as pessoas sobem nos prédios. Eles usam uma grafia confusa, incompreensível, mas o testemunho de que estiveram ali é muito marcante. "vai na fé, não na sorte" - está escrito.

3 - Terminal Bandeira e Estação Anhangabaú

Cheguei num momento onde estou confusa. Tem gente saindo do terminal bandeira para entrar no metrô Anhangabaú. E do lado de lá, das passarelas e dos viadutos, tem prédios que parecem

desenhados, como se alguém tivesse pegado o céu e desenhado nele de fundo. O prédio à minha frente tem grafites como se fosse adorno das janelas. A beleza do centro é feia. Um feio interessante. E agora eu atravesso pra calçada que ficou mais larga. Por conta das diversas passarelas, remete a algo muito futurista. Tem também uma escultura laranja. Parece que caiu alguma coisa e ficou incrustada no chão. É uma viga de metal. Eu fico me perguntando o que é isso, se é intencional, um acidente. São Paulo tem 14 milhões de habitantes no momento, então praticamente todos os lugares tem pessoa o tempo inteiro. Sempre tem gente dormindo pelos cantos, sempre tem gente catando lata, sempre tem gente mexendo no celular, sempre tem gente empurrando carrinho. Sempre tem gente arrastando uma malinha. A locomoção é muito engraçada, porque é isso: carrinho, bengala, bengala de cego, bengala de quem tá machucado. O grande relógio controla o ir e vir, controla a temperatura do ar.

4 - Ladeira da Memória e Largo da Memória

Vou chegar na ladeira da Memória. Por ela passa um rio que insiste em não morrer, ancestral. Sempre que eu passo aqui tem alguma água escorrendo dos bueiros. Impressionante essa história que a Odete falou do rio que vaza pelas pedras. Fizeram toda essa concretude no Vale, tiraram as plantas, tiraram os chás, tiraram a chácara. Sinto a ausência da água. Tem azulejos no chafariz que não funciona mais. Será que era a fonte onde os cavalos bebiam água? No começo do século XIX, aqui era a entrada e a saída da cidade, dos tropeiros. Hoje tem mais pessoas sentadas na praça. Hoje o lixeiro já passou. A gente se deu boa tarde. Mas se é antes do almoço, é bom dia. Caso você não almoce no dia, aí eu não sei o que se diz. Na Ladeira da Memória, lembro-me do meu pai. Tem um pessoal que veio fazer um piquenique. Umas garrafas pet cheias de suco. Faz tempo que eu não faço nenhum piquenique. Se eu fizesse, não sei se seria aqui, porque aqui tem uns pombos estranhos. Do outro lado da rua tem um restaurante lanchonete com um toldo vermelho que parece sustentar as pessoas que moram no prédio. É uma rua amarela com um hotel amarelo e um prédio também amarelo, olhando para a Nove de Julho. As coisas todas se misturam, um cobertor, a calça suja de cocô, o olhar do amor do menino apaixonado pela garota de lenço. No hotel devem ter vários cartazes contra a exploração sexual infantil. Quero pensar que a mensagem é eficiente. Loterias, megasena acumulada, barbearia, as pessoas passando no intervalo do trabalho. Meu corpo pende para trás, pende seu peso para o passado da memória do que eu não vivi. Agora ele ganha força para subir as escadarias. O mesmo punk fumando. Apesar de ser tão inóspito pelo cheiro, ainda há um desejo de ficar. Olho a fonte do largo. Aqui temos o obelisco, que é um monumento fálico. Sempre tem um pássaro na ponta. Tem também umas colunas de ferro bem bonitas. O que faz aqui uma árvore acorrentada, será que em algum momento está árvore quis escapar deste lugar? A árvore engoliu as raízes, engoliu a corrente. A árvore explode o muro e vai avançando sobre o concreto. Parece que no centro, estar parada incomoda. É estranho parar. As pessoas paradas, ou estão em uma certa situação de risco, ou "são a situação de risco". Subo a escada da esquerda. A escada me cansa. Subir a escada é uma arte complexa. Tem um conto de Cortázar: instruções para subir uma escada. Está aberto o sinal. Vou atravessar.

5 - Xavier de Toledo

Você vai dar de cara com o atravessamento da cidade. A gente tem uma dinâmica, um tempo, um estado corporal muito diferente daqui de cima. Vejo tantas coisas que não saberia nem por onde

começar a descrever o que vejo e o que sinto. O mesmo cabeleireiro e mercadinho. Água mineral gelada é dois. A pele coça. Mistura da poluição com os mosquitos. Fotos na hora. Mil franquias. Várias senhoras na rua. Hoje é sexta-feira, dia de passeio, Maribela. Um tanto cinza. Olhando para o relógio do Hotel Jaraguá tem um recorte de céu maior. Big Mate Sucos e Lanches agora na esquina da 7 de abril com Xavier Toledo. Será que é o mesmo mate que vendem no Rio de Janeiro? Sempre gostei do mate carioca. Foto na hora. Tiramos fotos 3x4. Temos carnê do INSS. Plastificação, encadernação, palavras cruzadas. Vale card. Central da sorte. Pão de queijo e café 3,99. Lan house almoço comida caseira 13 reais filé de frango calabresa omelete. As pessoas no ponto de ônibus, Terminal Campo Limpo linha 8700-10 - não é essa que me leva pra casa. O cachorro, carro, semáforo... Um sinal infernal muito difícil de atravessar. Dá tempo de olhar rapidinho o coala azul pintado atrás da banca de jornal. Me dá uma puta vontade de pegar essa sombrinha e dormir na rua que nem o cara.. Eu vou atravessar agora a Coronel Xavier de Toledo, que chamavam Rua do Paredão.

6 - Rua 7 de Abril

Depois de atravessar o farol, olhando a 7 de Abril, que antigamente era a Rua da Palha, a placa, indicando Teatro Municipal, Mackenzie, some diante de tanta informação. Vamos percorrer caminhos mais áridos, pessoas que vão e vêm, olhando seus celulares. Dá até pra andar sobre essa linha. A textura do pé no chão, o barulho da grade que salta. Andar por cima das grades... É uma outra sensação do pé. De vez em quando a grade dá uns pulinhos. Isso tá marcando meu passo. É uma linha. É um caminho todo cheio de retas desenhadas nas calçadas. Agora vejo os preços do salgadinho e tem uma luz de néon que diz 'Café 2 reais - Expresso do Salgado'. Tem gente caminhando na ciclovía. E na frente um monte de bueiros quadrados e retangulares com muita informação. Por que que está me chamando tanto a atenção o chão? O acúmulo dos ambulantes faz com que as barracas pareçam carros alegóricos. Esquina com a rua Conselheiro Crispiniano: tem um ambulante que vende uns maiôs bem fluorescentes como os que usava nos anos oitenta. Furta-cor, rosa, amarela, laranja, coca-cola.. Eu tinha um maiô rosa choque nos oitenta que tinha flores. E eu tinha uns sete anos, a idade da minha filha talvez. Lembro dele, tenho uma foto com ele. Passo perto de uma galeria e tem um orelhão. Orelhão é um termo muito bom.. Nos bueiros antigos, está escrito fibra ótica, mas ecoa como se fosse algo tão antigo quanto os postes de luz, mais velho que o orelhão. O centro da cidade de São Paulo é primeiro de tudo grande, segundo, sujo, e terceiro, antigo. Existe uma cidade inteira só aqui. O centro sempre é cheio de vida. a diferença são quais vidas a gente repara ou não. Estacionamento, mármore no teto. Eu fico tentando me desviar da fumaça dos cigarros. Nossa, que estranho. Deus é fiel. É o nome da gráfica. Opa aluga. Caiscais. Magazine bebê. Zein nab. Acupuntura.

7 - Galeria 7 de Abril

Loja Princesa, uma loja de roupas para princesas... Cascais Ais... Dá para fazer letrinhas de música AIS... Uma coisa muito interessante sobre a cidade de São Paulo, uma característica arquitetônica específica que é uma marca, como se fosse a suspensão de um momento, de uma geração, de um estilo. É uma marca de uma época específica, uma estética muito específica. Esse centro, ele é repleto de galerias, elas fazem parte dessa paisagem. Galeria 7 de abril. Uma galeria abriu, uma grande boca que vai te engolindo, É proibido encostar na grade. A Galeria 7 de Abril nos dá a chance de caminhar

por cima ou por baixo, como se a gente entrasse num túnel. Posso descer, subir. Yakissoba, sex shop, suplemento alimentar, celulares, muitas opções. Nem dá para imaginar que lá em cima tem acumuladores de mil cacarecos tipo calcinha, não, cueca de elefante com uma tromba, borboleta com dentes, chicote e até bicho de pelúcia felpudo. Entro no túnel, tem cheiro de comida. Estou com muita fome. Enfim, hora do almoço, ganhe um suco grátis. A primeira loja à esquerda é uma loja de conserto de impressoras, fax e telefones, um cemitério de tecnologia, lugar para estas coisas dormirem. Loja de criança, manequim de criança é bizarro, de vestidinho rosa e tutu... Igual da loja de balé, tem sempre essas coisas de menininha, sapatilhas penduradas... Mas eu fico querendo comprar collant, parece que a gente vai dançar um pouco melhor de collant. Mas aí quando a gente usa o collant, parece que a gente dança pior. Alice e Luiza, costureiras para roupas de princesas, Ponto a Ponto, Francisca e Maria, o que será que dona Maria e a dona Francisca costuram para as princesas? Eu amo esse anúncio: “não costuramos roupas sujas”. Me parece uma exigência justa. E à minha direita um sapateiro. O cheiro de cola de sapateiro é muito grande. Deve fazer, sei lá, vinte anos que não engraxo um sapato. Relojoaria breguets. E agora, parando um pouco... Só observando essa saída da galeria, dá pra ver “I love marmita, marmita food e lounge”. Marmita food? Que absurdo. A gente podia tá em qualquer lugar, saindo de uma porta bem larga que dá para uma paisagem de floresta. Frescor... Olho pro alto e vejo árvore árvore árvore. A vida que insiste em sobreviver.

8 - Praça Dom José Gaspar e Brisa Metrô

Um oásis verde. A Floresta! Aqui seu corpo pode pausar. Olho um pequeno lago verde à minha frente. Um respiro para todo concreto e sol. Isso aqui foi planejado por urbanistas, mas dá a sensação de que tem uma floresta pulsante que quer aparecer. Continuo. Atravesso. Muito bom sempre olhar pros dois lados, afinal não quero morrer atropelado. Aqui na Praça Dom José Gaspar à minha esquerda tem um monumento de Dante com os braços abertos e com um livro na mão. Ele tem uma veste como se fosse uma túnica, e na mão enorme o que se destaca é um livro que nos remete muito à ideia de bíblia, mas aqui embaixo tá escrito *Dante*. Muito provavelmente seja uma referência à Dante Alighieri e à sua *Divina Comédia*. É engraçado porque a cidade tá repleta de símbolos religiosos, a começar pelo nome da cidade, São Paulo, e, apesar de não ter nenhuma igreja nesse trajeto, o nome do túnel é Papa João Paulo II. Então o nosso trajeto praticamente começa com um símbolo religioso e termina com outro. Ambos símbolos católicos, o que diz muito sobre a história da cidade e do país. Na praça da Mário de Andrade nenhum banco para sentar, pessoas conversando, comendo. O horário de almoço tem muito barulho. Aqui o pastel a todo vapor, saindo, fritando. Eu acho que sexta-feira é o dia que o jardineiro passa por aqui. Porque alguém amontoa as folhas recolhidas em montinhos pelos canteiros. É quase uma preparação dum ritual. Várias árvores marcadas com montinhos de terra em volta pedem pra que algum corpo passe no meio delas correndo, dançando. Assim como um outro canteiro lotado de plantas, inundado como se fosse um brejo, pede que a gente entre nadando nessa selva. É muito selvagem. A gente chega aqui no meio da cidade de concreto. O que acontece no meio desse caminho? Existe uma saída, um bueiro, com ar. E uma árvore que abriga todas as coisas que saem voando dali. A ventilação se torna a diversão das crianças. Uma sombra dançando. Preste atenção, ela faz você voar...

Trajetos B

1 - Fonte / Escada (de baixo)

Começando o caminho B bem na praça, na porta do CRD e é lindo, porque a gente já tá ouvindo barulhinho da água, e está cheio de vegetação em volta. Olá. Cidade de São Paulo! O sol arde. Tudo brilha. O caminho é de ouro. O chafariz, a água, a luz que brilha... Eu nunca tinha reparado nesse pé de jacas. Será que dá para comer essas jacas? A verdade é que eu nunca comi uma jaca assim no pé, não sei nem como abrir... A jaqueira está apinhadinha. É até meio perigoso. Você ficar aqui na Praça Ramos descansando na sombra em baixo e, pum! Cai uma jaca na sua cabeça. Quando era pequena, eu gostava de comer amora. A gente saía da escola e ia roubar amora do quintal dos outros. É um alívio assim que tenha essa fonte bem aqui no vale. E sempre que eu passo nessa escada tem alguém turistando, tirando foto. A escultura é de bronze com cavalos assustadores que vão sair andando! O fato é que as esculturas em bronze vão ficando esverdeadas por conta do processo de oxidação. Andar ao redor da fonte é muito bom por conta do clima quente. As pedras artificiais da fonte, simulando pedras naturais, são medonhas. Da escultura dos cavalos eu gosto. é bonita essa força do movimento deles. Eles parecem meio revoltados. Em cima diz Ordem e Progresso mas os cavalos estão querendo fugir. Eu poderia estar no Ipiranga. Vejo imagem dos cavalos e da conquista. A representação falsa de poder, as estrelinhas. Os cavalos parecem ter asas. A água espirra das narinas dos cavalos como se eles estivessem fazendo yoga kundalini. Como se mijassem pelo nariz. As outras estátuas da fonte são como a gente: uma mulher chorando, outro se jogando pra trás se debatendo, aquela ali se espreguiçando... Vou virando pra subir. Vendo a praça por outras perspectivas. Dou a volta toda: vejo o Shopping, o CRD. Na escada tem uma escultura que é uma pessoa semi deitada, com as costas apoiadas no corrimão da escada. É dramático! Ela tem uma espada caída no pé, levou uma punhalada e tá aqui morrendo, mas não parece morta. As mãos são desproporcionais, gigantes, devoradoras, esturricadas e tensas. Tem o rosto de uma pessoa em sofrimento. A faca pousa sobre o chão de uma forma muito correta e bem colocada, em oposição ao cambré. Parece um bailarino de Martha Graham. Ao lado desta fonte tem um monumento de um índio com uma arma fake, com arco, mas sem o fio. O olhar do índio mira para um lado, mas sua arma mira para o outro. Sem pontaria. E do outro lado, a imagem de um português conquistador. Dominado e dominador. Tudo o que remete a história daqui é pura contradição. Estou subindo. Dá para ver o todo, a fonte de cima. Se a gente ficar do lado esquerdo do corrimão consegue sentir um pouquinho da pedra molhada. Em algum momento molhou o corrimão aqui. Ela tem um cheiro incrível. A pedra seca é árida. A pedra molhada dá vontade de ficar nela e virar musgo. Planta de pedra, planta de rochedo.

2 - Escada / Xavier de Toledo

Pronto. Subi a escada. Daqui tem uma vista privilegiada. É a paisagem habitual do centro. Penso em buzina, em fumaça, em sol, em banho... aproveitar o sinal aberto. Vou me enfiar na cidade, continuar o trajeto para ver o que tem nele, e se pode me contar algo sobre o meu corpo, sobre o meu corpo aqui, ocupando esse espaço, habitando esse lugar, e sendo junto aos outros tantos que estão fazendo

isso aqui e agora. A criança desceu a escada, já toda iluminada pelo olhar. Ela vira. Olha pra todos os lados. O pai a reteve, segurou pelas mãos, e ele só tem olhar pro menino. O menino agora. O menino agora correu pro parapeito e o pai ficou segurando como quem puxa pra que ele não se jogue lá embaixo. Vou arrodar a estátua de Antônio Carlos Gomes. "Ao grande espírito brasileiro" diz aqui. Hoje tem menos gente, hoje é sábado. Espero o semáforo abrir e imagino a cidade espreguiçando, fazendo cócegas no pés das pessoas que passam nela. É quase imperceptível, mas a cidade está achando graça. Um ônibus elétrico e a cidade fica mais antiga! No cruzamento do Viaduto do Chá com a Xavier de Toledo, observo as listras verdes, vermelhas, brancas e amarelas no cruzamento, esse colorido no chão em meio ao cinza da cidade. Uma das coisas que acho muito icônicas das cidades grandes, de metrópoles como São Paulo, são os cruzamentos. Do outro lado, um relógio marca cinco para as duas. Atravesso.

3 - TEATRO

Na praça do Municipal, tem muita gente sentada na escada. Observando a luminária do Teatro. A luminária da Eletropaulo de julho de 1988. Imagina quanta memória tem esta escultura de mulher que veste um colete e lembra a Joana D'Arc. A estátua parece tá grávida. Esse lugar é a casa dos grandes espetáculos. Os vitrais foram feitos pra quem está dentro e não pra quem está fora. Será que isso um sinal de que só os de dentro têm direito à beleza? Uma das melhores coisas que acontecem durante o Carnaval é o bloco Tarado Ni Você. A gente vem pela Xavier de Toledo e dá de cara com ele... e o teatro... não é nada! A gente passa aqui pela escadaria e tem um moooonte de gente pulando fantasiada. A festa está na rua, do lado de fora. Se a gente focar nas esculturas lá no alto, junto com o céu azul, sem limite, infinito, e as nuvens rolando lentamente, e o sol queimando tudo. A impressão que dá é que as esculturas são deuses que estão descendo ou subindo. Acho que estão subindo, porque elas crescem quando a gente olha pra elas e observa o céu.

4 - Esquina (Praça Ramos X Praça Ramos)

As cores da cidade, elas ficam mais embaixo. Pelo menos as cores, cores. As cores não-cores ficam em cima. Os cinzas, né... Lá em cima tem um grafite cinza também, pessoinhas numa forma circular. Praça Ramos com Praça Ramos, é o que indica a placa. É uma redundância. São ruas gêmeas. Na verdade, é o quarteirão todo que se chama assim, mas é muito mais legal pensar que tem duas ruas que se encontram ali. É quase um espelho. Cada rua tem as suas características, mas se chamam igual: Praça Ramos e Praça Ramos. Essa ideia de que os quatro lados de uma praça tenham o mesmo nome é estranha. Nunca uma praça é toda igual, por mais quadrada que possa ser. Vários guardas civis. Um orelhão despedaçado, cheio de buracos. Ele chegou ao seu ápice de inutilidade. Vejo que tentaram arrancar o telefone de sua orelha. O coitado não tem nem as usuais etiquetas com propaganda de sexo. Eu gosto de olhar pra todos os lados, pra todos os prédios. Desde aquele jardim verde lá em cima da Prefeitura, uma selvinha particular, até as palmeiras que saem lá de baixo do Vale do Anhangabaú. Elas são sempre enfileiradas. Além de todas as ruas que passam lá pelo miolo, em direção ao Paissandu, tantos prédios. Eu vô observando tudo o que eu posso, as árvores... A gente ainda tem verde, apesar de tudo. Atravessando a rua sempre tem muitos camelôs. O senhor está tão

calmo sentado debaixo da árvore com colete "Vendo Ouro". Aliás, são dois. Nem parece que eles tão vendendo ouro porque na verdade não são eles que vendem.

5 - Barão de Itapetininga

E aí gente vira o olho e, pum! Tá no meio dessa muvuca na Barão de Itapetininga. Atravessar isso na hora do almoço é quase um show de rock. Meu corpo segue horizontal com as lojas. McDonald 's, Drogasil, chocolate, celular, peças, tubarão. Tem uma pessoa sentada com uma inscrição que diz "compro ouro". Será que ele consegue comprar muito ouro? Será que as pessoas vão e falam para ele 'Oi, eu vendo ouro'. Seria uma excelente conversa. O conteúdo das barracas muda de acordo com o dia. Nas ruas em que não passam carros tem pessoas andando, tem camelôs. O carro é uma extensão do espaço privado. Como seria antigamente as caminhadas nesta rua? Cavalos, vacas... Que sorte que ainda resta alguma ciclovias depois de todas as mudanças políticas, né. Continuo andando. Tem um espetáculo de rua. Me aproximo para ver o que é. Um homem faz sua magia com uma música monumental, ajoelhado num chão xadrez com um copo de água e uma corda. Eu agradeço a colaboração. Vários carrinhos estacionados ao redor. O rapaz limpa o chão, vendendo produtos de limpeza. Gravador, narguilé, ouro. Hoje é dia de performance. Tem uma 'escultura' muito interessante, que não é uma escultura. Um volume de plástico preto está amarrado com uma correntinha frágil com um cadeado, um objeto desconhecido, inanimado, inorgânico. Este objeto de estimação é segurado por cadeados enrolados. Parece uma das obras do artista Christo que coloca um monte de plástico em cima dos prédios como um modo de intervir, protestar. Cheguei na 'Princesa das meias'. Ahhh essa loja!! Eu imagino uma princesa com uma grande coroa só vestida de meias. O forte dela são as meias, ela troca de meia em meia hora. Tem várias estratégias. Coloca uma meia de cada cor, gosta de meia arrastão, de meia fina, de meia grossa. Gosta de meias de cores, mas também de meia de esportista, aquela que vai quase até o joelho, quase sempre branca, bem ajustada na canela. Nossa, essa meia num dia como hoje: Imagina! Coitada da princesa! Ela estaria com muito calor. Um centro com as quadras tão regulares e eu me perco procurando a sombra. Um corpo apoiado na árvore que descansa. Olho dentro do orelhão: Érica viúva, Lorena travesti, Dani baixinha dominadora, Paula Peitão, Pati branquinha. Apartamento das novinhas. Cerveja grátis. Sob nova direção. Belas travestis. Morena seios médios ativa passiva. Juliana olhos azuis recém chegada da Bahia. Venha provar meu sabor. Dia da pausa. Até as pombas estão mais calmas, em menor quantidade e mais lentas. Outro murmúrio de pessoas. Sigo olhando, passo por um prédio com uma inscrição que parece hieroglifo egípcio. Há um grande convite pra olhar pra cima, pras árvores. Tem um buraco no poste torto de 1911. Será que tentaram arrancá-lo também? Ele tem a bandeira do Brasil. Indo pelo lado bem direito da Barão de Itapetininga, indo bem de canto, dá pra ver até o final da Marconi.

6 - Marconi

Eu acho que o meu tempo tá um pouco devagar em relação ao das outras pessoas. Boa tarde. Ainda tem umas pessoas que falam boa tarde, né, na rua. Eu tento às vezes responder, quando eu encontro alguém na rua. Cheguei na Rua Marconi. Marconi é o nome de um cientista do final do século XIX, que faleceu em 1937. Pelo menos no centro velho, a gente se depara com essas coisas. Tem fios segurando

os globos da iluminação pública, nos lembram aqueles balõezinhos de festa de São João. No Edifício São Manuel, uma placa que diz assim: "Atenção, você que paga aluguel, mora de favor, pensão, ou cortiço venha lutar conosco por moradia digna". No Edifício tem ativismo, militância mas eu não sei bem do que se trata. Vários camelôs, uma rua com barraquinhas que parecem carros alegóricos. É incrível o acúmulo de coisas nessas barracas. Agora passo por um camelô que tem muito cheiro de couro, de couro sintético. Cintos com tantas fivelas diferentes e cores, uma pedra vermelha, umas coisas que brilham, uns negócios dourados, cinto de couro falso, de couro escuro e couro claro, marrom, preto, avermelhado, bege... Você anda mais um pouco e é bolsa bolsa bolsa bolsa. É muita coisa. Essa não é a região mais barata pra se comprar coisas em São Paulo. Sentar no cantinho, fumar um cigarro e mexer no celular, observando o chão, esses quadrados pretos... e se soltassem água nesse calor escaldante. E se os prédios soltassem água pelas laterais, pequenos esguichos, só para refrescar. Continuo andando. A rua Marconi ela me parece uma rua estreita, ela não é estreita, ela é larga, mas saindo da Barão de Itapetininga a sensação de abertura entrando na rua Marconi, dá a impressão de estreito. Sinto o espaço atrás, aos lados... Estou suada, pegajosa. Consigo sentir todo o espaço ao redor. Uma loja ROSA CHOQUE, ela é 100% rosa, com exceção das inscrições brancas e vende sapatilhas todas iguais. A Marconi é mais uma dessas ruas áridas. É comum essas ruas terem uma brisa, pois elas criam uma corrente de ar. Agora chegando mais pro fim, quase na esquina, me deparo com uma árvore grande, uma árvore com seus filhotinhos, ela fica aqui escutando pessoas ...

7 - Árvore

Não é a única árvore da Marconi, mas é a maior, a mais importante, a mais deslocada, a mais teimosa. Parece uma árvore colagem. Como se alguém tivesse colado, ela não faz sentido aí. É uma árvore que gosta de estar aqui e de ser única. Ela faz parte da rua. Alguém a viu e não quis derrubar (nem transplantar). Esse alguém pensou: 'essa árvore precisa estar aqui'. Em frente à árvore, no bicicletário, se não tiver bicicleta, dá para sentar. Ar condicionado pingando dos prédios. Um prédio enorme escrito General..., o que será? Entre uma Chilli Beans, Loja X, Edifício São Lucas, Ed. Ernesto Ramos. Os edifícios começam a ser pintados como se eu estivesse numa animação. As folhas vão muito alto como se quisessem tocar no céu, distantes da onda de calor quente do asfalto. Sorte de quem mora no alto. Eu vejo os galhos compridos e me lembro da lenda que minha mãe sempre me contava. Do indiozinho que queria tocar as estrelas. Ele subia tão alto na árvore que acabou virando uma estrela. Um conto da Clarice no livro para crianças "Como nascem as estrelas". Eu não entendo por que as pessoas picham o tronco de uma árvore. Nem sou contra pichação, pelo contrário, gosto de ver como que cada um escolhe se manifestar, se desenhar um cogumelo na parede do lado da loja Bem-te-vi que vende roupa para crianças. Mas pichar uma árvore assim por pichação... Se bem que os antigos faziam isso também... os artistas aborígenes desenhavam em tronco de árvore. Era a superfície que eles tinham e nela produziam coisas assim como a gente tem muros. Às vezes, o que acontece com uma árvore em uma cidade é isso, vira uma superfície, um enfeite, um lugar, uma coisa, um objeto restrito a um canteiro que dá sombra. É muito triste pensar nas árvores restritas a isso ou a algo que marca um cruzamento. Ou algo que atrapalha porque as raízes crescem e estouram. A árvore de raízes velhas com galhos novos. Disseram que parece uma mulher na menopausa parindo um filho. Como pode ter tanta força? Como pode suportar a dor? A dor que os homens lhe impingem. Dor. Será que árvore sente dor? Não sei. Depois tem uma árvore pequena, mas a árvore pequena é

diferente. Ela parece ter sido plantada. Não sei. As árvores da Marconi. Poderíamos contar várias histórias delas. Uma conversa entre elas seria sensacional. O que elas diriam? Coitadas. Agora mesmo, eu tava me apoiando na árvore. Geralmente, quando eu faço isso nas árvores... enfim, não é sempre que eu encontro uma árvore dessas. Eu também sinto como se fosse um ritual de ficar encostando nelas. Um ritual de receber a energia dela de volta. Não sei se isso é meio Pocahontas. Mas eu realmente sinto uma energia boa. Me despeço com um abraço. Alguém esbarrou em mim. Ou eu na pessoa?

8 - Estação Brisa

Estou chegando ao cruzamento. Vou atravessar a rua e continuar em direção aquele verde, aquele maravilhoso conjunto de árvores. O piso do chão muda, sai do calçadão. Agora é um cinza monocromático, sem desenho, sem padrão. Neste piso monocromático as pessoas andam mais rápido. Consolação está a 300 metros daqui um minuto andando. Avenida São Luís 170 metros um minuto andando. Praça da República 380 metros dois minutos andando. Chego perto da Praça Dom José Gaspar, e o verde e o luxo começam a aparecer. As fachadas dos prédios são diferentes. A rua se encerra com um poste de cada lado. Desses que só temos por aqui. Os postes antigos. Eu adoro! Esse lugar da invisibilidade e do observador às vezes leva a gente para alguns cantos. O observador tem esse desejo de ser onipotente, onipresente, onisciente. É quase como se a gente pudesse se tornar um ser que passa por lugares que a gente não passaria, que vê coisas que a gente não veria, que fala coisas que a gente não falaria. De onde vem este som? Tapioca feita na hora com vários sabores. Sempre quero comer as coisas que tão na rua. O pastel, nossa... E o cheiro... Não é, não é o cheiro da minha marmitta. Moço, posso experimentar um pedacinho dessa melancia? Passo perto da primeira brisa do metrô. Um lugar que parece uma ponte, sai vento, sombras que caminham lá dentro... A menina brinca com o chapéu e ele voa.

Registros de convidades

Convidades que realizaram a experiência: Rael Falkenbach, Carlos Costa, Melina, Mariana Falqueiro, Shirley, Paula Petreca, Marcos Moraes

Falqueiro

T: Agora, tá gravando. Tá vendo que a luzinha tá vermelha?

F: Uhum, tô...

T: Tá vendo a luzinha tá vermelha e tem um REC

F: Tá... Tá bom, então eu vou.

T: É contigo! A gente se encontra lá.

Tá bom! Tá!

Então agora agora é minha hora de gravar um percurso que eu vou escolher pra voltar pro CRD depois de ter feito a experiência, é... super interessante de andar com uma bóia no centro, sendo conduzida por textos e falas e olhares sobre a cidade. Agora quase trombei num carrinho de coleta de papelão. Os carrinhos grandes que seriam, que deviam ser conduzidos por cavalos, eu acho, em algum tempo anterior, e hoje são pessoas que levam. A única fonte de renda.

Agora eu tô entrando na rua 7 de abril, passando aqui na esquina, vendo uma porta de um prédio que se chama Santa Leonor. Eu amo essas portas antigas, serralheria finas, robustas, vários círculos ponteados com losangos, provavelmente em cobre. O prédio não condiz com a majestade da porta.

É... O centro de São Paulo é algo que atrai e repulsa. Me atrai e repulsa ao mesmo tempo. Uma conquista de urbanização e ao mesmo tempo, uma catástrofe de inclusão e de qualidade de desenho urbano. Pequenas jóias nos salvam, como essa galeria, eu não sei dizer o nome. Uma galeria que tem umas passarelas superiores, com escadas rolantes. E um piso que lembra Copacabana. São Paulo é isso é incoerência, é contradição, é diversidade. Pessoas de várias partes do mundo estão chegando aqui pra morar e se sentem acolhidas. Assim como eu. Minha família é do interior também. Chegamos aqui, a gente consegue ter um lugar... quem tá afim de trabalhar, né, de trabalhar! São Paulo, cidade do trabalho! Uma pequena fonte de água funcionando. Porque também não tá no espaço publico; essa galeria fecha à noite.

Mas eu adoro o céu recortado pelas passarelas. Essa forma curva das conexões entre as passarelas nas laterais que criam pequenas pontes, pequenos viadutos. São Paulo talvez seja isso pequenas pontes, pequenos viadutos que conectam pessoas. Que se encontram, se esbarram com mesmos interesses, com proximidades. E aqui você pode encontrar de tudo. Esse sol e esse piso. Cheio de

prédios. Até me lembra a praia. Não sei por que, não tem nada a ver. Acho que é esse mosaquinho português. Um prédio lindo à frente, todo decorado, antigo. Um McDonalds. Parece que estamos na Europa. Mas ao lado já tem um prédio moderno, janelas ovais, meio futuristas. Muitas pessoas. Muitas pessoas. Criança, mãe, casais. Gente trabalhando da vivo. Lotérica aberta. Fila. Ah, a pessoa divulgando um restaurante.

Parece que as pessoas vão andando, simplesmente andando sem se olhar. Ninguém se olha. Recebi um olhar agora, só porque eu falei. Muitos objetivos. As pessoas andam com objetivos muito certos. Ninguém devaneia pela cidade de São Paulo. Só quando a gente se propõe uma experiência como essa. Um trabalho importante, resgatar o devaneio. O andar sem, sem ter pressa. São Paulo resolve. São Paulo é pra ser resolvido. Raro as pessoas estarem à toa aqui nessa cidade. Casas Bahia... Um prédio que brilha! Nossa, foi limpa essa cachada! Tava toda cagada, tá linda! Uma argamassa raspada. Em frente ao Teatro Municipal. Também é uma conquista, né, uma cidade conseguir ter um prédio desse, Ramos de Azevedo. Conquistas da cidade. E desigualdades. Pessoas que moram no acesso do viaduto. A escadaria que vira um banheiro. É isso, é a contradição. Eu acho que São Paulo me faz sentir isso, o belo e o trágico. Atração e repulsa. O desgosto de olhar essas calçadas fudidas. E um prazer de olhar os prédios, vários estilos.

M: Dá pra você me ajudar a atravessar?

F: Dá sim, claro.

M: Tá.

F: Você quer falar umas palavras aqui comigo?

M: Sim.

F: Eu tô gravando. Qual o seu nome? Diga.

M: Meire.

F: Meire.

M: Isso.

F: Tá indo pra onde, Meire?

M: Eu vô ali pela Barão de Itapetininga.

F: É?

M: É.

F: Fazer o quê?

M: Vô andar, passear.

F: Vai passear, Meire?! Bom passeio pra você!

M: Brigada!

F: Daqui você já vai ou você quer atravessar pra lá?

M: Dá pro você atravessar eu aqui?

F: Dá, claro que dá.

M: Tá.

F: Que maravilha! Eu tava pensando justamente o contrário, como as pessoas não passeiam muito em São Paulo.

M: É, então... Só trabalha! [risos]

F: Quase todo mundo anda pra fazer alguma coisa. Só trabalha!

M: É, exato. [risos]
F: Num é?
M: Só trabalha, né, aqui nessa São Paulo. [risos]
F: É, exato. Que bom que cê tá passeando. Fico feliz.
M: É! [risos] Ai...
F: Aqui cê já vai?
M: Vou.
F: É?
M: Brigada!
F: Prazer te conhecer! Amém!
M: Tchau!
F: Você também! Bom passeio!

Ah, isso é São Paulo, gente. Que isso. Desmontou meu discurso!! Que bom! Fico feliz!

Meire. Acabei de atravessar uma senhora, com problema de visão, né. Mas não é, não deve ser 100% cega, mas tem algum problema, pediu ajuda. Tem, tem gentilezas, né, tem humanidade também. Isso é São Paulo de novo. Contradição.

Olha... uma foto de uma banda, na fonte Ramos de Azevedo. Mmmm... Arrasaram, vários integrantes. Acho que eu vou descer até pelo outro lado. Não, acho que dá pra eu descer. Posso descer aqui sem atrapalhar? *Pode. Claro. Opa!* Ó a foto. Tá linda!

Borboletinha.

Pronto, cheguei. Um casal apaixonado na fonte. Ah, cheguei da experiência. Brigada. Brigada, meninas. Parabéns, uma delícia esse trabalho!

Eeee...! eu não desliguei, porque eu não sei se pode perder, né. Como que faz?

Como é que foi?

Marcos

Nossa, agora depois de gravar, eu to achando que não gravou nada o que eu falei. Muito engraçado. Então é porque essas palavras ficaram no vento. Mas uma das coisas que eu falei é que eu não tinha visto como o pavão com quem eu tava andando era bonito. Umas mulheres me pararam e pediram pra saber se eu tava vendendo. Aí, eu falei pra elas que elas podiam passear com ele, se elas quisessem, que era um programa de performance. Elas me olharam com aquela cara e falaram "Ai não, moço! Tá loco!" Mas, no final, elas falaram, parabéns. Outras pessoas também. Ou riam ou davam força pra alguém que tem a cara de pau de tá andando com um pavão, uma bóia azul. Eu nem quis explicar nada. Eu era uma vítima!! (Risada)

Mas na verdade, a gente vai andando com o áudio e nem tá nem aí pra que tem uma bóia junto. Isso são as pessoas que vêem. Tem dois mundos diferentes. O mundo que a gente tá, que o áudio coloca a gente no mundo individual, que alguns momentos você se relaciona com alguém. Eu optei por me relacionar pouco, porque eu tava nesse mundo. E me relacionar com alguém seria talvez explicar alguma coisa. Eu não tava pra explicar nada. Mas também tem um mundo que tá em volta e esse mundo que tá em volta é esse mundo completamente... correndo e tal.

Agora tem um senhor falando com os participantes e a Erika tá olhando pra ele, eu não sei se explicando alguma coisa. Ah, ele tá perguntando onde que é que ele compra uma dessas. Cê vê, as pessoas gostam dessas bóias incríveis. O pelicano rosa e o pavão azul.

É... Ah, mas um monte de coisa que eu pensei, mas eu não vou falar agora. Agora é só olhar pra praça, aproveitar o frescor da sombra, nesse dia tão quente. Aqui no relógio diz 28º. E eu tô aqui na frente do It Sushi. Tá mó conversa ali. Ah, eles tão se divertindo muito. Realmente só faltava uma bóia, com piscina, com água, pra um dia quente como esse. Mas tudo varia muito. Dois dias atrás, tava um frio terrível, uma chuva incrível. É assim.

Enfim, tô aqui na frente do Naldo Tapiocas. E termino minhas transmissões aqui, dizendo: Tapiocas, coco e massas para tapioca e a pastelaria do Benito, Erenito. Erenito. Pastelaria do Erenito. É isso aí.

Aqui, transmitindo, dia 8 de fevereiro, às 13:40, aqui da Praça Dom Jo... Dom José Gaspar.

Salut!

Melina - talvez trajeto B

X: Pause, se você quiser vol..., se você quiser voltar.

M: Legal.

X: Se não quiser, também... ouuu...

M: Onde que pega o som? Aqui?

X: Isso.

M: Tá bom. Tá bom!

X: Então tá. A sua pochete.

M: Tá.

X: Seu MP3 está com a Mari, né?

M: Tá, eu pego...

X: Brigada...

M: Tá bom...!

X: Tchou tchau!

Nossa, desculpa, eu gravei sem querer sem falar nada, mas aí eu acho que pegou vários sons do centro. Aí agora eu tô chegando ao CRD, passei pelas fontes, que funcionam há muito pouco tempo, antes era só um nada lá. Então agora ficou muito lindo, dá vontade de, de se jogar na água com esse calor. O centro tava muito cheio agora. Tava hora do almoço... Muita gente indo comprar coisas, indo passear, num sei, é sempre muito cheio.

Paula

É... (risos) aaaii, dá vontade de rir, dá vontade de chorar... é... ah, é muito legal. Muito legal esses pássaros voando. Pássaros não, mas se tornaram pássaros... Essas boias de pato. As crianças encantadas... é... um caminho invisível. São dois caminhos paralelos que aparecem.

Tem um caminho que aparece no trajeto, mas tem um que é falado, que algumas coisas são reconhecíveis e outras não. Eu mudei acho que um dos trajetos. Eu não passei pela rua Marcondes. Eu devo ter vindo por uma vielazinha menor. Vou tentar voltar pela rua Marcondes.

E é uma sensação engraçada. O trajeto atrapalhando as pessoas, carregando uma boia de uma pata - me parecia uma pata - e atrapalhando os espaços das pessoas, mas, ao mesmo tempo, trazendo os olhares. E é uma brincadeira legal de pensar nos protagonismos que vão se alternando. Ora você tá no centro, ora as pessoas tão te olhando, ora as pessoas se colocam no centro também.

E nesse trajeto eu conheci a Maria Teresa, que é uma menina, que como eu tava de cor-de-rosa, e que quis brincar com as patas voadoras, porque elas estavam voando junto com os balões. Além da Maria Teresa eu conheci mais um casal de crianças que queriam os balões, mas eles queriam brincar pra eles e não puderem ficar. A Maria Teresa sentou, conversou comigo, brincou. Trocou de lugar comigo na cadeira. E a cadeira era cor-de-rosa, assim como a minha blusa e a blusa da Maria Teresa. Ela disse que vem todo dia pro centro. E eu disse pra ela que venho quaaase todo dia pro centro. Ela ficou bem feliz de poder brincar. E, ah, muito encantada assim. Muito gostoso de passar por isso. Vale a pena fazer esse trajeto.

Petreca - trajeto A

São Paulo. É fevereiro e ainda faz bastante calor. Depois de umas semaninhas de frente fria, voltou a abrir o sol. E aí a praça volta a ficar cheia. Tem pessoas que passam, tem pessoas que ficam trabalhando o dia inteiro debaixo do calor escaldante. A praça reúne tanta gente, porque é cheia de sombra. Ainda tem bastante árvore aqui. Que bom, se não ia ficar muito difícil.

Vou caminhando pra longe da praça Dom José Gaspar, pra perto da Rua 7 de Abril. Encontro aqui dois corredores que se cruzam. Resolvo virar pra direita, seguir o caminho da 7 de abril em direção ao metrô Anhangabaú.

As janelas dessa rua são muito curiosas, geométricas. Aquela composição azulada é tão modernista, convivendo com um restaurante provavelmente dos anos 90, imitando uma fachada antiga. Ou será que antigo mesmo? No centro as temporalidades se misturam. Essas janelas redondas são anos 50. E esse prédio aqui com pastilhas?

É a Galeria Barão. Que engraçado, eu nunca tinha parado. Vou até atravessar a rua para ver melhor. Mas aqui tem um mural, de uma espécie de pastilha ou azulejo. Abstrato... ou figurativo... Que gostoso encontrar uma obra de arte assim no meio da rua, misturada com essas placas, aparentemente sem preocupação estética nenhuma. Mas houve uma escolha. Atravesso a rua de novo. Vou entrar pela Barão, pela galeria e vou subir logo as escadas rolantes. Loja de eletrônico, lanchonete, loja de bolo, pastel, lojas que faliram. Alugo imóvel. Essas coisas, esses anúncios na escada rolante lembram mesmo coisas antigas. A praça que eu ia quando era criança tinha uns bancos que anunciavam as lojas da cidade. A farmácia do meu tio tinha um anúncio. Eu adorava sentar naquele banco, da farmácia do Rubinho.

Tô chegando no segundo andar da galeria. É beeem mais fresquinho, cheio de sombra. Tem uns prédios aqui. Não sei se comerciais ou se de residências. Eu já ouvi falar que tem residência nas galerias aqui do centro. Paulinho Drinks. Meu nome, Paula. Essas lojas de vinis são tão misteriosas, que ao mesmo tempo que parece que nunca tem ninguém dentro compram coisa nenhuma, elas também parecem preciosíssimas, como se fossem espaços que só pessoas entendidas reconhecem. Como se tivesse uma senha, uma senha cognitiva pra adentrar. Antes eu olhava todas essas lojas de uma maneira genérica. Lojas de vinil. Galeria Barão. Mas hoje eu percebo que tem estilos diferentes. Salão de beleza. Olha que engraçado um relógio dos Beatles, esse é fantástico. Eu vou caminhando pela sombra, porque ali no sol tá muito quente. Livraria Racional sempre me desperta muita curiosidade. Às vezes eles ficam ali nas Casas Bahia, na Praça do Teatro Municipal, distribuindo uns panfletos, mas eu não sabia que eles vendiam os livros aqui do lado.

“O homem é um vago bicho sem destino, nasceu sobre a Terra sem saber por que nem pra quê. Esses são habitantes do mundo racional que vêm ao nosso mundo anunciar a fase racional, que se transformam em discos voadores para chamar a atenção da humanidade, da nova fase da natureza, que é a fase racional. Saem daqui, do mundo racional, e descem até o nosso mundo, anunciando a mudança da fase da natureza, de ligação com o mundo racional.”

P: Obrigada, obrigada.

L1: Você não empresta e num dá o primeiro livro pra ninguém.

P: Tem que comprar? Ou tem que ganhar?

L1: Comprar, né, bem!

P: Ahhh... não, é porque tem coisa que ganha...

L1: Você querer, você querer dar outro livro é outra coisa. O seu que você vai comprar, não, que é o seu passaporte, pr'ocê ir embora.

P: Sério isso?

L1: O seu passaporte ... tô dizendo é que cê tem que voltar pra vida eterna, pra entender que nós estamos aqui aqui de passagem.

P: Uhum, o Tim Maia falava bastante disso.

L1: Então, mas.. Tem gente que fica criticando o Tim Maia, que fica criticando a cultura. A gente não é isso aí, porque tinha que dar um corte, porque tava irri... tava bombando, entendeu? Aí, essa religião ia entrar em choque.

P: Entendi.

L1: Porque tudo é natural, não é assim, de repente. Cê vai ver quando você tiver entendimento, você vai mudando através da leitura, porque a energia do seu raciocínio - o raciocínio tá bloqueado...

P: Já tô sentindo uma energia, só de tá aqui agora.

L1: Então, então conforme você vai desenvolvendo seu raciocínio sua mente vai abrindo. Isso que sua mente vai abrindo você vai mudando através da leitura. Porque o livro já é ditada a energia, certo? Por isso que tem que comprar só aqui, porque aqui que vende o original.

P: Não pode ser de sebo assim?

L1: Não, melhor aqui.

P: Entendi.

L1: Aí sua mente vai abrindo, e tudo vai melhorando pra você. Só que você não pode sair da sua casa antes de você fazer pelo menos uma mensagem da leitura. Tem que buscar a energia de cima. Aí tudo que cê vai fazendo, você consegue resolver. Cê num anda com medo, apavorada, assustada, agoniada, nervosa, aborrecida, cê vai buscando a luz divina, que é a luz racional do raciocínio. Aí sua mente vai abrindo, cê vai contando lógica, base, a comprovação. Não pode ninguém em casa ler. Não pula dia sem ler. Não pula livro. Aí cê vai prolongando seu tempo de vida, pra você se salvar e salvar seus irmãos.

P: Interessante.

L1: Entendeu? Cultura racional é pra somar, não é pra dividir. Porque o raciocínio une, o pensamento divide. Você vai entender por que os casal tão se separando agora.

P: Uhum.

L1: Não existe mais amor, não existe mais respeito. Os irmãos evangélicos tão desrespeitando dentro da igreja. Fala dos católicos, agora eles tão também vivendo em bala. E fica falando mentira, sendo que nós somos gerado da água, num é do pó. Cabô a água, morre todo mundo.

P: Cabô, morre todo mundo. Tá acabando..

L1: Nosso corpo é uma caixa de água em pé.

P: Pois é...!

L1: A mulher não produz sem o homem. Se ela não tiver água, não vem filho. Então nós somos uma multiplicação da degeneração da poluição da atmosfera. Conforme vai multiplicando, vai degenerando, então tá regredindo. A geração de hoje é tudo mais fraca.

P: Uhum... Mais doença...

L1: Mais do... Então porque nós tá falando... Mais falta de respeito, de amor, sentimentos, selvageria, monstruosidade, mas curáveis, mais doenças incuráveis. Gente passando fome, gente passando sede. E gente passando dificuldade pra poder trabalhar pra sobreviver. Porque o que manda aqui é e frio metal, que é o dinheiro.

P: É verdade.

L1: Então pra você buscar equilíbrio, aqui, pra você buscar equilíbrio físico, moral e financeiro, tem que buscar a energia dual. Aí vai desvendando o mistério da natureza. Você conversando com a

peessoa, depende da sua evolução, você já sabe com quem cê tá falando. Às vezes você não sabe, porque você...

P: Tá tudo bloqueado.

L1: É, tá bloqueado, se você não tem a evolução do raciocínio, você não entende o que é, por que... Que nem, que nem aqui, quer ver, ó...

P: É tudo código.

R1: Você não entende esses... Você não entende esses acontecimentos aqui, ó, quer ver aqui...

P: Nossa...

R1: Aí você fala assim, "É, mas o cara pulou lá de cima." Cê não sabe por quê.

P: Cê sabia que hoje pulou? Aqui no Viaduto do Chá?

R1: Hoje.

P: Eu trabalho ali embaixo. Aí pulou. Só que ele não morreu.

R1: Então, meu bem, é tratamento dos minino aqui, ó. Vai lapidando. Talvez essa pessoa pegando o papel, jogou fora. Então ele perdeu a chance. Porque aqui, aqui que tá nossa salvação. Basta você carregar essa mensagem aqui, já é uma proteção.

P: Uhum.

R1: Você tá respeitando o conhecimento.

P: Que interessante...!

L1 Entendeu? Aí, só que... Não é segredo. Eu tô explicado pra você, a realidade é essa.

P: Uhum.

R1: Cê não pode forçar ninguém em casa ler. Num comentar no trabalho. E num pular dia sem ler. Não pular livro. Você vai lendo na sequência. Que nem tá ali, ó, primeiro e segundo, terceiro, quarto, quinto.

P: Todos aqueles.

R1: Aí cê vai seguindo a sequência. Aí, sua mente vai abrindo naturalmente. Aí que cê entender porque que o povo anda só vestido de branco. Tem gente que chama nói de macumbeiro. Muito pelo contrário. Mais de macumbeiro deve ser eles. Por que que o médium num é macumbeiro? Muito pelo contrário. Nós tamo passando agora é a mensagem da paz, ó.

P: Sim, sim. Toda essa mensagem é muita paz.

R1: Tendeu?

P: Brigada. Vou vir aqui outro dia quando tiver mais tempo.

R1: Aí quando cê tiver prova, comprovação que tá falando de base e lógica, cê vem aqui compra o primeiro volume. Nunca sai de casa sem primeiro ler, terminar uma mensagem, num poder fazer duas, três hora de leitura. Aí, tudo vai dar certo pra você, mas só que procura não comentar no trabalho.

P: Tá bom.

R1: Porque no trabalho... tem...

P: Tem outra energia, né?

R1: Não, lá é várias energias. Tem gente que gosta de puxar o tapete dos outros pra pegar posição.

P: É verdade...

R1: Eu mêmo fui prejudicado. Empresa boa. Trabalhei em empresa boa.

P: Nossa...

R1: Hoje eu trabalho na rua, mas graças a deus que sempre fui iluminado pelo de cima. E na época, que antes, depois que a minha amiga faleceu, eu me lembro uma vez que eu era perseguido. Fui perseguido por mais de 40 pessoas, e eu não perdi a vida, porque sempre fui protegido. Eu consegui, eu conseguia dar baile nos cara, aí consegui me sair fora, através de uma senhora que hoje era, é ainda, ela joga então. Depois eu conheci a cultura e melhorou mais ainda.

R2: Só não cortando o que você vai falar, né... Porque antes da gente chegar dentro da cultura, quem que vai chegando já é protegido, sem a pessoa saber, entendeu? Quando a pessoa chega...

P: Eu vou ler depois com mais calma.

R2: Então, eu ia morrendo afogado. Ah, eu sou de Guaratinguetá. Eu tava lá, minhas primas me chamaram pra ir nadar numa lagoa, lá no Clube dos 500, tá? Daí eu entrei assim e fui lá pro meio, sem saber nadar. E eles tudo nadando lá e ninguém via. De repente eu não achava mais o fundo. E daí parece que veio uma coisa de baixo e me jogou lá pro raso, sabe? E tem um amigo, esse senhor que divulgou pra mim, ele entregava pneu em Caraguatatuba. Ele descendo a serra, o caminhão dele perdeu o freio, antes de ele conhecer a cultura racional. Daí, o caminhão bateu numa pedra lá. Ele marcou o lugar, né, uma pedra oval, sabe, ele marcou o lugar... Da outra vez que ele tava passando lá, ele não viu mais a pedra. Daí ele parou, foi conversar com um senhor numa casinha que ele tinha marcado lá, ele falou "O senhor deve tá enganado, num deve ser aqui, porque aqui nunca teve pedra." Então, a pessoa...

P: Nossa... então a pedra tava lá pra salvar.

R2: É, pra chegar e...

R1: Eu trabalhei na rua de vender doce na rua. Eu trabalho mais com, o carro-chefe é cocada mêmô, que ninguém vende essa cocada que eu trabalho na rua, é daquelas grandona...

P: Uhum

R1: ... não é açucarada e não dá sede. Ela é bem tradicional, bem bem feita. Vem lá daonde eu moro. Cê pode ir até São Paulo, que cê não acha. Só eu que vendo dela. Quarta-feira eu fui trabalhar no Bom Retiro, aí lá tem, umas meia duzia de mulé. E tem duas lá, as outras eu percebi que não, ou talvez é, mas ela tem a mente um pouco aberta. Aí eu acabei de vender, peguei e saí, né. Aí depois quando deu uns 10 minuto assim, eu peguei e me lembrei que quando eu tive no retiro, me falaram pra mim, "É, você é legal, você trabalha muito bão. Você, né, meu filho, você trabalha com cocada. Quando você vai trabalhando, vai divulgando, né." Aí, me lembrei que tinha panfreto, né, que eu carrego sempre panfleto no meio.

P: Aham.

R1: Tem um monte aqui, ó.

P: Tô vendo!

R1: Aí, eu peguei e falei assim, "Ah, eu me lembrei de uma coisa." Aí eu peguei e falei assim, "Cês me desculpa, pessoal - eu peguei meu IC - cês me desculpa que eu esqueci de passar pra vocês." Aí, eu voltei e dei o papel pra cada uma e comecei a falar que eu vivo no meio... Cliente minha, lá no Bom Retiro, na loja de bombom. É, mas por que que chegou? Só pra dar pra nós... Porque eu pensei, minha filha, todos nós estamos com esse conhecimento interno, nói tem que cumprir a nossa missão interna.

P: Que é divulgar...

R1: Não posso deixar vocês na mão. É que nem você, no caso, vamo supor. Você não é boa, boazinha? Você não tem sua índole boa, pra ver todo mundo bem?

P: Uhuu!

R1: A não ser você? Cê entendeu? Então quando você tem o conhecimento que é esse, que é base lógica, prova na mão, comprovação, cê não pode ficar intocada, cê tem que sair e divulgar pros outros.

P: Verdade.

R1: Se não quando que essa aqui vai ser um paraíso?

R: É verdade...

R1: Aí se vc não passa pros outros, vc tá sendo egoísta.

P: Brigada. Como é o nome do senhor?

R1: Degar.

P Sou Paula.

R1: Tá bom, Paula?

P: Té mais!

R1: Tchau, tchau! Boa sorte!

P: Brigada, boa sorte!

R1: Brigado...!

Eu continuo caminhando, mas depois dessa... aula, já não sei mais se é na sombra. Ozzy Osborne. Lindo jovem. Bob Marley, legendário, lenda. Olha, *vegan*. Será que vende almoço?

Eles são espertos: pra eu descer, eu tenho que ir pro outro lado. A escada rolante aqui só sobe. E um bom jeito pra passar em frente a todas as lojas. Eu gosto muito desses discos, mas nem tenho vitrola. Esse prédio aqui em cima do McDonalds é bem curioso. As janelas pequenininhas. Será que eles subdividiram em salas dentro? Provavelmente. Os aluguéis aqui no centro são baratos, mas as salas são super pequenas. Eles dividem; caber mais gente. Isso é super necessário. Tem muita gente no centro de São Paulo. Vou descer as escadas rolantes. Dessa vez não é possível ler os anúncios. Só dá pra lembrar que esse modelo de escada rolante já é bem antigo. É pra uma pessoa só. Não dá pra ir conversando. Sol de novo. É mais intenso aqui embaixo, perto do chão, onde a luz rebate. Vou encontrando a Praça Ramos, o Teatro Municipal, anunciando as óperas. Isso é uma coisa que me faz... um pouco de pena, que a gente não consiga ouvir os cantores ensaiando aqui do lado de fora. Na Escola Municipal de Musical, que fica ali, atrás do Teatro Municipal, continuando pela Conselheiro Crispiniano, na Praça das Artes. Às vezes você tá caminhando e você escuta os ensaios, dos instrumentos, das vozes, que as pessoas ensaiam pelos corredores. São estudantes. Os profissionais não. Os profissionais a gente não ouve, só pagando. Essa é a lógica das cidades. Sempre sempre vou achar curioso. Vou me cansar de achar curioso o contraste entre as sombras e escadarias do teatro e toda a luz e iluminação lá dentro. As pessoas que ficam aqui fora, tão diferente das pessoas que entram ali dentro. Mas olhando ao redor, a loja do outro lado, o shopping, eu acho que isso é uma lógica. Outra lógica da cidade. Essa diferenciação entre quem era, ou quem pode entrar, e quem fica do lado de fora. Territórios, que não são desenhados nos mapas. São Paulo tem essa coisa curiosa que são as faixas em X. Na verdade é algo tão orgânico. Eu acredito que deva existir em muitas outras cidades, mas como aqui ainda é recente, tem poucos anos, sempre que eu atravesso por elas, tem um sabor de novidade. A fonte da Praça Ramos. É preciosa. Mesmo que seja um sol enorme, intenso, a sombra lá longe, é importante ter um pouco de água, pra olhar de longe ou até mesmo pra ir se aproximando. Vou descendo as escadas, voltando à praça. Nunca vi essa jaqueira tão carregada como esse ano. Será que houve algum tipo de polinização diferente? Ou será que eu nunca reparei nas jacas

antes? Vou retornando e adentrando aqui, o Centro de Referência da Dança. Não tem ninguém do lado de fora. Só o policial. Bom dia. Mas aqui dentro, a casa é sempre cheia.

Carlos

Primeiro eu queria dizer que nasceu uma planta no livro do Dante. Depois, agradecer a experiência. Eu comecei andando muito rápido, nória, sem razão. E depois que eu passei pelo Largo da Memória, ali, foi que eu comecei a pensar em permitir caminhar com o que eu ia ouvindo. E aí ficou tudo mais tranquilo. A pressa não ajuda em nada.

Eu prefiro não entrar na galeria. Na minha deriva de volta, eu não vou passar por esse barro, é subterrâneo. A deriva é como um flerte. Andando devagar, a cidade é muito mais bonita. Nos azulejos da fonte, o cara teve a capacidade de pichar “original 1533”. E muita água escorre. Os rios submersos de São Paulo. Os rios soterrados de São Paulo. Por que as pessoas picham? Eu tentei várias histórias da pichação, da linguagem do subúrbio, da necessidade de se sentir parte. Mas essa pichação do original 1533 no azulejo me faz pensar em outras coisas. Por que a cidade é odiada? Desprezada. E na minha caminhada eu vi mais de cinco pessoas dormindo pela rua.

Rael

Então, então tá, então tchau.

É... agora eu tô sem bóia. Preferia com bóia. Fez mais sentido quando... ficar com essa bóia no meio dessas pessoas diversas que tem aqui. Parece até que eu... por mais que eu tenha chamado mais atenção, eu me senti mais inserido. Aqui é um lugar que ia ficar interessante se as pessoas andassem por aí com boias. Será que elas iam ficar esbarrando umas nas outras?

É, o centro é um lugar que eu gosto muito de frequentar. Eu me sinto à vontade. Gosto de ficar no meio dessas pessoas. Eu gosto de ouvir o que que elas tão falando em volta de mim. E... Foi gostoso andar com uma pessoa narrando o seu caminho e você procurando com o olhar o que a pessoa tá querendo dizer. Não sei se eu consegui ver todas as vezes, mas... Mas eu saquei. Eu entendi. Eu fiz o meu trajeto com a minha bóia azul, bonita.

É... É, hoje, hoje fica um clima meio melancólico no centro, né... as pessoas te olham curiosas, não sabem bem o que que você tá fazendo. E você não tá fazendo nada realmente. Tá só observando, seguindo seu objeto inútil nesse momento, nesse local. Inútil nesse local. Mas útil num outro, talvez numa outra esfera, uma outra camada, né. Inútil por um lado, mas pode ser útil pelo outro.

E... vamo ver... É, olha que estranho. Agora tipo andar sem a bóia, parece que tá me faltando alguma coisa. A bóia e o áudio foram uma companhia interessante nesse trajeto. Ele virou um outro trajeto. Agora eu to vendo outra coisa, ele tem uma outra sensação, outra percepção sem a boia. Então, o

objeto talvez não seja tao inutil assim, né? Tem outras utilidades, outro significado. Resignificar o objeto que tá contigo. Essas lojas de cosméticos são mó viagem. Eu gosto de, quando eu fumo um, eu gosto de entrar nessas lojas e ficar olhando os rótulos, enquanto eu espero alguém comprar alguma coisa. Desde criança eu faço isso. Só que eu quando eu era criança eu não fumava maconha. Mas desde criança eu gosto de entrar e ficar observando os detalhes. E Aqui tem muito detalhe. Aqui é muito lúdico. Muito lúdico. É muito bom. Uma pequena caminhada de poucos metros e a quantidade de informação que a gente tem.

Eu queria saber que informação a gente passa, passeando com a bóia, pra outras pessoas.

Eu acho que eu to mais fazendo a reflexão com a boia do que necessariamente narrando o meu caminho.

É tem um senhorzinho que ele pega cadeiras quebradas. Eu não sei se ele conserta, se ele vende ou se ele utiliza. É muito louco. Tem bastante gente aqui nesse lugar que eu tô. Olha as bóias ali indo embora. Cadê minha bóia?!! Eu quero minha boia! Me dá minha bóia pra eu voltar de bóia?

Skatistas, eu acho muito legal no centro da cidade ter skatistas. Eles sabem aproveitar o espaço urbano. Ele... e bem integrado com o corpo, sabe. Pé na tábua. Acho que tem tudo a ver com o centro de cidade grande os skatistas. Adoro ouvir o barulho da rodinha passando. É familiar.

Tá bem barulhento agora esse momento. Eles tão fazendo alguma coisa aqui. Parece... esgoto, alguma coisa.

Vou atravessar, cuidado.

Moço, deixa eu passar?

Brigado, brigado.

Tô aqui em frente ao Teatro Municipal agora. Tem um grupo de moradores de rua, amigos. Cachorrinho. Bebidas quentes. Dia azul. Sol estalando. As pessoas relaxando, sentadas. Sem muito pra onde ir, sem muito o que fazer. E tudo bem também, né? Não ter o que fazer, não ter pra onde ir também é uma questão. Não tem nada demais. Faz parte da nossa diversidade. O que as pessoas chamam de vagabundos, né? Eu não vejo assim não.

Agora eu tô aqui numa esquina meio complicada pra atravessar. Vou tentar esperar calmamente aqui. Eu queria às vezes, eu falo com um amigo meu, que eu queria às vezes vir pro centro invisível, se sentar no meio desse grupo de pessoas que se reúnem, né, os moradores de rua, a galera que vive aqui. Só pra ouvir o papo deles, só pra ouvir a conversa deles, sabe? Sem ser percebido, sem interferir. Eu gosto muito dessas pessoas e o que elas tem a dizer. E... a vida delas.

Eu to passando por um cara vestido de Charles Chaplin. Ele vai fazer uma apresentação aqui logo menos. Tá muito legal a fantasia dele! Que legal. Deve ser difícil, né. Charles Chaplin é um... foda! Um artista. Passei por um artista. Artista de rua.

Agora eu tô aqui descendo a... o chafariz tá desligado. E essas peças de bronze são muito maneiras, cara. São muito maneiras. São muito foda. É vivo, né, tem um movimento, né, apesar de serem estátuas estáticas.

Incrível. Incrível tudo isso aqui. Por esse ponto de vista. Esse ponto de vista com a bóia foi muito legal. Gostei bastante. Isso. Tô chegando aqui agora no meu ponto de partida. Vou encerrar aqui meu áudio. Estou debaixo do pé de jaca, onde tudo começou. Realmente ela está cheia de fruto. Cheia de fruto. Tem um saco plástico lá em cima. Como é que colocaram esse saco plástico lá em cima? Whatever... É isso.

Shirley

Mari: Agora sim...

Bárbara: pronto...Vai! Tá gravando já! Quando cê acabar, cê aperta aqui, mas só quando cê chegar lá.

Shirley: Aperto aqui.

Bárbara: É, mas já tá gravando.

Shirley: Cê vai descer comigo?

Bárbara: Vou, mas vai indo.

Shirley: Ah, tá.

Hoje estou vivendo uma experiência muito interessante. Estou aqui saindo, conhecendo e reconhecendo uma parte do centro de São Paulo. Vivendo uma experiência bastante interessante, integrante e bastante... é... reflexiva. Saio aqui da Praça Dom José Gaspar, voltando, fazendo o percurso inverso do que eu vim e apreciando o centro. De fato, o centro de São Paulo é um centro muito bonito, muito interessante.

Na experiência eu carregava um pavão imenso inflável. E pensei de início que eu fosse ficar intimidada de andar pelo centro, as pessoas me olhando carregando aquilo. Mas à medida que eu ia ouvindo a narrativa, eu... a narrativa foi me absorvendo e eu nem percebi em determinados momentos que eu estava carregando aquele pavão e que as pessoas pudessem estar me olhando. Eu entrei na narrativa. E isso me fez pensar a respeito do meu trabalho, que muitas vezes eu trabalho e penso na narrativa e veio então me mostrar o poder da narrativa. Como que a gente consegue entrar

na narrativa, na história que em princípio é do outro e viver essa experiência que não é nossa, mas que no momento que você consegue e que você começa a vivenciar, você passa também a fazer parte daquela narrativa e você vai criando novas narrativas. Então foi muito interessante. Porque... é, essa experiência de caminhada pelo centro, vendo quão bonito é a cidade, vendo detalhes que estavam naquelas narrativas, eu pude refletir sobre essa questão, de que eu estava personagem de uma narrativa, mas que ao mesmo tempo eu estava construindo minha própria narrativa, a minha própria história, e a história de caminhar por esse centro, por esse percurso, tão interessante, instigante. Se a gente passa por aqui, se eu passasse por aqui numa situação que não fosse essa experiência, certamente eu não perceberia tantas belezas, tantos detalhes, mas é... é muito instigante esse encontro do olhar do outro com o nosso olhar, o nosso próprio olhar. Porque muitas vezes o outro vê coisas que a gente é incapaz de enxergar. E da mesma forma, muitas vezes o outro deixa escapar do seu olhar coisas que pra gente é bastante significativa.

Estou caminhando agora rumo à rua...ah, agora me esqueci o nome, eu não sei os nomes das ruas aqui. Mas enfim, estou de frente um prédio que se chama Casa Alves de Lima. Uma porta muito interessante. Aqui do lado uma loja toca um funk e as pessoas caminham e eu fico totalmente absorvida pela cidade e esqueço dos paradigmas que trago comigo sobre a cidade de São Paulo, uma vez que eu venho de fora e que trago comigo uma série de preconceitos e paradigmas sobre esse lugar, sobre essa história, sobre as pessoas que por aqui circulam. Então a experiência, ela tem sido muito interessante até pra isso.

Estou aqui na Itapetininga de frente ao museu, ao museu não, ao Teatro Municipal, prédio inclusive que é maravilhoso. Na minha opinião, essa região é uma das regiões mais lindas da cidade de São Paulo, com esse prédio do teatro... é... e rodeado de vida.

Aqui no teatro várias pessoas parecem turistas nas escadarias e ao mesmo tempo, nas outras escadas laterais, pessoas que estão ali sentadas, pessoas que parecem que circulam e que vivem pela região. Enquanto os turistas estão tirando fotos e esperando, vejo nas escadarias do municipal dois homens jogados na porta, deitados na porta no chão, se misturando em meio aos turistas. E os turistas, é... como se os turistas não enxergassem essas pessoas que estão ali jogadas pelo chão. Uma cena que... esse tipo de cena sempre me chama atenção. Mas interessante que hoje eu também andei pela cidade sobre o olhar do outro e também não percebi as muitas pessoas jogadas pelo chão e também não percebi as muitas pessoas que me olhavam. E fiquei presa apenas à narrativa e ao olhar do outro.

Agora estou aguardando o semáforo abrir para atravessar rumo à praça da república.

Muitas pessoas sempre caminhando pra lá e pra cá. E o sol muito quente.

Atravesso a rua e saio aqui na praça. Já é outra visão. Parece que é outro universo, parece que é outra cidade, que é outro... e, de fato, é outro lugar. A grama verde, as estátuas, as escadarias. Desço a escada pelo lado direito rumo ao meu ponto de chegada.

Muito sol... a sombra das árvores agora acolhe... ai, me deu vontade de pegar uma jaca dessa aqui, mas... porque eu também nunca colhi uma jaca, mas enfim elas estão um pouco pequenininhas.

Ceguei.